

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN  
CURSO DE JORNALISMO

ALICE MACIEL DE ROS

**JORNALISMO E PANDEMIA: ANÁLISE DA COBERTURA DIÁRIA DOS BALANÇOS DA  
COVID-19 NOS PORTAIS G1, R7 E UOL**

Porto Alegre  
2021

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

ALICE MACIEL DE ROS

**JORNALISMO E PANDEMIA: ANÁLISE DA COBERTURA DIÁRIA DOS  
BALANÇOS DA COVID-19 NOS PORTAIS G1, R7 E UOL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau em Bacharel em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design – Famescos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Me.Tércio Saccol

Porto Alegre

2021

ALICE MACIEL DE ROS

**JORNALISMO E PANDEMIA: ANÁLISE DA COBERTURA DIÁRIA DOS  
BALANÇOS DA COVID-19 NOS PORTAIS G1, R7 E UOL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau em Bacharel em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Me. Tércio Saccol

Aprovada em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Me. Tércio Saccol (PUCRS)

---

---

Porto Alegre

2021

## **AGRADECIMENTOS**

Em quase cinco anos de graduação, meu primeiro agradecimento deve ser direcionado aos meus pais, Rosana Teresa Maciel de Ros e Luciano José de Ros, que sempre estiveram ao meu lado e trabalharam incansavelmente para que este momento fosse possível. Muito obrigada por todos os anos presentes e por apoiarem minha motivação, persistência e desenvolvimento.

Também agradeço aos professores que fizeram parte desta trajetória e contribuíram com conhecimentos, vivências, perspectivas e conselhos. É com muito carinho que lembro de cada um de vocês em minha rotina de trabalho e decisões profissionais. O agradecimento engloba, ainda, todos os funcionários da Famecos e da PUCRS, que me acolheram e ajudaram desde o meu primeiro contato com o Campus.

Preciso fazer um agradecimento especial ao meu professor orientador, Tércio Saccol, que esteve presente em um momento tão delicado como a pandemia de Covid-19 e participou de cada etapa do processo de construção desta monografia. Obrigada, Tércio, pela sensibilidade e paciência em cada orientação e por sempre transparecer ética e profissionalismo.

Devo direcionar um agradecimento simbólico aos profissionais que trabalharam ininterruptamente durante a pandemia e que continuam firmes, mesmo após mais de um ano de uma doença devastadora. Minha solidariedade a todas as categorias que não tiveram a opção de parar ou trabalhar de maneira mais segura, remotamente, como profissionais da saúde, comunicadores, transportadores etc. A presente análise foi construída pensando na importância de cada uma dessas pessoas para vencermos o vírus.

Por fim, a todos que são parte dessa trajetória acadêmica, muito obrigada!

## RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar quais características do jornalismo on-line foram utilizadas pelos portais G1, R7 e UOL para apresentar o balanço diário de dados da Covid-19 no Brasil. Os veículos escolhidos representam três dos portais de notícias mais conhecidos no país e acessados habitualmente, segundo pesquisa realizada pela empresa Provokers e encomendada pela organização filantrópica Luminate em 2020. Para tal, foram delimitadas quinze notícias publicadas pelos portais no período de agosto de 2020 a abril de 2021. O critério de seleção das mesmas consiste na publicação de notícias factuais que saíram um dia após o Brasil atingir as marcas simbólicas de 50 mil, 100 mil, 200 mil, 300 mil e 400 mil mortes pela doença. O estudo revisita conceitos de jornalismo pós-industrial, descrito por Martínez de la Serna (2018), webjornalismo, apresentado por Canavilhas (2014), convergência digital, proposta por Jenkins (2006), jornalismo de saúde, dissertado por Kucinski (2000), e newsmaking, abordado por Traquina (2001) e Moretzsohn (2002). A pesquisa é um recorte do processo de cobertura da pandemia de Covid-19 no país e enfatiza a relevância da produção jornalística para a manutenção do acesso à informação de saúde. Conclui-se que os portais G1 e UOL avançaram na complexificação da cobertura diária do vírus após a criação do consórcio de imprensa. O R7, por sua vez, mantém poucas mudanças na estrutura das notícias de 2020 e 2021 e preserva o Ministério da Saúde como fonte principal.

**Palavras-chave:** Jornalismo On-line. Jornalismo de Saúde. G1. R7. UOL. Covid-19. Pandemia. Consórcio de Imprensa.

## ABSTRACT

This paper intends to analyze the online journalism strategies chosen by the Brazilian news outlets G1, R7 and UOL to present the daily data of Covid-19 in Brazil. The chosen vehicles represent three of the most popular news outlets in the country, according to a research conducted by the philanthropic organization Luminate through the company Provokers in 2020. In order to achieve that, fifteen articles in the time period of August 2020 through April 2021 from those vehicles were chosen. The criteria for selection was factual news that were published a day after Brazil hit the symbolic marks of 50 thousand, 100 thousand, 200 thousand, 300 thousand and 400 thousand deaths due to the disease. This study revisits concepts of post-industrial journalism, described by Martínez de la Serna (2018), webjournalism, presented by Canavilhas (2014), digital convergence, proposed by Jenkins (2006), health journalism, discoursed by Kucinski (2000), and newsmaking, approached by Traquina (2001) and Moretzsohn (2002). The research is a snippet of the Covid-19 pandemic reporting process in the country and emphasizes the relevance of journalistic production in maintaining access to information about health. It is concluded that the outlets G1 and UOL advanced in the complexification of daily reporting about the vírus after the creation of the press consortium. R7, on the other hand, added only a few changes to the 2020 and 2021 news sctructure, keeping the Health Ministry as its main source.

**Keywords:** On-line Journalism. Health Journalism. G1. R7. UOL. Covid-19. Pandemic. Press consortium.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Notícia G1 do dia 21/06/20 .....	66
<b>Figura 2</b> - Gráfico Total de mortes por dia por coronavírus no Brasil.....	68
<b>Figura 3</b> - Gráfico Total de mortes por coronavírus no Brasil e nos estados .....	69
<b>Figura 4</b> - Gráfico Mortes por Covid-19 no Brasil .....	69
<b>Figura 5</b> - Gráfico Mortes por Covid-19 no Brasil e nos estados brasileiros .....	70
<b>Figura 6</b> - Notícia R7 do dia 21/06/2020.....	71
<b>Figura 7</b> - Notícia UOL do dia 21/06/2020 .....	74
<b>Figura 8</b> - Gráfico Covid-19: evolução de infectados, de curados e de mortos.....	76
<b>Figura 9</b> - Notícia G1 do dia 09/08/2020 .....	78
<b>Figura 10</b> - Gráfico de mortes em crescimento por estado .....	80
<b>Figura 11</b> - Gráficos de mortes em todo o Brasil e distribuídas por estados.....	81
<b>Figura 12</b> - Notícia R7 do dia 09/08/2020.....	82
<b>Figura 13</b> - Imagem usada pelo R7 para ilustrar a publicação.....	84
<b>Figura 14</b> - Notícia UOL do dia 09/08/2020 .....	85
<b>Figura 15</b> - Notícia G1 do dia 08/01/2021 .....	88
<b>Figura 16</b> -Notícia R7 do dia 08/01/2021.....	91
<b>Figura 17</b> - Notícia UOL do dia 08/01/2021 .....	93
<b>Figura 18</b> - Gráfico de novas mortes por dia no Brasil .....	95
<b>Figura 19</b> - Gráfico de evolução da média móvel de mortes.....	95
<b>Figura 20</b> - Gráfico de novas mortes por dia – Espírito Santo .....	96
<b>Figura 21</b> - Notícia G1 do dia 25/03/2021 .....	97
<b>Figura 22</b> - Notícia R7 do dia 25/03/2021.....	101
<b>Figura 23</b> - Notícia UOL do dia 25/03/2021 .....	103
<b>Figura 24</b> - Notícia G1 do dia 30/04/2021 .....	106
<b>Figura 25</b> - Gráfico de abril, o pior mês da pandemia .....	108
<b>Figura 26</b> - Gráfico com a média de mortes nos últimos sete dias .....	109
<b>Figura 27</b> - Notícia R7 do dia 30/04/2021.....	110
<b>Figura 28</b> - Ferramenta Vacinômetro desenvolvida pelo R7 .....	112
<b>Figura 29</b> - Notícia da UOL dia 30/04/2021 .....	113
<b>Figura 30</b> - Mortes por Covid-19 no Brasil por mês.....	115
<b>Figura 31</b> - Variação da média móvel de óbitos (14 dias) no Brasil ao longo de abril .....	115
<b>Figura 32</b> - Distribuição das mortes por Covid-19 no Brasil por ano.....	116

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Fontes citadas, ouvidas ou descritas .....	67
<b>Quadro 2</b> - Fontes citadas, ouvidas ou descritas .....	73
<b>Quadro 3</b> - Fontes citadas, ouvidas ou descritas .....	75
<b>Quadro 4</b> - Fontes citadas, ouvidas ou descritas .....	79
<b>Quadro 5</b> - Fontes citadas, ouvidas ou descritas .....	83
<b>Quadro 6</b> - Fontes citadas, ouvidas ou descritas .....	86
<b>Quadro 7</b> - Fontes citadas, ouvidas ou descritas .....	89
<b>Quadro 8</b> - Fontes citadas, ouvidas ou descritas .....	91
<b>Quadro 9</b> - Fontes citadas, ouvidas ou descritas .....	94
<b>Quadro 10</b> - Fontes citadas, ouvidas ou descritas .....	99
<b>Quadro 11</b> - Fontes citadas, ouvidas ou descritas .....	102
<b>Quadro 12</b> - Fontes citadas, ouvidas ou descritas .....	104
<b>Quadro 13</b> - Fontes citadas, ouvidas ou descritas .....	108
<b>Quadro 14</b> - Fontes citadas, ouvidas ou descritas .....	111
<b>Quadro 15</b> - Fontes citadas, ouvidas ou descritas .....	114

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2. CONSUMO E PRODUÇÃO DE JORNALISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA</b> ..	<b>15</b>
2.1 COVID-19 E IMPACTOS INICIAIS NO BRASIL .....	<b>15</b>
2.2 EVOLUÇÃO DA COBERTURA DA COVID-19 .....	<b>20</b>
2.3 O DEBATE SOBRE DESINFORMAÇÃO.....	<b>27</b>
2.4 CONSÓRCIO DE IMPRENSA, JORNALISMO DIÁRIO E FONTES DE INFORMAÇÃO.....	<b>31</b>
<b>3. JORNALISMO CIENTÍFICO E DE SAÚDE: PERSPECTIVAS DA COBERTURA NO DIGITAL</b> .....	<b>38</b>
3.1 A ÁREA DE SAÚDE NO JORNALISMO.....	<b>38</b>
<b>3.1.1 A cobertura jornalística de saúde em epidemias e pandemias</b> .....	<b>44</b>
3.2 JORNALISMO ON-LINE: CARACTERÍSTICAS E ROTINAS.....	<b>51</b>
3.3 DINÂMICAS DE APURAÇÃO E ESCOLHAS EDITORIAIS EM PORTAIS DE NOTÍCIAS .....	<b>59</b>
<b>4. O TRABALHO DOS PORTAIS DE NOTÍCIAS NA DIVULGAÇÃO DE BOLETINS DIÁRIOS</b> .....	<b>63</b>
4.1 A METODOLOGIA UTILIZADA NA ANÁLISE .....	<b>64</b>
4.2 ANÁLISE DOS BALANÇOS DIÁRIOS DA COVID-19 PELOS PORTAIS G1, R7 e UOL.....	<b>65</b>
<b>4.2.1 A notícia do G1 21/06/2020</b> .....	<b>65</b>
4.2.1.1 Título e linha de apoio .....	<b>66</b>
4.2.1.2 Fontes.....	<b>67</b>
4.2.1.3 Recursos multimídia.....	<b>68</b>
4.2.1.4 Hiperlinks.....	<b>71</b>
<b>4.2.2 A notícia do R7 21/06/2020</b> .....	<b>71</b>
4.2.2.1 Título e linha de apoio .....	<b>72</b>
4.2.2.2 Fontes.....	<b>72</b>
4.2.2.3 Recursos multimídia.....	<b>73</b>
4.2.2.4 Hiperlinks.....	<b>73</b>
<b>4.2.3 A notícia do UOL 21/06/2020</b> .....	<b>73</b>
4.2.3.1 Título e linha de apoio .....	<b>74</b>
4.2.3.2 Fontes.....	<b>75</b>
4.2.3.3 Recursos multimídia.....	<b>75</b>
4.2.3.4 Hiperlinks.....	<b>77</b>
<b>4.2.4 A notícia do G1 09/08/2020</b> .....	<b>77</b>
4.2.4.1 Título e linha de apoio .....	<b>78</b>

4.2.4.2 Fontes.....	79
4.2.4.3 Recursos multimídias .....	80
4.2.4.4 Hiperlinks.....	81
<b>4.2.5 A notícia do R7 09/08/2020.....</b>	<b>82</b>
4.2.5.1 Título e linha de apoio .....	83
4.2.5.2 Fontes.....	83
4.2.5.3 Recursos multimídia .....	83
4.2.5.4 Hiperlinks.....	84
<b>4.2.6 A notícia do UOL 09/08/2020.....</b>	<b>84</b>
4.2.6.1 Título e linha de apoio .....	85
4.2.6.2 Fontes.....	85
4.2.6.3 Recursos multimídia .....	86
4.2.6.4 Hiperlinks.....	86
<b>4.2.7 A notícia do G1 08/01/2021 .....</b>	<b>87</b>
4.2.7.1 Título e linha de apoio .....	88
4.2.7.2 Fontes.....	89
4.2.7.3 Recursos multimídia .....	89
4.2.7.4 Hiperlinks.....	90
<b>4.2.8 A notícia do R7 08/01/2021.....</b>	<b>90</b>
4.2.8.1 Título e Linha de apoio .....	91
4.2.8.2 Fontes.....	91
4.2.8.3 Recursos multimídia .....	92
4.2.8.4 Hiperlinks.....	92
<b>4.2.9 A notícia do UOL 08/01/2021.....</b>	<b>92</b>
4.2.9.1 Título e linha de apoio .....	93
4.2.9.2 Fontes.....	93
4.2.9.3 Recursos multimídia .....	94
4.2.9.4 Hiperlinks.....	96
<b>4.2.10 A notícia do G1 25/03/2021 .....</b>	<b>97</b>
4.2.10.1 Título e linha de apoio .....	98
4.2.10.3 Recursos multimídia .....	99
4.2.10.4 Hiperlinks.....	99
<b>4.2.11 A notícia do R7 25/03/2021.....</b>	<b>100</b>
4.2.11.1 Título e linha de apoio .....	101
4.2.11.2 Fontes.....	101
4.2.11.3 Recursos multimídia .....	102
4.2.11.4 Hiperlinks.....	102
<b>4.2.12 A notícia do UOL 25/03/2021.....</b>	<b>102</b>
4.2.12.1 Título e linha de apoio .....	104
4.2.12.2 Fontes.....	104
4.2.12.3 Recursos multimídia .....	104
4.2.12.4 Hiperlinks.....	105
<b>4.2.13 A notícia do G1 30/04/2021 .....</b>	<b>106</b>
4.2.13.1 Título e linha de apoio .....	107

4.2.13.2 Fontes.....	107
4.2.13.3 Recursos multimídia .....	108
4.2.13.4 Hiperlinks.....	109
<b>4.2.14 A notícia do R7 30/04/2021.....</b>	<b>110</b>
4.2.14.1 Título e linha de apoio .....	111
4.2.14.2 Fontes.....	111
4.2.14.3 Recursos multimídia .....	111
4.2.14.4 Hiperlinks.....	112
<b>4.2.15 A notícia do UOL 30/04/2021.....</b>	<b>113</b>
4.2.15.1 Título e linha de apoio .....	114
4.2.15.2 Fontes.....	114
4.2.15.3 Recursos multimídia .....	114
4.2.15.4 Hiperlinks.....	116
4.3 INFERÊNCIAS A PARTIR DA ANÁLISE DOS PORTAIS G1, R7 e UOL.....	116
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>120</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>124</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O consumo e a produção de jornalismo no período pós-industrial são caracterizados pelo processo dinâmico de apuração e publicação de notícias. Diariamente, incentivados pela dinâmica de operação das mídias sociais, lidamos com um grande volume de informações em frequência similar ao tempo real. A fragmentação dessas informações acontece a cada nova atualização de um fato, divulgada em portais de notícias, aplicativos e redes sociais. Este estilo de consumo é uma característica oriunda do jornalismo on-line, marcado pela interação com a audiência e pela instantaneidade.

A produção torna-se ainda mais acelerada quando as redações precisam lidar com situações que envolvem mudanças frequentes e não familiares, como no caso de epidemias e pandemias. Neste contexto, as equipes que atuam em portais de notícias necessitam readequar a rotina de trabalho e até mesmo desenvolver novas habilidades, como repertórios específicos para poder interpretar e transmitir conceitos de saúde de modo sintetizado. Assim como nas coberturas da Aids, do vírus H1N1 e do vírus Zika, o jornalismo brasileiro passou a acompanhar os desdobramentos da Covid-19 no Brasil a partir de fevereiro de 2020. Porém, diferente das coberturas citadas, o vírus da Covid-19, que configura uma pandemia, possui alto teor de transmissibilidade, o que implicou na restrição de serviços considerados não essenciais, em novos cuidados de proteção individual e coletiva e em limitações de contato entre jornalistas e fontes. Além disso, jornalistas também enfrentaram problemas para acessar os dados da Covid-19 devido à falta de transparência do Ministério da Saúde, que teve três ministros diferentes no período compreendido entre fevereiro, quando o primeiro caso de um brasileiro com o vírus foi identificado, a maio de 2020, quando Eduardo Pazuello, até então ministro interino, assumiu o cargo após a saída de Nelson Teich.

Diante de uma sequência de dias com atrasos na divulgação de ações de combate ao vírus e estatísticas por parte do Ministério da Saúde, assim como o cancelamento de entrevistas coletivas e a retirada do site do ar, os veículos G1, O Globo, Extra, O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo e UOL decidiram iniciar uma parceria colaborativa para formar o chamado consórcio de imprensa, lançado em junho de 2020. A iniciativa defende uma resposta à omissão de dados oficiais do governo federal, uma vez que os dados diários começaram a apresentar números

reduzidos quando comparados aos de dias anteriores, bem como o apagamento de casos em acompanhamento e mortes em investigação. Com o consórcio criado, os veículos integrantes passaram a usar os números coletados diretamente nas secretarias estaduais de Saúde como fonte principal, deixando o Ministério da Saúde em segundo plano. Já portais como o R7, do Grupo Record, optaram por manter o Ministério da Saúde como fonte oficial, sem questionar a ambiguidade dos dados repassados.

A partir do contexto apresentado, este trabalho tem o objetivo de analisar as características do jornalismo on-line utilizadas pelos portais G1, R7 e UOL para apresentar o balanço diário de dados da Covid-19 no Brasil. O estudo busca compreender como foi realizada a divulgação de óbitos totais e em 24 horas, novos casos diagnosticados e média móvel em notícias publicadas após as marcas simbólicas de 50 mil, 100 mil, 200 mil, 300 mil e 400 mil óbitos pela doença. Também foi considerado o impacto da criação do consórcio na evolução do processo de cobertura diária e a exploração de recursos predominantes no jornalismo on-line.

Para discutir e aprofundar em qual contexto os portais encaram a pandemia de Covid-19, a monografia, dividida em cinco capítulos, abordará o cenário em que se desenvolve o jornalismo pós-industrial, as características do jornalismo de saúde e as configurações do jornalismo on-line. No capítulo dois, serão lembrados os primeiros fatos acerca da Covid-19 em caráter mundial, como casos iniciais e pesquisas que mapeiam a origem do vírus, assim como a chegada da doença ao Brasil. Ainda serão apresentados os impactos da pandemia nas esferas federal e estadual, tal qual as decisões tomadas por grandes veículos de comunicação para adequar a produção aos protocolos sanitários indicados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Ministério da Saúde.

No terceiro capítulo, o jornalismo de saúde é discutido enquanto segmento e prestação de serviço à comunidade. Ao contextualizá-lo, serão indicados exemplos aplicados ao vírus da Covid-19 e coberturas já realizadas de pandemias e epidemias. Também neste capítulo, abordo a origem do jornalismo on-line e os principais estágios de evolução até a presente década. As sete características do webjornalismo abordadas por Canavilhas (2014) são descritas individualmente, a fim de que seja feita uma correlação entre elas com as notícias dos portais analisados. O conceito de convergência digital proposto por Jenkins (2006) também é debatido, assim como o processo de produção de notícias por Traquina (2001) e Moretzsohn (2002).

O quarto capítulo é dedicado à análise de conteúdo. A metodologia segue o modelo defendido por Bardin (2011). Foram selecionadas quinze notícias factuais para analisar as características empregadas pelos portais G1, R7 e UOL. A cada notícia, definida pelo marco de óbitos do dia anterior, como já explicado, o conteúdo é dividido em quatro categorias. São elas: Título e linha de apoio, Fontes, Recursos multimídia e Hiperlinks. Os elementos em evidência servem de base para medir a complexibilidade da matéria, a profundidade, a determinação de fontes, o desenvolvimento dos textos em relação a temas de saúde e a integração dos portais com as características do jornalismo on-line. Após, apresento inferências sobre o estudo e considerações sobre o processo de cobertura.

Com isso, a análise propõe um recorte da cobertura de Covid-19 no período de agosto de 2020 a abril de 2021, através de cinco marcas simbólicas que dimensionam o avanço acelerado da doença no país. O tema escolhido ocorre em decorrência do papel do jornalismo enquanto agente de transformação e de contestação, visto que a imprensa tem atuado de modo persistente para manter a relevância e a ética diante da audiência.

## **2. CONSUMO E PRODUÇÃO DE JORNALISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA**

A produção jornalística tem concorrido progressivamente com o conceito de economia da atenção e a superprodução de informações. O jornalismo on-line, em especial, sustentado por um ambiente inserido na instantaneidade e na disputa de atenção com as mídias sociais, busca manter-se sólido, consistente e fidedigno, mesmo em uma esfera movida pelo senso comum e que compara o trabalho desempenhado por jornalistas com publicações feitas por qualquer usuário com um dispositivo móvel com acesso à internet.

O papel do jornalista, contudo, difere-se dos demais atores justamente pelo propósito de processamento das informações. Pressupõe-se que todo o conteúdo jornalístico é distinto por passar por uma filtragem, seleção e apuração dos fatos ocorridos. A integridade destas etapas de apuração é ainda mais evidente quando episódios globais, como a pandemia de Covid-19, exigem alto grau de complexibilidade para a manutenção da checagem constante. Em um contexto pandêmico, a busca por informação de qualidade torna-se primordial para a audiência, pois é a partir dela que a população encontra formas de proteção individual e coletiva, entende o cenário em que a doença está inserida e difere com clareza o que é verdade e o que é enquadrado como fake news.

Assim, em um período inconstante e que reserva barreiras físicas e políticas, a pandemia de Covid-19 segue desdobrando mudanças na relação jornalismo, fontes e audiência. A seguir, apresento os principais desafios do processo de cobertura do vírus no Brasil e as adaptações promovidas pelos veículos mais tradicionais.

### **2.1 COVID-19 E IMPACTOS INICIAIS NO BRASIL**

O Sars-CoV-2, vírus causador da Covid-19, foi registrado pela primeira vez em um humano em 1º de dezembro de 2019. O paciente diagnosticado era um homem morador da cidade de Wuhan, na China. Posteriormente, em março de 2020, o caso que deu início à pandemia foi reconhecido pelo governo chinês como originado em novembro de 2019, na província de Hubei.

Decorrente da família coronavírus, estudos consideram que o Sars-CoV-2 sofreu mutações em morcegos antes de contaminar humanos e outros mamíferos. De acordo com um estudo realizado por pesquisadores da Universidade de Glasgow, na Escócia (OSCAR, 2021), o vírus não sofreu mutações significativas antes de ser

identificado na China. Outro estudo produzido pelo periódico científico Nature Communications, publicado em fevereiro de 2021, identifica um vírus quase idêntico ao Sars-CoV-2 em morcegos-ferradura residentes em um santuário no Leste da Tailândia. Denominado RacCS203, o vírus tem 91,5% de similaridade com o Sars-CoV-2 quando comparado entre os genomas. A descoberta foi encontrada em uma região de 4.800 km de distância entre a área onde pesquisadores estudam o possível início da pandemia.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece, através de missão investigativa finalizada em fevereiro de 2021, que a origem da pandemia de Covid-19 tem indícios a partir da transmissão entre animais (ÉPOCA, 2021). As investigações promovidas pela OMS tendem a apontar que a origem do vírus está em um reservatório natural de morcegos, localizado fora de Wuhan. Os pesquisadores acreditam que os morcegos tenham transmitido o vírus para outro animal, e dele para humanos, em uma cadeia que ainda não é reconhecida. De acordo com a missão, o vírus teria chegado a Wuhan por meio de comidas congeladas, trazidas de fora da China.

A consideração da doença como parte da família coronavírus foi anunciada pela OMS e pelas autoridades da China em 09 de janeiro de 2020. Nesta ocasião, foram divulgadas as primeiras análises de genomas sequenciados monitoradas por equipes chinesas. Os estudos apontaram que os primeiros casos de pneumonia relatados na China foram decorrentes de um novo coronavírus. O vírus SARS-CoV-2 é classificado como integrante da família coronavírus, que reúne diversos vírus presentes em diferentes espécies de animais, como camelos, gado, gatos e morcegos (BRASIL, 2020). Raramente os coronavírus detectados em animais têm o poder de infectar humanos.

A Covid-19 é uma doença causada pelo SARS-CoV-2 e apresenta espectro clínico de infecções assintomáticas a quadros graves. Dentre os principais sintomas da infecção, destacam-se tosse, coriza, dor de garganta, síndromes respiratórias, perda de olfato, alterações de paladar, cansaço, diminuição de apetite e dispnéia. As principais formas de contágio, de acordo com a OMS, são por contato pessoal próximo, gotículas de saliva e contato com superfícies contaminadas.

A OMS reconheceu oficialmente o avanço das infecções por Sars-CoV-2 como estado de pandemia em 11 de março de 2020. Na data, o número de casos ultrapassou 118 mil pacientes positivos ao redor do mundo e 4.291 mortes. Além da

China, outros 109 países também registraram a presença do vírus. Ao noticiarem a declaração da OMS, alguns veículos brasileiros, como UOL e Grupo Abril, também realizaram projeções do impacto do estado de pandemia no Brasil. As matérias produzidas pelos portais acrescentam, de forma geral, entre os pronunciamentos feitos pela OMS, a capacidade de atendimento do sistema de saúde do país e os efeitos da circulação do vírus para grupos de risco, como idosos e pessoas com comorbidades.

Entre os meses de dezembro de 2019 a fevereiro de 2020, os veículos brasileiros limitaram a cobertura do Sars-CoV-2, em observação geral, ao desdobramento das investigações de mapeamento dos primeiros casos diagnosticados em Wuhan. Os principais conteúdos produzidos nesses meses relatam o andamento das investigações promovidas pelas autoridades chinesas e pela OMS sobre a origem do novo coronavírus, o avanço do vírus pelo mundo, as medidas anunciadas pelos países que tiveram casos positivos para a doença e orientações em relação às medidas de proteção.

O primeiro caso detectado no Brasil foi registrado pelo Ministério da Saúde em 26 de fevereiro de 2020 (G1, 2020). O paciente era um homem de 61 anos, morador de São Paulo, que tinha viajado para a Itália entre os dias 09 e 21 de fevereiro. Com a divulgação do diagnóstico, 30 familiares do paciente precisaram realizar isolamento domiciliar e outros 20 pacientes começaram a ser acompanhados por suspeita de contaminação. O primeiro óbito pela doença no Brasil foi registrado em 12 de março de 2020 (G1, 2020). Segundo o Ministério da Saúde, a vítima foi uma mulher de 57 anos, moradora de São Paulo.

O governo federal antecipou, em 04 de fevereiro de 2020, o estado de emergência sanitária no Brasil e enviou para o Congresso Nacional um projeto de lei com medidas específicas para o enfrentamento da pandemia de Covid-19. Assinada pelo então ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, a Lei nº 13.979, de 06 de fevereiro de 2020, declarou “emergência em saúde pública de importância nacional, em decorrência da infecção humana pelo novo coronavírus” (BRASIL, 2020a) e viabilizou que a Secretaria de Vigilância em Saúde convocasse profissionais de saúde para reforçar o atendimento público, além da aquisição de bens, contratação de serviços e autorização para que gestores locais de saúde adotassem medidas previstas na legislação para o combate à pandemia.

A Lei nº 13.979 também atribui, no Art. 6º, § 2º, ao Ministério da Saúde a responsabilidade de apresentar publicamente dados sobre a pandemia, como número de casos confirmados, em investigação e óbitos. Segundo o texto,

O Ministério da Saúde manterá dados públicos e atualizados sobre os casos confirmados, suspeitos e em investigação, relativos à situação de emergência pública sanitária, resguardando o direito ao sigilo das informações pessoais (BRASIL, 2020a).

O Ministério da Saúde, comandado, na época, pelo ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, foi o setor responsável por compilar informações de novos infectados, número de óbitos, recuperados, estratégias e demais dados da Covid-19 no país. Neste período, as informações divulgadas pelos veículos de comunicação eram embasadas em coletivas de imprensa e dados disponibilizados pelo Ministério da Saúde. Meses mais tarde, diante de um cenário conturbado devido a troca de ministros da pasta, o Ministério da Saúde passou a não apresentar os dados integrais sobre os efeitos da pandemia de Covid-19. Frente a dificuldades para acessar as informações divulgadas oficialmente, os veículos G1, O Globo, Extra, O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo e UOL fundaram um consórcio de imprensa para coletar dados diretamente das Secretarias Estaduais de Saúde. O trabalho é realizado desde 08 de junho de 2020. O mesmo método de contagem também foi adotado pelo Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (Conass), que reúne informações sobre o número de óbitos diários, acumulados e novos casos nos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal. O consórcio de imprensa divulga as informações às 20h, enquanto o Conass divulga às 18h.

Com o avanço dos casos de Covid-19 no Brasil, intensificado na segunda semana de março de 2020, as emissoras de TV aberta adotaram novas programações. A medida foi necessária para adequar as gravações presenciais aos protocolos sanitários de combate ao vírus, que incluem restrição de circulação de pessoas, distanciamento social, uso de máscara de proteção facial e higienização constante de mãos e superfícies com álcool gel 70 por cento.

A partir da Portaria 353 do Ministério da Saúde (BRASIL, 2020b), publicada em 11 de março de 2020, estados e municípios começaram a adotar ações específicas para o enfrentamento da Covid-19. De acordo com a portaria, o isolamento social “objetiva a separação de pessoas sintomáticas ou assintomáticas, em investigação clínica e laboratorial, de maneira a evitar a propagação da infecção e transmissão

local”. Outra recomendação foi a determinação de quarentena, período que compreende 40 dias de isolamento social, indicada por secretarias de Saúde de estados e municípios e definida pelo Ministério da Saúde como uma decisão para “garantir a manutenção dos serviços de saúde em local certo e determinado” (BRASIL, 2020b).

Em frente às limitações de deslocamento para cobertura externas, restrição de contato físico entre colaboradores e fontes, corte de gastos com pessoal e de investimento por patrocinadores, decorrentes de uma queda geral de arrecadação financeira durante o período de restrição de circulação e das atividades consideradas não essenciais, os veículos de jornalismo sofreram os efeitos sanitários e econômicos do início da pandemia no Brasil. As primeiras manifestações de mudanças foram registradas em grandes empresas de comunicação. As principais delas serão apresentadas a seguir.

A reformulação da grade de programação da TV Globo estreou dia 16 de março de 2020, a fim de estender a cobertura jornalística da Covid-19 (GLOBO, 2020). A emissora ampliou a exibição de programas jornalísticos em onze horas diárias. Para conceber as alterações, os programas “Mais Você”, “Encontro com Fátima Bernardes”, “Globo Esporte” e “Se Joga” tiveram transmissão interrompida para dar espaço à nova programação. Com os horários disponíveis, a TV Globo passou a exibir o telejornal “Hora 1” às 04h, seguido pelo programa “Bom Dia” de cada estado, entre 06h e 08h30. Após, o “Bom Dia Brasil” foi prolongado até 10h. Logo depois, a emissora exibiu o “Combate ao Coronavírus”, programa integralmente dedicado à cobertura da pandemia de Covid-19 no Brasil e no mundo. O especial foi apresentado ao vivo, de segunda a sexta-feira, até às 15 horas. O encerramento do projeto ocorreu no dia 22 de maio de 2020. A gravação das novelas “Salve-se Quem Puder”, “Amor de Mãe” e “Um Lugar ao Sol” também foram interrompidas para cumprir recomendações sanitárias de órgãos da saúde.

Em março de 2020, a Record TV anunciou a suspensão da gravação de programas de auditório e reality shows. A emissora não estendeu o horário da programação jornalística. Em comunicado, a Record TV optou pela paralisação das novelas “Amor Sem Igual” e “Gênesis” (NASSIF, 2020). O noticiário “Balanço Geral” também sofreu alterações com a substituição dos apresentadores fixos do programa. Os jornalistas Geraldo Luís, diabético, e Renato Lombardi, de 74 anos, foram afastados das gravações em estúdio por pertencerem ao grupo de risco da Covid-19.

O SBT divulgou, em março de 2020, a paralisação da gravação de programas de auditório e da novela “As Aventuras de Poliana” (PERLINE; MYHISHIRO, 2020). A emissora não ampliou a programação de programas jornalísticos e não propôs alterações em telejornais, assim como no programa “Fofocalizando”. A Rede TV e a Band TV não anunciaram alterações na grade de programação.

A Revista Piauí lançou, em 03 de abril de 2020, o primeiro episódio do podcast “Luz no Fim da Quarentena”. Os programas são disponibilizados duas vezes por semana e contam com a apresentação do jornalista José Roberto Toledo e a participação do professor titular de Bioquímica da Universidade de São Paulo, Fernando Reinach. Cada episódio apresenta os mais recentes estudos científicos sobre a pandemia de Covid-19 a partir da análise da comunidade científica.

Os casos destacados anteriormente representam uma parcela de empresas de comunicação e veículos jornalísticos que sofreram adaptações na rotina de trabalho por conta da Covid-19. Os exemplos foram citados para embasar parte das mudanças vivenciadas, desde março de 2020, por profissionais da comunicação que atuam no Brasil. Esse período é marcado por incertezas em relação à manutenção de atividades presenciais, tanto relacionadas ao jornalismo quanto ao entretenimento. Também houve preocupação em torno de como administrar a cobertura da pandemia e a relação com as fontes, que passaram a ser contatadas com mais frequência por telefone e aplicativos como Zoom e Skype. O contato com representantes de órgãos públicos, antes feito em entrevistas coletivas presenciais, foi intensificado através de coletivas de imprensa on-line.

## 2.2 EVOLUÇÃO DA COBERTURA DA COVID-19

O alastramento dos casos de Covid-19 pelos estados brasileiros fez com que os veículos de comunicação investissem em protocolos sanitários mais rígidos. Diante do contexto, o home office foi adotado como medida emergencial para reduzir a circulação de funcionários e preservar a segurança de pessoas do grupo de risco.

As primeiras redações que adotaram ações de distanciamento controlado foram as dos veículos Poder 360 e Folha de S. Paulo. Ambas estabeleceram o regime home office em 13 de março de 2020. O Poder 360 suspendeu pautas com viagens e autorizou que todos os funcionários trabalhassem em casa. Repórteres que cobrem *in loco* no Congresso Nacional e no Planalto foram orientados a manter cuidados especiais, como evitar aglomerações e fazer uso de álcool em gel (DE LARA;

HOMERO, 2020). A Folha de S. Paulo permitiu que parte da equipe realizasse home office, enquanto os demais redatores e editores deveriam prestar revezamento de atividades presenciais. O jornal ainda orientou que os funcionários reduzissem as interações na redação.

No dia 16 de março de 2020, os jornais O Estado de S. Paulo e Correio Braziliense comunicaram a adoção do home office (DE LARA; HOMERO, 2020). O Estado de S. Paulo estendeu a medida para jornalistas, departamento comercial e direção, enquanto o Correio Braziliense limitou o regime aos funcionários mais velhos e pertencentes ao grupo de risco. Os diagramadores continuaram trabalhando presencialmente. O jornal autorizou que os contatos para apuração e entrevistas fossem feitos por telefone, a fim de reduzir a circulação de pessoas. Os jornalistas também foram orientados a concentrar a maior parte das atividades possíveis em casa.

O jornal O Globo optou pelo trabalho a distância no dia 18 de março de 2020. Os gestores foram responsáveis por definir uma escala de trabalho presencial uma vez por semana (DE LARA; HOMERO, 2020). Funcionários do grupo de risco foram autorizados a trabalhar de forma integral em casa. Já a CNN Brasil decidiu afastar da redação jornalistas grávidas, funcionários com mais de 60 anos e integrantes do grupo de risco. Para os perfis citados, foi autorizado o regime de trabalho em home office no dia 19 de março de 2020.

As restrições de circulação, dispostas em decretos municipais e estaduais, também implicaram na paralisação da circulação de jornais e produtos impressos. O jornal esportivo LANCE!, lançado em 26 de outubro de 1997, deixou de circular em 22 de março de 2020 pela primeira vez desde a data de fundação (LANCE!,2020). A suspensão da circulação ocorreu por conta das medidas de distanciamento controlado estabelecidas pelo governo de São Paulo, que definiu restrições de transportes em geral e o fechamento de estabelecimentos comerciais. O LANCE! deixou de ter edição impressa por 15 dias.

O diário Jornal do Commercio, de Pernambuco, também interrompeu temporariamente a produção de edições impressas. A medida foi anunciada no dia 18 de março de 2020 e vigorou até o dia 28 do mesmo mês (TVJORNAL, 2020). A decisão foi fundamentada em respeito aos protocolos de distanciamento controlado, resultantes de restrições para circulação de pessoas no comércio e nas ruas. Os

conteúdos do Jornal do Commercio continuaram sendo distribuídos por site e aplicativo.

O Centro de Pesquisa Comunicação e Trabalho (CPCT) da Universidade de São Paulo (USP) promoveu, em abril de 2020, a pesquisa “Como trabalham os comunicadores em tempos da pandemia da Covid-19?”, um estudo motivado pela sobrecarga de trabalho relatada por profissionais de comunicação durante o início da cobertura de Covid-19 no Brasil. Coordenada pela professora Roseli Figaro, do Departamento de Comunicações e Artes (CCA), a pesquisa foi realizada entre os dias 05 e 30 de abril por meio de um questionário on-line. Além da página do CPCT, o material também foi disponibilizado em sites de diversos sindicatos brasileiros da categoria e pelas prefeituras de São Paulo e Guarulhos. Ao todo, a pesquisa qualitativa contou com 557 participações voluntárias em 25 estados, Distrito Federal e em Portugal.

O resultado indicou que a maioria dos participantes que trabalharam em home office enfrentaram condições desconfortáveis, principalmente em relação aos equipamentos de trabalho e à família. Os entrevistados relataram que a rotina de home office foi adaptada a partir de infraestrutura própria, como energia elétrica, conexão com internet e aplicativos necessários para executar as atividades. De acordo com 307 entrevistados, a carga de trabalho sofreu alterações durante o período. Destes, 250 tiveram acréscimo de horas de trabalho e 57 tiveram redução (FIGARO *et al.*, 2020).

Segundo FIGARO *et al.* (2020, p. 14), os profissionais da comunicação trabalharam mais, em condições precárias e sob pressão psicológica.

Em termos gerais, podemos afirmar que a maioria trabalha em home office em condições desconfortáveis para a família e utilizando toda a infraestrutura própria em termos de equipamentos, suporte de energia elétrica, conexão com internet, uso de softwares e aplicativos necessários para a atividade. O trabalho, para a maioria, se intensificou e a organização da rotina laboral ocupou todo o espaço e o tempo da/na casa. No geral, trabalha-se mais horas, em ritmo mais intenso, em um quadro de incertezas sobre as condições de salário e emprego.

Os participantes relataram ao grupo de pesquisadores que as atividades em home office aumentaram a pressão exercida pelas empresas de comunicação sobre entregas e responsabilidades da equipe. Por fatores de distância e perda de contato presencial com a equipe, os profissionais foram cobrados para responder demandas de forma constante, muitas vezes através de conversas por aplicativos de mensagens.

Há também maior imersão, visto que as mensagens vindas via aplicativos demandam resposta imediata e assim faz-se um círculo virtuoso de aceleração, intensificação e produtividade. Ampliam-se também as horas à disposição do mundo do trabalho, pois o home office é um estar em casa disponível para o trabalho todo o tempo, graças à ubiquidade das redes sociais e seus aplicativos (FIGARO *et al.*, 2020, p. 56).

A transição do trabalho realizado exclusivamente nas redações para a modalidade mista, que inclui rodízios de equipes em home office e atividades presenciais, exigiu que as empresas investissem em uma nova logística de cobertura. As mudanças emergem tanto do cumprimento de protocolos sanitários quanto da inclusão de equipamentos extras, que intensificam os cuidados sanitários contra Covid-19.

O rodízio de trabalho para os que têm jornada mista foi a solução encontrada para manter minimamente equipes fazendo a cobertura in loco. Isso requer toda uma logística não somente na distribuição da escala de trabalho, das pautas, mas também dos cuidados que se devem seguir frente à exposição em público. Equipamentos de proteção individual (EPIs), como máscaras e luvas, passaram a ser fundamentais. A disponibilidade de fornecimento de álcool gel e de equipamentos sobressalentes de reportagem, como microfones e espumas para microfones, são elementos que não podem faltar ao comunicador que vai a campo. Além dos aspectos já apontados sobre intensificação do trabalho e estresse, há que se considerar a redução das equipes e, em decorrência, o acúmulo de funções (FIGARO *et al.*, 2020, p.57).

Ressalta-se, ainda, a capacidade de aprendizado dos jornalistas em pautas relacionadas à saúde. Neste ponto, o levantamento aponta que os comunicadores precisam lidar com uma grande carga diária de informações de saúde, o que desencadeou o aprendizado dinâmico de um novo repertório.

O circuito das informações se intensificou porque há necessidade de se ampliar a produção para dar vazão às informações que chegam de fontes diversas, além daquelas tradicionais. Há também um repertório a ser aprendido e compreendido que escapa das coberturas cotidianas. Todos esses elementos cobram maior atenção e envolvimento do comunicador (FIGARO *et al.*, 2020, p.57).

A possibilidade de desemprego e a perda de renda também foi um tópico recorrente nas respostas dos entrevistados. Os comunicadores participantes indicaram os receios adquiridos com a pandemia de Covid-19, como medo de contágio pelo vírus, colapso do sistema de saúde e falta de medidas de controle da doença pelo governo federal.

O desemprego aparece, portanto, como a segunda aflição mais citada pelos participantes da pesquisa, com 115 menções. Ou seja, 20% dos participantes da pesquisa temem perder seus empregos ou continuar desempregados. E a perda da renda, apesar de ter sido mencionada apenas 52 vezes, pesa bastante na balança das condições materiais de vida. É preciso explicar que

a renda aqui não se refere exclusivamente à redução dos salários dos trabalhadores, mas também às perdas de faturamento de agências e empresas (FIGARO *et al.*, 2020, p.65).

As medidas de reestruturação dos veículos de comunicação ao longo da pandemia de Covid-19 foram além da suspensão de atividades presenciais. Em virtude do cancelamento de patrocínios, algumas empresas optaram por demissões em massa. O Grupo RBS, maior afiliada da Rede Globo e uma das maiores empresas de comunicação multimídia do Brasil, demitiu, em abril de 2020, 20 profissionais da empresa (COLETIVA.NET, 2020). Em nota, o conglomerado gaúcho afirmou que a empresa adaptou a operação para enfrentar o cenário de crise e, entre as alternativas encontradas, definiu redução de salários e ajustes na jornada de trabalho dos colaboradores.

O Grupo Bandeirantes decidiu, em abril de 2020, reduzir os salários de todos os funcionários contratados pelo regime Pessoa Jurídica (PJ). A medida atingiu apresentadores de programas e telejornais, repórteres de jornalismo, profissionais do esporte e membros da direção (RICCO, 2020). A decisão impactou cerca de 25% do quadro de funcionários da emissora, que justificou os cortes como uma manobra de contenção de gastos e uma solução para equilibrar a redução de anunciantes importantes. O Grupo Bandeirantes afirmou, em nota divulgada à imprensa, que negociou “todos os contratos acima de 10 mil reais, mas apenas para PJs, nos meses de abril, maio e junho.” (RICCO, 2020).

Em maio de 2020, jornalistas do jornal Correio do Povo e da Rádio Guaíba, ambos do Grupo Record, foram dispensados por justificativa de contenção de gastos. Em defesa dos profissionais, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul (Sindjors) homologou a convenção coletiva de trabalho emergencial por motivo de força maior, prevista nas resoluções da MP 936/20, que garante direitos aos trabalhadores, ainda que em um cenário desfavorável (SINDJORS, 2020).

O acesso à informação de dados divulgados pelo Ministério da Saúde, mediado por coletivas de imprensa diárias, transmitidas às 16 horas, deixou de seguir um padrão de divulgação pela pasta a partir da segunda quinzena de abril de 2020. No dia 16 de abril, o ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, responsável pela centralização de ações contra Covid-19 e diálogo entre imprensa e poderes, anunciou o desligamento do Ministério da Saúde através de um pronunciamento no Twitter (MAZUI, 2020b). Entre os motivos que motivaram a decisão, destacam-se conflitos com o presidente Jair Bolsonaro sobre os tipos de isolamento recomendados pelo

Ministério da Saúde. Mandetta atuou como defensor do isolamento social para toda a população, assim como recomenda a OMS e a comunidade científica. Bolsonaro, no entanto, defendeu o isolamento vertical, ou seja, direcionado para idosos e pessoas com doenças graves. De acordo com o presidente, o isolamento amplo, a partir da suspensão geral de atividades, provocaria prejuízos à economia.

Em entrevista concedida à Rádio Tupi, em 17 de março de 2020, o presidente chegou a alegar que as medidas de isolamento social promovidas por governadores prejudicam a economia. “Tem alguns governadores, no meu entender, eu posso até estar errado, mas estão tomando medidas que vão prejudicar muito a nossa economia”, disse o presidente (MAZUI, 2020a). Bolsonaro e Mandetta também discordaram sobre a prescrição do medicamento hidroxiclороquina, utilizado para o tratamento da malária, como alternativa de tratamento para Covid-19. O presidente pressionou Mandetta para que o Ministério da Saúde oficializasse o uso do medicamento como forma de tratamento (YAHOO, 2020). Mandetta, por sua vez, recuou e sustentou contrariedade ao uso do remédio, alegando falta de estudos científicos sobre o tema.

Em 16 de abril, Nelson Teich foi nomeado como novo ministro da pasta em publicação do Diário Oficial da União (CONASEMS, 2020). A gestão, porém, não manteve os protocolos de Mandetta com a imprensa. Teich cancelou as coletivas diárias e começou a atrasar o repasse de dados oficiais da pandemia de Covid-19 para veículos de comunicação. A princípio, as informações passaram a ser divulgadas às 19 horas (CONTAIFER, 2020). Porém, os balanços não seguiram horários rígidos e começaram a atrasar ainda mais.

A subnotificação de dados da Covid-19 foi inicialmente apontada pelos principais veículos brasileiros ao longo do mês de abril de 2020. Em pronunciamentos à imprensa, o ministro Nelson Teich sustentou em diversas entrevistas a afirmação de que o Brasil foi um dos países com melhor desempenho em relação ao combate à pandemia (GAZETA, 2020). Portais como Estadão e CNN Brasil repercutiram a afirmação de subnotificação com o contraponto de médicos e especialistas. A CNN Brasil rebateu as comparações feitas por Teich ao dizer, em reportagem publicada no dia 30 de abril, que “diferentemente dos norte-americanos, nosso país sofre de falta crônica de testes e insumos para fabricação de novos testes. Por isso, esses números na realidade são ainda maiores.” (DO LAGO; TOLEDO, 2020).

Outro aspecto que marcou a gestão de Teich também foi a redução de dados considerados negativos, como mortes por Covid-19. Em discurso à imprensa, o ministro da Saúde optou por priorizar a divulgação de outros indicativos, como número de pessoas recuperadas (CANCIN, 2020). Os conflitos com o presidente Jair Bolsonaro sobre a flexibilização do isolamento social e o desaconselhamento por parte de Teich do tratamento médico com hidroxicloroquina fizeram com que o ministro deixasse o cargo em 15 de maio (ANDRADE, 2020).

Com a decisão, Eduardo Pazuello, general de divisão do Exército Brasileiro, assumiu como ministro interino em 15 de maio de 2020 (LEMOS, 2020) e passou a adotar novas medidas de divulgação das informações relativas à pandemia. Pazuello decidiu acabar com as coletivas de imprensa diárias e passou a transmitir os dados oficiais após às 19 horas. Nos dias 03 e 04 de junho de 2020, o balanço da Covid-19 no país foi divulgado pelo Ministério da Saúde depois das 22 horas, sob a justificativa de problemas técnicos no fechamento das informações (GZH, 2020). A decisão impossibilitou a divulgação dos dados em telejornais da TV aberta, considerando que a edição já estava fechada após o anúncio.

No dia 05 de junho de 2020, o presidente Jair Bolsonaro afirmou que a divulgação tardia impossibilitaria a repercussão dos dados em rede nacional. Na ocasião, Bolsonaro citou o Jornal Nacional, da Rede Globo, e disse que "acabou matéria do Jornal Nacional" (GARCIA, 2020). Na mesma data, após a fala do presidente, a Rede Globo anunciou que divulgaria os balanços diários da pandemia de Covid-19 durante a exibição da novela "Fina Estampa", transmitida no horário de 21 horas, em formato de plantão. Durante o primeiro plantão apresentado nesta circunstância, o editor-chefe do Jornal Nacional, William Bonner, argumentou que a emissora apresentaria as informações mesmo após o fechamento do telejornal. "Nós dissemos que você teria esses números assim que fossem anunciados. Estamos aqui cumprindo a nossa missão", destacou Bonner (GZH, 2020). As coletivas de imprensa realizadas no Palácio do Planalto também passaram a contar apenas com a participação de técnicos da pasta, sem a presença de Pazuello (GZH, 2020).

Os conflitos enfrentados pela imprensa na cobertura da pandemia de Covid-19 e descritos até então reacenderam o debate público em relação à confiabilidade da imprensa.

### 2.3 O DEBATE SOBRE DESINFORMAÇÃO

A partir de uma intensa onda de polarização política, o Brasil enfrentou um novo episódio de desinformação, fenômeno oriundo dos anos finais do século XX. A desinformação tem origem com o surgimento das tecnologias de informação e a ascensão de novas formas de comunicação, que transformaram as relações de mão de obra e matéria-prima no sistema produtivo. À medida que essas tecnologias, como acesso à rede e dispositivos de pesquisa, ficaram mais acessíveis para diferentes classes sociais, a informação começou a ser disseminada de forma mais dinâmica, instantânea e individual, ocupando funções antes centralizadas em meios de comunicação como o jornal impresso, o rádio e a TV. Assim, a popularização de equipamentos móveis conectados à internet proporcionou que cada indivíduo tivesse acesso próprio a ferramentas de busca, registro e publicação de informações, considerando, ainda, o compartilhamento delas com uma rede de atores.

Essas mudanças desencadearam um processo de reconfiguração do modo de produção capitalista, no qual a informação e o conhecimento passaram a ser determinantes para o sistema produtivo (CASTELLS, 1999). Para Castells (1999, p. 416), as novas tecnologias e a implantação de dispositivos móveis romperam com a distribuição de uma mensagem padronizada, “enviada ao mesmo tempo de alguns emissores centralizados para uma audiência de milhões de receptores”. Com a mudança, “a questão principal é que enquanto a grande mídia é um sistema de comunicação de mão-única, o processo real de comunicação não o é, mas depende da interação entre o emissor e o receptor na interpretação da mensagem” (CASTELLS, 1999, p. 419). Consequentemente, Castells (1999, p.40) afirma que as ferramentas fizeram com que as informações passassem por um novo processo de divulgação. A partir deste sistema, a tecnologia acaba “criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldada por ela” (CASTELLS, 1999, p.40).

O poder de acesso às informações em tempo real, de qualquer lugar do mundo, projetado, principalmente, pela popularização das mídias sociais, também despertou aspectos negativos, como a disseminação de *fake news*, termo traduzido literalmente como notícias falsas. Conforme Ferreira, há dois motivos que sustentam a desinformação na internet: a baixa credibilidade da imprensa tradicional e o surgimento de plataformas de produção e disseminação de informações, fator que

determina um maior estado de relativização da verdade (FERREIRA, 2018, p.2). A UNESCO (2019) reitera que as tecnologias intensificaram o processo desinformação e a manipulação de informações, visto que

novas e poderosas tecnologias simplificam a manipulação e a fabricação de conteúdo, e as redes sociais ampliam dramaticamente falsidades propagadas por Estados, políticos populistas e entidades corporativas desonestas, pois são compartilhadas por públicos não críticos. As plataformas se tornaram terreno fértil para a propaganda computacional, trolling e exércitos de trolls; “redes de fantoche” e spoofers. Também há a chegada da exploração de trolls para as eleições (UNESCO, 2019, p.16).

As *fake news* podem ser definidas como conteúdos falsos divulgados intencionalmente em canais de comunicação com maior apelo para a internet, abordando situações que englobam o contexto social, político e econômico (ALLCOTT e GENTZKOW, 2017). Há outra perspectiva, apontada por Garcia (2018), que admite que *fake news* não são informações intencionalmente manipuladas, e sim descontextualizadas, divulgadas de maneira sensacionalista. Para Wardle e Derakhshan (2017), as *fake news* podem ter ligação com o fenômeno de desinformação a partir de três categorias: desinformação, informação incorreta e má informação. Wardle (2017) ainda segmenta os elementos em sete tipos de problemas gerados no ecossistema de informações: sátira ou paródia, falsa conexão, conteúdo enganoso, contexto falso, conteúdo de impostor, conteúdo manipulado e conteúdo fabricado.

As *fake news*, criadas com a intenção de desacreditar e enganar a partir de informações falsas, assemelham-se à desinformação. Conforme Wardle e Derakhshan (2017), “grande parte do discurso sobre *fake news* combina duas noções: informação incorreta e desinformação.” (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, p. 47). É preciso ressaltar que o termo *fake news* não pode ser assumido como sinônimo de desinformação. Recuero e Gruzd (2019) indicam que o uso da expressão *fake news* é, por vezes, relacionado à desinformação, já que as informações obtidas podem manipular o conhecimento.

A desinformação está associada, ainda, ao conceito de pós-verdade, relacionado a criação de vínculos e emoções com a audiência para a definição da realidade material (D’ANCONA, 2018). Para Baudrillard (1999), a imprensa pós-moderna não prioriza a apuração integral dos fatos, e sim sua transmissão. O fenômeno, descrito pelo autor como “estágio meteorológico da informação”, é uma

característica da imprensa pós-popularização das mídias sociais, que emerge da urgência de publicação em tempo real, o mais rápido possível.

Há muito tempo que a informação ultrapassou a barreira da verdade para evoluir no hiperespaço do nem verdadeiro nem falso, pois aí tudo repousa sobre a credibilidade instantânea. A informação é mais verdadeira que o verdadeiro, por ser verdadeira em tempo real – por isso é fundamentalmente incerta. Logo, nada mais de critérios de verdade ou de objetividade, mas uma escala de verossimilhança. Lançada a informação, enquanto não for desmentida, será verossímil. E, salvo acidente favorável, nunca sofrerá desmentido em tempo real; restará, portanto credível. Mesmo desmentida não será nunca mais falsa, porque foi credível. Contrariamente à verdade, a credibilidade não tem limites, não se refuta, porque é virtual (BAUDRILLARD, 1999, p. 60).

De acordo com Juremir Machado, o jornalismo feito no século XXI baseia-se em recortes e, principalmente, na expectativa da audiência. Os recortes abordados buscam reproduzir o real. No entanto, estão fadados a produção a partir de um ângulo pré-estabelecido.

O que é exato no jornalismo? Cobrir para descobrir. Qual é a verdade do jornalismo? Espetacularizar, em graus variados, para vender e garantir a audiência (acumulação de ganhos ao menor custo). Pelo uso da técnica jornalística (construção da notícia, reconstrução do acontecimento, dramatização, leveza, pitoresco, fragmentação, identificação (MACHADO, 2003, p. 106).

Diante da ampliação do poder de acesso à informação pelos atores e do cenário da pós-verdade no jornalismo, Spinelli e Santos (2018) propõem que os jornalistas atuem como guardiões da informação, a fim de recuperar os princípios de apuração de fatos. Para os autores, “o jornalismo profissional deve assumir o papel de guardião da credibilidade das notícias. Na era da pós-verdade, [...], o jornalismo precisa apostar na sua essência o compromisso com a qualidade e apuração dos fatos” (SPINELLI; SANTOS, 2018, p.14). A Unesco (2019) também destaca que a verificação de informações é uma alternativa efetiva de combate à desinformação.

A consequência de tudo isso é que a desinformação, com esse combustível digital, em contextos de polarização, arrisca ofuscar o papel do jornalismo. Além do mais, o jornalismo que se baseia em informações verificáveis compartilhadas no interesse público – uma conquista histórica recente que não é de modo algum garantida – pode se tornar desacreditado quando precauções não são tomadas para evitar que seus conteúdos sejam manipulados. Quando o jornalismo se torna um vetor de desinformação, isso reduz ainda mais a confiança pública e promove a visão cínica de que não há distinção entre, de um lado, as narrativas dentro do jornalismo, e do outro, as narrativas de desinformação (UNESCO, 2019, p.19).

Diante do crescente volume de notícias falsas em circulação no início do século XXI, a pandemia de Covid-19 resgatou o papel do jornalismo enquanto curador de informações. As consequências da desinformação no tratamento de informações de

saúde, em especial, podem ser ainda mais agravantes, pois prejudicam a realização de procedimentos médicos e a confiabilidade de informações científicas. Segundo Henriques (2018), a insistência em disseminar materiais sem evidência científica é alvo de questionamentos sociais quando tais afirmações “são difundidas numa situação em que existe algum fato real, como uma epidemia ou uma campanha de saúde pública” (HENRIQUES, 2018, p.10). Ainda:

informações equivocadas podem levar a diversos comportamentos geradores de risco, seja pela indução ao uso de medicamentos e vacinas sem indicação, ou, no outro extremo, pela recusa a tecnologias e medidas de proteção necessárias ou ainda pela desorganização que provocam nos serviços de saúde (HENRIQUES, 2018, p.10).

Situações como as apontadas anteriormente, onde fontes oficiais como o Ministério da Saúde não apresentam dados na íntegra sobre os números da pandemia de Covid-19 no Brasil, desencadeiam um movimento mais intenso de colaboração entre veículos de comunicação e *fact-checking*. O termo *fact-checking*, traduzido literalmente como checagem de dados, ganhou notoriedade no início dos anos 2000, a partir da checagem de discursos feitos por figuras públicas e políticos. O lançamento do site Factcheck.org, em 2003, comandado pelo jornalista americano Brooks Jackson, popularizou a prática. O *fact-checking* conquistou novos pontos de audiência e reconhecimento após o PolitiFact, projeto de checagem americano e sem fins lucrativos, lançado em 2007, receber o prêmio Pulitzer em 2009 (MONNERAT, 2017).

A checagem de dados não é novidade no jornalismo. Mas, a partir dos anos 2000, começou a despontar uma checagem após a publicação voltada para as declarações feitas por figuras públicas - o fact-checking. Com o lançamento do site Factcheck.org, nos Estados Unidos, sob o comando de Brooks Jackson, o gênero começou a conquistar reconhecimento e audiência, tendo seu ápice quando o PolitiFact6 levou o prêmio Pulitzer em 2009 (MONNERAT, 2017, p. 12).

Apresentado o contexto de desinformação em relação à pandemia, os veículos jornalísticos brasileiros precisaram rever os métodos de apuração dos dados da Covid-19 e adotar elementos do jornalismo científico para desmentir notícias falsas em torno do tratamento e das mortes causadas pelo vírus, como a possibilidade de eficácia científica da hidroxicloroquina na recuperação da doença e a manipulação da Covid-19 em laboratório chinês (IG, 2020). Neste último item, o próprio presidente Jair Bolsonaro chegou a afirmar, em conversa com apoiadores no Palácio da Alvorada, em 28 de outubro de 2020, que o vírus Sars-CoV-2 teria sido fabricado pela China. Bolsonaro afirmou que “isso existe, os países se preparam para guerras, até com

bombas. Aí tem a guerra nuclear, bacteriológica, pessoal mexe com vírus em laboratório, pode ter escapado isso aí” (YAHOO, 2020).

Em meio ao cenário de desinformação, o jornalismo brasileiro assume um novo papel na prestação de serviço com a criação do consórcio de imprensa, formado por G1, O Globo, Extra, O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo e UOL.

#### 2.4 CONSÓRCIO DE IMPRENSA, JORNALISMO DIÁRIO E FONTES DE INFORMAÇÃO

Os conflitos políticos entre Ministério da Saúde e imprensa brasileira podem ser considerados parte da dificuldade encontrada por jornalistas na cobertura da Covid-19. Como apresentado anteriormente, o Ministério da Saúde começou, a partir de meados de abril de 2020, a atrasar o repasse de dados diários sobre os casos da doença e não conceder informações à imprensa. Um exemplo é o cancelamento das coletivas de imprensa diárias na gestão de Nelson Teich e a ausência do então ministro interino da pasta, Eduardo Pazuello, em pronunciamentos feitos aos veículos de jornalismo.

Um dos casos mais simbólicos para exemplificar a falta de transparência dos dados aconteceu no dia 05 de junho de 2020, quando o portal do Ministério da Saúde foi retirado do ar (MOTTA; SANDES, 2020). O site foi restabelecido apenas 19 horas depois, omitindo informações dos números consolidados da doença, histórico e links para downloads de tabelas de dados. Em 06 de junho de 2020, jornalistas notaram que os números contrariavam a última atualização do portal. Na data em que o site relatava apenas uma mensagem de “portal em manutenção”, o Ministério da Saúde apresentou um balanço de dados, fechado às 21h30, com o número de óbitos e casos confirmados nas últimas 24 horas. Não foram apresentados os números consolidados, que permitiam visualizar a curva de casos, óbitos e altas médicas. O documento limitou-se a priorizar os dados incluídos no sistema do governo federal de um dia para o outro.

Os episódios descritos até aqui foram decisivos para a criação do consórcio de imprensa. A iniciativa, formada por O Globo, Extra, O Estado de S. Paulo, Folha de S.Paulo, G1 e UOL, busca reunir e verificar informações sobre os números da pandemia de Covid-19 no Brasil. O consórcio de imprensa foi lançado no dia 08 de junho de 2020 (G1, 2020). Em notícia de anúncio da parceria, o G1 (2020) escreveu

que o governo federal deveria cumprir o papel de fonte oficial, compilando e divulgando números diários de forma integral. A publicação argumenta que

O governo federal, por meio do Ministério da Saúde, deveria ser a fonte natural desses números, mas atitudes recentes de autoridades e do próprio presidente colocam em dúvida a disponibilidade dos dados e sua precisão.

Mudanças feitas pelo Ministério da Saúde na publicação de seu balanço da pandemia reduziram a quantidade e a qualidade dos dados. Primeiro, o horário de divulgação, que era às 17h na gestão do ministro Luiz Henrique Mandetta (até 17 de abril), passou para as 19h e depois para as 22h. Isso dificulta ou inviabiliza a publicação dos dados em telejornais e veículos impressos. “Acabou matéria no Jornal Nacional”, disse o presidente Jair Bolsonaro, em tom de deboche, ao comentar a mudança.

A segunda alteração foi de caráter qualitativo. O portal no qual o ministério divulga o número de mortos e contaminados foi retirado do ar na noite da última quinta-feira (4). Quando retornou, depois de mais de 19 horas, passou a apresentar apenas informações sobre os casos “novos”, ou seja, registrados no próprio dia. Desapareceram os números consolidados e o histórico da doença desde seu começo. Também foram eliminados do site os links para downloads de dados em formato de tabela, essenciais para análises de pesquisadores e jornalistas, e que alimentavam outras iniciativas de divulgação.

Entre os itens que deixaram de ser publicados estão: curva de casos novos por data de notificação e por semana epidemiológica; casos acumulados por data de notificação e por semana epidemiológica; mortes por data de notificação e por semana epidemiológica; e óbitos acumulados por data de notificação e por semana epidemiológica (G1, 2020).

De tal forma, os veículos que integram o consórcio de imprensa entendem que é responsabilidade do jornalismo, enquanto contribuinte para o saber social, levantar, apurar e divulgar informações não apresentadas pelas fontes oficiais, como o Ministério da Saúde. Atualmente, o Brasil é o único país do mundo que adotou um sistema de apuração colaborativa entre veículos de comunicação para computar dados da Covid-19. O país ocupa a 111ª posição no ranking mundial de liberdade de imprensa feito pela organização Repórteres Sem Fronteiras (G1, 2021). De acordo com a classificação, o Brasil está em cor vermelha, considerada difícil em relação à liberdade de imprensa. Há outras quatro classificações: branca (muito boa), amarela (boa), laranja (problemática) e preta (muito difícil). O relatório também cita a criação do consórcio de imprensa brasileiro e define a iniciativa como uma resposta à “falta de transparência do governo”.

Diante das mentiras compulsivas do presidente e da falta de transparência do governo quanto à gestão sanitária, uma aliança inédita reunindo os principais meios de comunicação do país foi criada em junho de 2020, com o objetivo de obter informações diretamente de autoridades locais nos 26 estados do país e no Distrito Federal, para elaborar e comunicar seus próprios boletins (G1, 2021).

Sobre a criação do consórcio de imprensa, o G1 (2020) aponta que

Os boletins informam, atualmente, o número de pessoas mortas por coronavírus, a quantidade de contaminados e a média móvel, indicador segundo o qual é possível verificar em quais estados a pandemia do novo coronavírus está aumentando, diminuindo ou em estabilidade (G1, 2020).

O Ministério da Saúde tem a responsabilidade, enquanto setor do governo federal, de atuar com transparência de dados diante de um problema de saúde pública, como a pandemia de Covid-19. Para o jornalismo, o Ministério da Saúde cumpre o papel de fonte oficial de informações, ou seja, de repassar dados oficiais na íntegra e de forma acessível. Segundo Traquina (2001), o papel das fontes oficiais potencializa a credibilidade da informação e reforçam a autoridade do jornalismo.

Devido a esses critérios é fácil compreender que as fontes oficiais correspondem melhor do que as outras a necessidades organizativas das redações. As fontes oficiais acabam por assumir uma credibilidade adquirida com o tempo e com a rotina. Se a credibilidade da 'estória' não pode ser rapidamente confirmada, o jornalista procura basear-se na credibilidade da fonte, na sua honestidade (TRAQUINA, 2001, p.106).

Traquina (2001) argumenta que, por conta da estrutura das notícias, as fontes oficiais também dão relevância ao tema abordado. No caso da relação Ministério da Saúde e imprensa, o abastecimento de informações da Covid-19 em um panorama geral, que contemple os 26 estados brasileiros e o Distrito Federal, deveria ser feito prioritariamente pelo Ministério da Saúde, dado a tomada de decisões da pasta sobre ações de enfrentamento da pandemia e o contato constante com as secretarias estaduais de Saúde. O autor explica que

Devido à necessidade de impor ordem no espaço e no tempo, a estória do jornalismo, no seu funcionamento diário, é descrita como sendo essencialmente estória da interação de jornalistas e fontes oficiais. As fontes provêm sobretudo da estrutura do poder estabelecido e, por isso, as notícias tendem a apoiar o status quo (TRAQUINA, 2001, p.113).

O consórcio de veículos de imprensa é um exemplo de jornalismo colaborativo. Este tipo de prática, segundo Martínez de la Serna (2018), tem raízes no século XIX, quando cinco jornais de Nova York fundaram a Associated Press para dividir custos e recursos durante a Guerra Mexicano-Americana, entre os anos 1846 e 1848.

A colaboração não é um fenômeno novo na mídia de notícias. A história do jornalismo inclui várias formas de cooperação incorporadas no dia a dia rotinas de produção e entre organizações de notícias, incluindo marcos eventos como a criação da Associated Press por cinco jornais diários em Nova York em 1846 para compartilhar custos e recursos relacionados à cobertura do Guerra Mexicano-Americana (MARTÍNEZ DE LA SERRA, 2018, p. 47, *tradução nossa*).

O jornalismo colaborativo surge no período pós-industrial como alternativa para equilibrar a crise financeira promovida pela ausência de investimento em produtos

jornalísticos e queda de receitas. O fenômeno de colaboração, intensificado após o início dos anos 2000, também é uma forma de compartilhar conhecimentos e ocupar presença nas mídias sociais, no âmbito de atingir novos públicos, disseminar conteúdo e desenvolver condições sociais e tecnológicas favoráveis para o trabalho jornalístico.

Para Martínez de la Serna (2018, n. p.), a colaboração é “o desenvolvimento e a adoção aberta de arranjos de produção cooperativa entre organizações de notícias e outros, incluindo escolas de jornalismo e o público, para gerar conteúdo maior do que qualquer indivíduo jornalista, redação ou organização”. Segundo o autor, há três núcleos que abrangem o tema. O primeiro trata da colaboração como um reparo de campo, mais comum no final dos anos 2000, quando a prática ocupa uma lacuna causada pelo declínio industrial da mídia e precariedade de condições para fazer jornalismo. O segundo fala sobre recursos compartilhados, característico do jornalismo investigativo, movido por parcerias locais, nacionais e internacionais. Tais parcerias compartilham recursos, por vezes oriundos de dilemas sociais, como bancos de dados, tecnologia de código aberto e comunidades em rede, em prol da produção jornalística. Por último, Martínez de la Serna (2018) elenca o crescimento do papel das escolas de jornalismo, organizações sem fins lucrativos e demais parceiros como agentes de promoção, financiamento e sustentação de parcerias, especialmente em casos de organizações sem fins lucrativos.

Neste sentido, os veículos que colaboram, assim como os do consórcio de imprensa, conseguem atingir uma nova infraestrutura de trabalho, a qual não seria alcançada de forma individual. No caso dos veículos O Globo, Extra, O Estado de S. Paulo, Folha de S.Paulo, G1 e UOL, a decisão de procurar outras formas de coleta e apuração de dados da Covid-19 no Brasil que não as informações transmitidas pelo Ministério da Saúde representa uma articulação para manter as atividades jornalísticas em pleno funcionamento. Martínez de la Serna (2018) define que

A cooperação de várias organizações e indivíduos para enfrentar os desafios jornalísticos está acontecendo em uma escala que nenhuma organização poderia replicar sozinha. Esses arranjos estão ajudando a aliviar o impacto da crise econômica, promovendo novas maneiras de a missão central do jornalismo e contribuindo para reconfigurar o ecossistema da mídia por meio da criação de uma nova infraestrutura compartilhada para o trabalho jornalístico (MARTÍNEZ DE LA SERNA, 2018, p. 47, *tradução nossa*).

A divulgação dos dados coletados pelo consórcio de veículos considera um processo de apresentação dos casos mais detalhado, ligado a noções científicas e

matemáticas. A média móvel de novos casos e de óbitos por Covid-19 é um exemplo de recursos encontrados pelo consórcio para informar, de forma mais exata, os efeitos da pandemia no Brasil. O cálculo da média móvel é feito a partir da soma do número de casos diários nos últimos sete dias. Após o resultado, o número deve ser dividido por sete, equivalente ao número de dias da semana. Esse processo é feito diariamente e auxilia na visualização de novas ondas de contágio pela Covid-19.

A forma de coleta, apuração e divulgação desses dados atende a preceitos da objetividade jornalística. Segundo Amaral (1996, p.26), a objetividade “passa a se identificar com uma mistura de estilo direto, imparcialidade, factualidade, isenção, neutralidade distanciamento, alheamento em relação a valores e ideologias”. Para explicar o surgimento do conceito de objetividade, Amaral (1996) elenca quatro episódios históricos, situados nos dois últimos séculos, que levaram os jornais a seguirem a premissa do termo. Nesta lista, o autor cita a criação de agências de notícias, o avanço da indústria, a Primeira e a Segunda Guerra Mundial e a expansão dos mercados de publicidade e relações públicas.

As agências de notícias da década de 1930 desenvolveram um método de redação mais direto, explicativo e objetivo. Era preciso otimizar o espaço das notícias e criar um produto padrão, sem ponderações ideológicas ou editoriais, sobretudo que pudesse ser publicado em qualquer jornal. Esse método foi desenvolvido pela Associated Press, também pioneira na popularização do jornalismo colaborativo, como citado anteriormente. A partir da necessidade de distribuir notícias imparciais, a objetividade jornalística atingiu a imprensa americana e a europeia. De acordo com Amaral (1996, p. 29),

além de serem fornecedoras básicas de notícias, as agências exportaram e disseminaram a ideia de menos envolvimento aparente. A busca de isenção tornou-se um ideal a ser perseguido não só na Europa e nos Estados Unidos, mercados originais das agências, como em várias partes do mundo. O desenvolvimento técnico dos meios de transmissão de notícias (depois do telégrafo e do telefone, o telégrafo sem fio, a telecomunicação e o rádio), acrescentou à sincronização do serviço de informações, por meio das agências organizadas em monopólios, a sincronização redacional de pequenos jornais, por meio de correspondentes padronizadas.

Amaral classifica que o conceito de objetividade começou a ser explorado no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, a partir dos anos 1940, com os jornais Diário Carioca, Tribuna de Imprensa, Última Hora e Jornal do Brasil. No período, os jornais começaram a incorporar técnicas como o lead, priorizando as informações

essenciais no topo da notícia, e o *copy-desk* para tentar redigir matérias mais próximas da imparcialidade.

A objetividade é entendida no jornalismo como uma premissa norteadora das atividades. A noção de objetividade é usada para distinguir a apuração da notícia da subjetividade do repórter e de crenças pessoais, a fim de descrever os fatos de maneira mais próxima do real. Para Sponholz (2003), a objetividade consiste na proximidade da realidade. A aplicação dessa noção de objetividade na iniciativa dos veículos de imprensa contempla o critério de aproximação mais exata da realidade. No caso da análise dos dados da pandemia de Covid-19, os recursos alternativos encontrados pelos veículos em contraponto ao repasse de dados incompletos pelo Ministério da Saúde são a coleta de dados diretamente das secretarias de saúde e a adoção de métodos usados pela comunidade científica para promover uma análise mais consistente, comparativa e aproximada dos fatos. Neste sentido, Sponholz (2003) explica que a

objetividade jornalística, por sua vez, deve ser entendida como o conjunto de normas e regras para a observação da realidade, que tem como objetivo a produção de uma semelhança estrutural entre realidade social e realidade midiática. Objetividade é portanto uma discussão sobre a possibilidade de se conhecer a realidade, ou seja, uma questão para a teoria do conhecimento (SPONHOLZ, 2003, p. 111).

Sponholz (2003, p.117, apud SCHONHAGEN, 1998, p.29) reforça que a objetividade contempla o rompimento da visão do jornalismo como uma indústria. A partir da objetividade jornalística, os jornais podem afastar a possibilidade de defender uma ideia ou interesse empresarial, limitando-se ao informe de notícias e a credibilidade das fontes.

Segundo Schönagen, a ideia é acompanhada de uma politização e pluralização crescente da sociedade. A postura de defender um determinado ponto de vista simplesmente não condiz mais com as necessidades de um jornal que passa a ser organizado como empresa. Imparcialidade jornalística está aliada não só com uma tarefa política, mas também segue uma orientação de atender às necessidades do leitor. Não se trata só de democracia, mas também de economia de mercado. Isto fica claro através dos critérios que os próprios editores associam com imparcialidade: 1) credibilidade das fontes; 2) neutralidade do mediador (que não pode tomar do leitor a sua capacidade de formar uma opinião própria sobre um tema); 3) uma mediação fiel; 4) esta deve ser orientada nos diferentes interesses e necessidades do leitor (SPONHOLZ, 2003, apud SCHONHAGEN, 1998, p. 29).

A partir do propósito de realizar uma contagem de dados mais exata e objetiva, os portais de notícias dão início a uma nova etapa da cobertura de Covid-19 no Brasil,

privilegiando o uso de fontes alternativas para realizar o balanço diário de informações.

### **3. JORNALISMO CIENTÍFICO E DE SAÚDE: PERSPECTIVAS DA COBERTURA NO DIGITAL**

A produção jornalística contempla um mercado bastante diverso. Uma redação pode ser setorizada por editorias de esporte, política, economia, cultura, educação, geral, saúde etc. Nesta segmentação, entende-se que cada profissional deve aprimorar habilidades específicas para dar conta de cobrir determinado tema.

A distinção das editorias é um pouco diferente no jornalismo on-line. Ao contrário do modelo estabelecido no jornal impresso, que sinaliza a troca de assunto pela editoria, a produção voltada para portais de notícias nem sempre indica a qual área o texto pertence. As publicações do jornalismo on-line são constituídas por múltiplas características, o que torna uma matéria capaz de incorporar várias discussões em uma mesma página.

Para entender quais fundamentos distinguem a cobertura de pautas cotidianas da cobertura de saúde, este capítulo irá resgatar conceitos do jornalismo científico e do jornalismo de saúde, para que seja possível compreender quais processos estão inseridos na cobertura da Covid-19 e quais lacunas seguem em evidência. Tal discussão será importante para discernir os procedimentos adotados pelos portais G1, R7 e UOL nas notícias que tratam de balanços diários.

O capítulo também apresenta discussões acerca da rotina do jornalismo on-line e suas características, fatores imprescindíveis para compreender a estrutura das notícias selecionadas para análise.

#### **3.1 A ÁREA DE SAÚDE NO JORNALISMO**

O direito à saúde é considerado um direito previsto pela Organização Mundial da Saúde (OMS) desde 1946. Em constituição aprovada pela Conferência Internacional de Saúde, realizada em Nova York entre os dias 19 de junho a 22 de julho de 1946 e assinada em 22 de julho do mesmo ano, a OMS estabeleceu obrigações básicas para o alcance desse direito. Entre as metas estabelecidas, a OMS estipula que "o gozo do mais alto padrão de saúde possível é um dos direitos fundamentais de todo ser humano, sem distinção de raça, religião, crença política, condição econômica ou social" (POLITIZE!, 2019). As determinações passaram a vigorar em sete de abril de 1948.

A constituição da OMS inspirou, cerca de três décadas depois, a criação da Constituição Cidadã de 1988. O direito à saúde está previsto no artigo nº 196, que determina:

A saúde é um direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco à doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação (BRASIL, 1988).

Considerado o compromisso exercido na Constituição Cidadã de 1988, também cabe ao jornalismo, enquanto um serviço, o papel de conscientizar a população e discutir políticas públicas efetivas na ampliação do acesso à saúde. Kucinski (2000) pondera que “cada vez mais ao jornalismo cabe as tarefas de informar, combater o segredo de Estado, levantar polêmicas, denunciar abusos do poder, corrupção e violação dos direitos humanos”. O autor defende que o jornalismo é uma atividade que tem contribuído historicamente para a construção de uma democracia e, quando relacionado a pautas de saúde, deve ser tratado de forma científica e especializada. Kucinski (2000) explica que “o jornalista que hoje cobre problemas de saúde não pode mais se limitar às categorias definidas pela prática médica dominante” e que os profissionais devem adotar uma postura crítica em relação aos fatos. Para tal, o autor propõe “uma visão holística do processo saúde-doença, e a consciência do relativismo da prática médica dominante. Para isso, necessita de conhecimento e noções de filosofia da ciência”. O trabalho do repórter no jornalismo de saúde, segundo Kucinski (2000, n. p.), deve promover debates que fomentem políticas públicas e mudanças positivas em relação à saúde:

Os novos conceitos de saúde-doença têm vastas implicações na definição de políticas públicas de saúde e, portanto, em seu acompanhamento jornalístico. Essas políticas não devem se limitar a combater focos ou endemias, ainda que isso continue sendo útil e necessário, mas devem procurar, principalmente, a melhoria da qualidade geral de vida da população. Mais do que causa, as endemias seriam a consequência da má qualidade ambiental ou de vida. Melhorar moradia, transporte, saneamento, qualidade do ar e da alimentação seriam importantes políticas públicas a serem cobradas como essenciais ao exercício do direito à saúde.

O compromisso com a informação clara e objetiva é um dos pilares do jornalismo. Desde a aparição das primeiras publicações jornalísticas. Como explica Traquina (2001, p. 63), “a primeira função de um jornal era noticiar com exatidão e não distorcer as notícias com propósitos políticos”. No caso do jornalismo de saúde, a apuração e a transmissão de informações científicas devem ser ainda mais cuidadosas.

O jornalismo de saúde é uma vertente do jornalismo científico. Esta área decorre de uma aproximação da ciência, o que viabiliza que o conhecimento produzido pela comunidade científica seja compartilhado com a sociedade de forma mais abrangente e acessível. A construção da narrativa jornalística também é considerada uma forma de conhecimento (MEDITSCH, 1998), pois retoma e recupera, da maneira mais precisa possível, o fato ocorrido, assemelhando-se à realidade do contexto apresentado. O repórter, enquanto responsável por levantar e reportar informações, deve “conciliar o papel informativo/disseminador da Informação Científica e Tecnológica com as regras, princípios e rotinas produtivas da imprensa” (RUBLECKI, 2009, p. 408). A função exige, ainda, qualificações específicas para compreender um novo conhecimento, filtrá-lo e transmiti-lo ao público geral. Oliveira (2007, p. 43) resgata o papel da imprensa na divulgação científica, alegando que “há indícios de que a divulgação da ciência teve início com o próprio advento da imprensa de tipos móveis, em meados do século XV”. O autor também indica que o texto científico “segue normas rígidas de padronização e normatização universais, além de ser mais árida, desprovida de atrativos. A escrita jornalística deve ser coloquial, amena, atraente, objetiva e simples” (OLIVEIRA, 2007, p. 43).

O jornalismo de saúde incarna o papel de interpretar conceitos técnicos para apresentá-los de modo acessível para o público leigo. O jornalista que cobre saúde ocupa a “posição de decodificador de vocabulário, conceitos e discurso técnicos” (VASCONCELOS, 2005, p. 248). Devido a tamanha interferência no bem-estar da população, o jornalismo de saúde é considerado uma ferramenta de prevenção de doenças e de conscientização. A modalidade opera como um serviço, mesma característica do consórcio de imprensa sobre a Covid-19 no Brasil, potencializando a disseminação de informações. Kucinski (2020, n. p.) considera que a produção jornalística de saúde é um serviço, pois gera valores pedagógicos e de cidadania:

A concepção desse novo direito de cidadania ativa, no campo da saúde, confere à informação jornalística sobre saúde, sobre políticas públicas e terapias de saúde, um valor político na esfera da cidadania, além de seus valores pedagógicos tradicionais em campanhas sanitárias e na medicina preventiva, ou de seu entendimento como "jornalismo de serviço".

O jornalismo de saúde recorre a fontes técnicas da área como médicos, especialistas, pesquisadores e profissionais integrantes de conselhos profissionais, para embasar a produção de matérias e reportagens. Este grupo de fontes é determinante para dar ao repórter as informações técnicas e estudadas pela

comunidade científica acerca de determinada doença. A dependência deste contato, no entanto, pode ser restritiva e até mesmo prejudicial. De acordo com Miranda (2017, p. 5), o confronto de fontes técnicas pelos jornalistas é ainda menor durante epidemias e pandemias do porte da Covid-19:

Como outra característica própria de seu modo de produção, o jornalismo especializado em saúde firma-se e solidifica-se por amparar-se nas fontes técnicas do campo da saúde. Os entrevistados são profissionais validados por conselhos profissionais, que emprestam seu conhecimento ao jornalista para que este apresente-o ao seu público-alvo. Esse saber é predominantemente traduzido como verdade, justamente por conta da capacidade técnica dos entrevistados. Mais do que isso: a reiteração desse saber confere ainda mais poder às classes profissionais que participam desse processo. Quando essas fontes produzem incerteza, como o que comumente ocorre em caso de epidemias, não raras vezes os produtos midiáticos buscam confrontá-la a fim de que promova certezas - o que popularmente ocorre com o espalhamento de estratégias de prevenção e com a difusão de dicas práticas e utilitárias para o cotidiano.

Em virtude da potência de propagação de informações, as empresas de comunicação devem analisar a escolha ética de parcerias publicitárias e campanhas de marketing. Um caso registrado durante a pandemia de Covid-19 no Brasil e que pode ser citado para elucidar a linha tênue entre assuntos que englobam saúde e publicidade envolve a publicação de um manifesto assinado por médicos defensores do chamado “tratamento precoce” contra Covid-19 (OLIVEIRA, 2021). Os medicamentos presentes no tratamento, como azitromicina, cloroquina, hidroxiclороquina e ivermectina, foram apoiados pela Associação de Médicos pela Vida, do Recife, em publicação veiculada nos jornais O Globo, Folha de S. Paulo, Estado de Minas, Jornal do Commercio, Zero Hora, Jornal Correio, Correio Braziliense e O Povo. A escolha de publicá-lo gerou críticas à imprensa brasileira, considerando que o conteúdo apresentado, o “tratamento precoce”, não possui eficácia científica comprovada. Em publicação assinada como editorial, a Agência Lupa, agência de checagem de notícias, afirma que o posicionamento dos jornais, considerados os maiores do Brasil no quesito circulação, contraria o princípio do jornalismo de combate às notícias falsas a partir do momento em que valoriza a venda de publicidade:

Por mais que um desconhecido grupo de médicos tenha conseguido comprar espaço publicitário em jornais de prestígio para dizer o contrário, não há – nem nunca houve – tratamento precoce para a Covid-19. Não há – nem nunca houve – remédio capaz de prevenir a contaminação pelo novo coronavírus. Essas são as informações médicas, científicas, oficiais e mais recentes divulgadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). São posições

baseadas em dados técnicos, também defendidos por centenas de entidades sérias de saúde em todo o planeta. [...] Jornais são e continuarão sendo peças vitais na luta contra a desinformação, mas precisam, assim como as plataformas de redes sociais, rechaçar anúncios mentirosos mesmo que isso vá contra seus interesses financeiros. A luta contra notícias falsas não pode ser apenas um slogan publicitário. Não pode se restringir ao trabalho dos jornalistas nas redações. Precisa envolver também o setor comercial, aqueles que negociam e vendem propaganda. Já não se deve tolerar notícias falsas. Venha de onde vier (LUPA, 2021).

O emprego de peças publicitárias em jornais impressos, portais de notícias, emissoras de televisão e de rádio deve estar alinhado com os critérios editoriais da empresa. Quando analisado o caso do manifesto da Associação de Médicos pela Vida, é possível identificar que os veículos foram contraditórios ao veicular o anúncio que valida o tratamento, porque ignoraram matérias já publicadas pelos mesmos sobre a falta de validação científica do procedimento citado. Dois deles, O Globo e Folha de S. Paulo, integram o consórcio de imprensa, inclusive. A decisão, segundo Bueno (1993, p. 132), acarreta um mecanismo de quebra de confiança da audiência e credibilidade da imprensa em geral:

Temos observado, por exemplo, que os jornais, em função de sua estratégia de marketing, têm aproximado muito perigosamente o espaço editorial do espaço publicitário, fraudando a confiança do leitor. Da mesma forma, a televisão, em suas novelas, mas também nos seus programas jornalísticos e humorísticos, tem abusado do recurso de merchandising, atingindo subliminarmente o cidadão. O mesmo procedimento se constata nos programas infantis que criminosamente vendem às crianças produtos socialmente discutíveis a partir de informações incompletas e meias-verdades.

A proximidade do jornalismo com a publicidade é um fenômeno intensificado na atmosfera pós-moderna, entre a virada do século XX para o XIX, apoiado pela expansão do capitalismo. A fase é marcada pela velocidade de acesso à informação, pela globalização das relações humanas, pelo protagonismo das tecnologias e pelo livre mercado. Todos os fatores listados geram uma grande esfera de mutações, hiperdiscursos e ambiguidade (MARSHALL, 2003). A partir do contexto, Marshall sustenta que “a linguagem da publicidade pós-moderna se torna a estética maior, o código que cola e dá sentido à realidade e às relações humanas e por onde se transmitem e se constituem os conceitos e os sentidos” (MARSHALL, 2003, p. 16). O uso de publicidade vinculada ao jornalismo, principalmente quando inserida na estrutura das notícias, pode implicar em sensacionalismo.

A nova estética universaliza e radicaliza a práxis de mercado e atinge a essência da imprensa, das notícias, dos noticiários, da informação e dos próprios jornalistas. As páginas dos jornais, telejornais, radiojornais e net-

jornais incorporam as novas premissas e passam a relativizar os conceitos de verdade, de conhecimento, de informação, de saber etc. Os discursos de publicidade e da estética, e junto com eles do sensacionalismo, da espetacularização, da carnavalização, da mais-valia, dos faits divers, inoculam o ethos do jornalismo (MARSHALL, 2003, p. 17).

Outro caso de uso de publicidade envolvendo o “tratamento precoce” partiu do próprio Ministério da Saúde. Em janeiro de 2021, a pasta contratou quatro influenciadores digitais para realizar ações de marketing sobre “atendimento precoce” nas redes sociais (FLECK; MARTINS, 2021). A contratação dos influenciadores Flávia Viana, João Zoli, Jéssika Taynara e Pam Puertas custou R\$23 mil e contou com investimento total de R\$19,9 milhões da campanha publicitária Cuidados Precoce COVID-19. Nenhuma das campanhas aprovadas mencionava o isolamento social, medida eficaz no combate à pandemia de Covid-19.

Em reportagem publicada em 31 de março de 2021, a Agência Pública apresenta documentos obtidos através da Lei de Acesso à Informação (LAI) que apontam imprecisões no uso dos termos tratamento e atendimento precoce. A Secretaria de Comunicação (Secom) chegou a tratar as palavras como sinônimos em um release enviado aos influenciadores (FLECK; MARTINS, 2021). A ação pedia que os contratados realizassem uma publicação no *feed* do Instagram e seis *stories* com orientações para que os seguidores buscassem, em caso de suspeita de infecção pelo vírus, atendimento precoce.

No texto-guia, ou briefing, desta ação, os quatro influenciadores foram orientados a posar de maneiras diferentes, alguns com a máscara no rosto e álcool gel na mão, outros lavando a mão. O texto pelo qual os influenciadores deveriam se guiar para fazer seus posts dizia: “Hoje quero falar de um assunto importante, quero reforçar algumas formas de se prevenir do coronavírus. Vamos nos informar e buscar orientações em fontes confiáveis. Não vamos dar espaços para fake news. Com saúde não se brinca. Fiquem atentos! E se identificar algum sintoma como dor de cabeça, febre, tosse, cansaço, perda de olfato ou paladar, #NãoEspere, procure um médico e solicite um atendimento precoce” (FLECK; MARTINS, 2021, n. p.).

O texto guia da ação também ressalta que os influenciadores instiguem o combate às *fake news*. O release, porém, gera dúvidas ao falar sobre o tratamento precoce. A Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou, em 31 de março de 2021, uma nota desaconselhando o uso de ivermectina, utilizada no chamado “tratamento precoce” (EXAME, 2021). Segundo o estudo promovido pela OMS, foram analisados 16 ensaios clínicos randomizados, somando 2.407 pacientes com Covid-19 internados ou em cuidados ambulatoriais. A análise aponta que os resultados da ivermectina no tratamento são de “certeza muito baixa”, porque os estudos são pequenos e apresentam limitações metodológicas dos dados.

Nem o briefing da ação, nem as postagens dos influenciadores contratados traziam menção ao “tratamento precoce” para Covid-19 com uso de medicamentos como cloroquina e ivermectina. Porém, na própria campanha oficial sobre “atendimento precoce” veiculada nos sites do governo, os termos “atendimento” e “tratamento” se confundem. “O tratamento precoce comprovadamente aumenta as chances de recuperação e diminui a ocorrência de casos mais graves e, conseqüentemente, o número de internações”, diz o release – que depois recomenda ações como as divulgadas pelos influenciadores: lavar as mãos, usar máscaras, entre outras (FLECK; MARTINS, 2021, n. p.).

O primeiro ano da cobertura da pandemia da Covid-19 exigiu atuação constante do jornalismo brasileiro na área de saúde. Os principais temas discutidos pelos jornais, além das informações diárias sobre o avanço da doença, tratam, em grande parte das produções, de formas de prevenção, dos efeitos adversos do “tratamento precoce”, de denúncias contra gestores públicos por desvio de recursos que deveriam ser direcionados para a compra de equipamentos para unidades de terapia intensiva (UTIs), da segurança das vacinas aprovadas pela Anvisa e de inverdades propagadas por autoridades. Em artigo publicado no site Observatório de Imprensa, em 02 de fevereiro de 2021, Christofolletti descreve que o cenário brasileiro de “ultrapolarização política, negacionismo científico e crescentes agressões aos jornalistas (lideradas, inclusive, pelo presidente da República) tornam a tarefa de informar muito mais complicada” (CHRISTOFOLETTI, 2021, n. p.). O autor ressalta:

O jornalismo responsável teve que se desdobrar em muitos no primeiro ano da pandemia. Foi necessário informar com critério, neutralizar boatos, afastar teorias conspiratórias, corrigir e até desmentir autoridades. Em mais de uma oportunidade, veículos grandes e pequenos precisaram grafar em manchetes as verdades que apenas seus colonistas tinham o costume de fazer. Disseram, por exemplo, que Bolsonaro mentiu em discurso na ONU, que mentiu em sua live semanal, e que o ministro-general Eduardo Pazuello mentiu sobre o tratamento com cloroquina (CHRISTOFOLETTI, 2021, n. p.).

A cobertura jornalística de saúde é um fenômeno discreto nas redações, por vezes executado sem que os repórteres tenham plena familiaridade e especialização na área. A prática, no entanto, ganha maior destaque em cenários de pandemias e epidemias, onde as decisões tomadas por autoridades e pela sociedade em geral dependem do controle de uma nova doença. A seguir, estão listados exemplos de epidemias e pandemias que integram a história da imprensa brasileira.

### **3.1.1 A cobertura jornalística de saúde em epidemias e pandemias**

A pandemia de Covid-19 soma-se a outras amplas coberturas de saúde já realizadas pela imprensa brasileira ao longo dos últimos séculos. A Organização

Mundial da Saúde (OMS) classifica como estado de pandemia a disseminação mundial de uma nova doença, que “se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa” (SCHUELER, 2020, n. p.). Já o estado de epidemia é considerado quando um surto afeta determinada região, sem provocar circulação global (SCHUELER, 2020).

Antes da Covid-19, a pandemia mais recente anunciada pela OMS foi causada pelo vírus H1N1. A influenza tipo A, como é chamada a doença, é um subtipo de influenzavirus do tipo A, resultante da combinação de segmentos genéticos do vírus humano da gripe, do vírus da gripe aviária e do vírus da gripe suína. Na época da explosão de casos, a doença ficou conhecida como gripe suína, já que o vírus foi identificado simultaneamente em porcos. O primeiro paciente com H1N1 foi registrado no México, em 07 de abril de 2009 (VARELLA, 2011). A OMS reconheceu a disseminação do vírus como estado de pandemia em 11 junho do mesmo ano (BBC, 2009), após atingir 75 países. Ao todo, 187 países registraram casos e quase 300 mil pessoas morreram.

O vírus H1N1 chegou ao Brasil em maio de 2009. As primeiras ocorrências foram registradas nas regiões Sul e Sudeste do país. O primeiro brasileiro infectado foi registrado em 07 de maio de 2009. Quase dois meses depois, em 28 de junho, o país teve o primeiro óbito pela doença (QUEIROZ, 2020). Ao longo de todo o ano de 2009, 2.060 pessoas perderam a vida por conta do vírus. Em março de 2010, o governo federal deu início à campanha de vacinação contra o H1N1. Os imunizantes foram adquiridos através de parcerias com três laboratórios: Glaxo Smith Kline, SANOFI Pasteur e Novartis. Pouco mais de um ano após o primeiro caso registrado, em junho de 2010, o país contabilizou 2.146 mortos (G1, 2016).

Enquanto vigorou o alerta de pandemia do H1N1, entre 28 de junho de 2009 e 10 de agosto de 2010 (G1, 2010), os veículos brasileiros dedicaram mais espaço à cobertura de saúde do vírus. Em síntese, a produção de conteúdo feita por grandes jornais foi focada no número de mortos, cuidados de prevenção contra o vírus e carências do Sistema Único de Saúde (SUS). Silva (2009, p.22) critica os recortes feitos pela imprensa durante o processo de cobertura da gripe suína, alegando que a mídia foi responsável pela “disseminação do pânico e da desconfiança quanto às ações do governo”. A autora atribui as limitações ao processo de newsmaking, organizado, “principalmente, dentro de dois limites: a cultura profissional dos

jornalistas e a organização do trabalho e dos processos produtivos” (WOLF, 2005, p. 188).

O que se viu então foi a opção sistemática pela contagem dos mortos nas manchetes, a cobertura dos enterros das vítimas, muitas imagens de caixões descendo à sepultura, o compulsivo choro dos parentes, as filas nos hospitais, pessoas usando máscaras e outras expressões de calamidade pública que pudessem ficar retidas no imaginário do público. Mas bastava consultar o site do Ministério da Saúde ou blogs jornalísticos independentes da internet para ver que muitos aspectos da epidemia não estavam sendo “escolhidos” como notícia pela grande imprensa. Por exemplo, uma série de perguntas e respostas sobre a nova gripe, assim como uma tabela comparativa dos sintomas da gripe comum e da gripe A, ambas produzidas pelo Ministério da Saúde, não foram publicadas em sua íntegra por nenhum dos “jornalões”, nem mesmo em seus portais na internet – onde, supostamente, a justificativa da “falta de espaço” não caberia (SILVA, 2009, p. 22).

O mesmo fenômeno é relatado por Straliozzo e Muneiro (2011) em pesquisa apresentada no IJ 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 26 a 28 de maio de 2011 pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). O estudo analisa a cobertura jornalística on-line dos sites G1 e Folha Online, baseada nos elementos de reportagem presentes em 270 matérias da Folha Online e em 90 notícias veiculadas pelo G1, acompanhados entre 26 de abril e 04 de maio de 2009. As autoras apontam que mais de 40% da produção em ambos os jornais é construída a partir de falas de fontes oficiais e conteúdos de agências de notícias. Segundo o artigo, “as fontes oficiais ocuparam espaço em 43% das matérias analisadas no G1, e 41% das notícias da Folha Online” (STRALIOTTO; MUNEIRO, 2011, p. 7).

A publicação evidencia, ainda, a falta de humanização das fontes e das histórias retratadas, alegando que “o que se verifica na abordagem da influenza A (H1N1) pelos dois sites é o desempenho dos repórteres voltado, principalmente, para a reescrita – nova roupagem de informações oficiais” (STRALIOTTO; MUNEIRO, 2011, p.8). O resultado serve de parâmetro para evidenciar a carência de fontes especializadas nessa cobertura.

Segundo a pesquisa quantitativa, as fontes oficiais aparecem 169 vezes nas 90 matérias analisadas do site G1, e 730 vezes num universo de 270 publicadas pela Folha Online. Em contraponto, os especialistas figuram cinco vezes nas notícias do G1 e 24 vezes na Folha Online. E quando procurados, a maioria dos especialistas que se manifestaram estavam vinculados às instituições de saúde do governo, integrando também o conjunto das fontes oficiais, e atuando como replicadores do discurso do governo no que concerne à saúde pública (STRALIOTTO; MUNEIRO, 2011, p.12).

Entre 2015 e 2016, o Brasil enfrentou um surto do vírus Zika. Os primeiros casos da doença ocorreram em abril de 2015 na cidade de Camaçari, região metropolitana de Salvador, Bahia (BRITO, 2016). O vírus Zika é transmitido pela picada das fêmeas dos mosquitos *Aedes aegypti*, mesmo transmissor da dengue e da febre amarela, e *Aedes albopictus*. Também é possível ser passado de pessoa a pessoa por meio de contato sexual, transfusão de sangue, transplante de órgãos e transmissão vertical, ocasionada durante a gestação.

O Ministério da Saúde admitiu a circulação do vírus no país em 14 de maio de 2015. Em 11 de novembro de 2015, a pasta classificou a epidemia do Zika como situação de emergência em saúde pública de importância nacional. O anúncio foi feito dois meses após médicos do Nordeste alertarem para o alto número de nascimentos de bebês com microcefalia. Neste grupo, a infecção pode ampliar as chances de morte fetal, insuficiência placentária, restrição de crescimento fetal, microcefalia, malformações e problemas neurológicos (ALMEIDA, 2020). A confirmação da relação do vírus com a doença foi apontada em uma pesquisa pioneira realizada pelos pesquisadores do Instituto de Pesquisa Professor Joaquim Amorim (Ipesq), em Campina Grande, Paraíba, considerado referência no estudo e tratamento da microcefalia.

Aguiar e Araújo (2016) indicam que a cobertura jornalística do vírus Zika e dos casos de microcefalia no Brasil era quase inexistente antes de março de 2015, “quando começaram a surgir menções na mídia, quando se falava sobre “uma doença ainda sem diagnóstico” (AGUIAR, ARAÚJO, 2016, p.4). Até outubro de 2015, a grande mídia direcionou a cobertura para a contabilização de casos e as investigações promovidas pelo Ministério da Saúde sobre a circulação do vírus. O cenário começou a mudar em novembro, com a intensificação do nascimento de bebês com microcefalia. Para Aguiar e Araújo (2016), “na mídia, as notícias sobre o aumento de casos de microcefalia começam a ser notadas na primeira semana de novembro, em jornais de Pernambuco e da Paraíba, com a sugestão de uma possível associação com o vírus Zika” (AGUIAR, ARAÚJO, 2016, p.5).

As autoras também observam, em levantamento feito a partir do acompanhamento dos jornais diários Correio (BA), Correio da Paraíba (PB), Extra (RJ), Folha de S.Paulo (SP), Jornal do Commercio (PE), O Estado de São Paulo (SP), O Globo (RJ), Super Notícia (MG) e Zero Hora (RS), entre os meses de novembro e dezembro de 2015, que o maior período de cobertura do vírus Zika valorizou o uso de

fontes oficiais como norteador da agenda. Foram considerados para análise os seis jornais diários de maior circulação no país, conforme a Associação Nacional de Jornais (ANJ), assim como os jornais de maior circulação na Bahia, Paraíba e Pernambuco, estados que concentraram o maior número de casos de microcefalia em 2015. Para realizar a seleção, as pesquisadoras reuniram as capas que continham pelo menos um dos seguintes termos: Zika, microcefalia, dengue, *chikungunya* e *Aedes aegypti*.

No que se refere à correlação com os fatos elencados na linha do tempo, observamos que muitas vezes o noticiário acompanha os anúncios do MS, o que aponta para um forte efeito de agendamento, especialmente no dia seguinte aos anúncios. Porém, também é observada a presença de notícias desconectadas daquilo que foi feito circular pelo governo, resultantes de abordagens dos próprios veículos (AGUIAR; ARAÚJO, 2016, p.10).

Após o crescimento dos casos de microcefalia e a descoberta científica que evidencia o evento com o vírus, os jornais começaram a discutir a possibilidade de aborto para as mães diagnosticadas com Zika, a partir da decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) de votar o direito das mulheres contaminadas ao procedimento. De acordo com cientistas e médicos, o Zika promove a devastação do tecido cerebral em fetos, o que leva alguns bebês a nascerem apenas com restos do que viria a ser um cérebro, enquanto outros nascem mortos. Miranda (2017) propõe que este tipo de trabalho extrapola o saber da medicina e fortalece as esferas de biopolítica e governabilidade.

A discussão sobre o aborto em caso de confirmação de microcefalia está longe de acabar, pois o debate continua se acirrando. O conceito de governamentalidade também é essencial aqui para nos provocar a refletir sobre como o jornalismo se constitui como dispositivo para assegurar a "condução de uma conduta", precisamente a de mulheres grávidas. Essas discussões dificilmente chegariam ao público mais amplo não fossem os produtos jornalísticos - que ora dimensionam o aborto como uma questão política e social, ora reduzem o debate às questões relacionadas ao saber médico (MIRANDA, 2017, p.11).

Vale ressaltar, também, que assim como na pandemia de Covid-19, a epidemia de Zika no Brasil foi marcada pela venda de anúncios publicitários com conteúdos de saúde em veículos jornalísticos. Desta vez, por conta da possibilidade de transmissão pelos mosquitos *Aedes aegypti* e *Aedes albopictus*, a presença abusiva de publicidade em jornais buscou impulsionar a venda de inseticidas, repelentes e testes rápidos. A discussão é fomentada por Aguiar e Araújo (2016).

Inseticidas, repelentes, testes rápidos e outras tantas oportunidades de negócio, que já existiam com a dengue, se acentuaram. A antiga discussão sobre o financiamento dos veículos de imprensa coloca mais uma vez em

xeque a influência dos anunciantes de espaços publicitários sobre os espaços jornalísticos dos veículos de comunicação (AGUIAR; ARAÚJO, 2016, p.12).

A OMS determinou, em 18 de novembro de 2016, o fim da emergência internacional devido às consequências neurológicas do vírus Zika, anunciada em 01 de janeiro do mesmo ano. O governo brasileiro, no entanto, decidiu manter o estado de emergência nacional em saúde pública. O Ministério da Saúde anunciou o fim de tal classificação apenas em 11 de maio de 2017.

Dentre os exemplos de coberturas citados, é preciso apontar, também, a cobertura jornalística da Aids, reconhecida como uma das maiores pandemias da história contemporânea. A descoberta da doença implicou em diversas mudanças comportamentais no século XX, revelando “um fenômeno social marcado por tecnologias modernas no campo de pesquisas médicas, pelo ativismo social e pela impressionante dimensão midiática que assumiu” (SPINK *et al.*, 2001, p. 852). Os primeiros casos da doença começaram a aparecer no início da década de 1980, quando as notícias sobre o tema indicavam que a enfermidade afetava apenas pessoas do “grupo de risco”. Esse grupo chegou a ser conhecido como os 5H: homossexuais, hemofílicos, haitianos, usuários de heroína injetável e profissionais do sexo (*hookers*, em inglês). Provocada pelo vírus HIV, que ataca o sistema imunológico e deixa o organismo mais suscetível a doenças, a Aids é contraída através de fluidos corporais, transmitidos por sangue, leite materno, sêmen e líquidos secretados durante o sexo.

O primeiro caso da doença no Brasil ocorreu em 1980, em São Paulo. O paciente, um homem homossexual, não foi prontamente diagnosticado com o vírus e a confirmação do contágio foi informada apenas em 1982 (FIOCRUZ, 2007). A transmissão, segundo a Fiocruz, ocorreu por transfusão sanguínea. Com o diagnóstico, os jornais começaram a tratar a doença como “peste gay” e “câncer gay”. A marginalização dos termos usados para caracterizar a doença é relatada por Carvalho (2011, apud CARVALHO, 2009, n. p.):

Para complicar um pouco mais a Aids como acontecimento, os então definidos “grupos de risco” constituíam-se de segmentos populacionais tradicionalmente marginalizados socialmente, alvos de preconceitos variados, das manifestações de ódio homofóbico dirigidas contra homossexuais masculinos às depreciações sociais de prostitutas, usuários de drogas injetáveis e haitianos, os últimos vítimas associadas ao comércio ilegal de sangue para os Estados Unidos, um dos primeiros países a registrarem casos da nova e misteriosa doença e logo envolvido em disputas com a França pela determinação do pioneirismo na descoberta do vírus,

apontado como agente causador após um período de total desconhecimento sobre a origem da infecção e modos de transmissão, afinal identificados como ocorrendo por meio do sangue e/ou espermatozoides contaminados.

Parte da cobertura jornalística da Aids realizada na década de 1980 e no início da década de 1990 é marcada pelo uso de termos preconceituosos pela imprensa. Um deles é a palavra *aidético*, portadora de um significado negativo. Segundo Valle (2002, p. 185), a escolha do termo é uma forma de segregar a sociedade, pois coloca todos os portadores do vírus em uma esfera de estigma social:

Qualquer pessoa infectada pelo HIV era chamada assim. [...] Ser um *aidético* veio sugerir, portanto, uma identidade abrangente que definia e segregava pessoas das mais diversas trajetórias e experiências sociais, culturais e subjetivas: mulheres *aidéticas*, pivetes *aidéticos*, gays *aidéticos* etc. Todos eram subentendidos por meio de uma identidade comum, que era mais caracterizada pelo estigma da doença e sempre sobre o signo da morte.

A partir da distribuição gratuita de medicamentos antivirais pelo Ministério da Saúde, em 1991, a disseminação do tratamento contra a Aids começa a aparecer com mais frequência nos noticiários. Neste momento, De Melo e Costa (2019) explica que a mídia passou a evitar palavras com conotação preconceituosa, como os termos descritos anteriormente. A autora argumenta que os jornais utilizaram a narrativa de convivência com a doença e que “o tratamento à doença se tornou uma realidade, passando a surgir pacientes que, devidamente medicados, retornaram à sua vida social. Trata-se de uma nova fase da Aids: o contraste do *aidético*: o soropositivo assintomático” (DE MELO E COSTA, 2019, p. 136). Com a ampliação do acesso a tratamentos, os jornais passaram a reduzir o espaço de discussão sobre formas de prevenção.

O diagnóstico do cantor Cazuza como soropositivo também integra um momento marcante da cobertura brasileira. Em análise das principais matérias e reportagens publicadas após o anúncio público da doença e até o momento da morte do artista, Fausto Neto (1991, p. 124) propõe que os jornais deram ênfase à resistência de Cazuza à doença, embora parte das imagens publicadas em capas de jornais e revistas mostrasse o estado de saúde debilitado do cantor:

Cazuza, um ativo/doente, é apanhado pela “sintexe” da mídia que também cria este modelo de doente. A mídia, ao mesmo tempo em que co-engendra um cerimonial próprio desta doença-morte, também aponta para um cerimonial privado vivido pelo artista que, no interior do seu padecimento, desloca-se, por onde pode - sobretudo pelo trabalho e pela exposição das suas ações - para criar um contraponto à sua enfermidade, possivelmente tentando escapar do ancoradouro letal.

A atual cobertura jornalística da Aids, hoje considerada uma epidemia, tem direcionado a produção de conteúdo para a descoberta de novas pesquisas científicas relacionadas ao tema, conforme indica De Melo e Costa (2019, p. 137):

A cobertura jornalística vem acentuando uma tendência observada ao longo dos anos de priorizar as novas descobertas científicas da doença (FAUSTO NETO, 1999; SOARES, 2001; SPINK et al., 2001; GALVÃO, 2002; BARATA, 2006; PRATO CARDOSO, 2012), com detrimento de temas que envolvem cidadania e discriminação.

### 3.2 JORNALISMO ON-LINE: CARACTERÍSTICAS E ROTINAS

O jornalismo on-line ganhou uma dimensão distinta a partir da criação do World Wide Web (www), em 1995. É neste período que novas ferramentas e tecnologias surgem para potencializar a disseminação de informações na internet, como listas de discussão, fóruns e blogs, fator que descentralizou o modo como a audiência consumia notícias em telejornais, rádios, revistas e jornais impressos. A partir da criação de tais espaços, a informação passou a circular para além das redações. Isso ocorre porque os leitores, agora usuários, têm o poder de publicar e informar notícias antes mesmo dos veículos de comunicação. Assim, o on-line pressiona o jornalismo a uma rotina produtiva mais instantânea, rápida e, por vezes, precarizada.

Até o início dos anos 2000, o jornalismo on-line não mantinha um padrão de produção rígido. Havia uma parcela da criação de conteúdo própria para o ambiente on-line e, ainda, o reaproveitamento de materiais veiculados em jornais impressos. De acordo com Gonzales (2000), existem quatro fases do jornalismo on-line. A primeira, chamada fac-simile, trata da reprodução da versão impressa de um jornal na internet. De acordo com o modelo, todo o conteúdo do impresso era disponibilizado digitalmente, em formato PDF. A segunda fase, denominada modelo adaptado, preserva o conteúdo impresso, porém em um design adaptado para o digital. É nesta fase que os hiperlinks começam a ser explorados. Na terceira fase, intitulada modelo digital, os conteúdos passam a ser planejados para o digital. As características que definem esse modelo são incentivo à interatividade e inserção de notícias de última hora, até então uma prática limitada. A quarta e última modalidade identificada é o modelo multimídia, que marca a incorporação dos recursos de texto, imagem, som e vídeo na disposição de conteúdos reproduzidos digitalmente.

A integração do jornalismo com o digital e a produção voltada para este formato permite a associação de materiais complementares pelos leitores, relacionando-os e

promovendo uma simbiose de conexões de dados. Fidalgo e Serra (2003) identificam que essa relação exige uma troca interdisciplinar no campo da comunicação, a fim de reunir habilidades e conhecimentos do jornalismo, do audiovisual e da informática. Segundo a percepção dos autores, a interceptação dessas áreas firma vínculos entre “jornais e sistemas de informação”.

O hipertexto e as bases de dados online, interativas, estabelecem contatos entre jornalistas e sistema de informação. Uma notícia num jornal online pode reenviar, mediante um link, o leitor para uma enciclopédia, ou uma notícia pode ser dada no contexto de outras notícias, selecionadas por uma pesquisa numa base de dados. Até agora o arquivo de um jornal era de algum modo um arquivo inerte, arquivo que só o jornal do dia a dia podia de certa maneira ressuscitar também por um dia. Ora o jornalismo e o hipertexto permitem o acesso aos jornais do arquivo como se jornais do próprio dia se tratassem (FIDALGO; SERRA, 2003, p. 2).

O desenvolvimento de uma linguagem própria do jornalismo on-line é uma tendência apontada ainda no início da década de 2000 por Fidalgo e Serra (2003). A adaptação corresponde ao quarto modelo de jornalismo on-line estudado por Gonzales (2000).

Desde logo o jornalismo online obriga a um novo tipo de escrita, na medida em que tem de corresponder necessariamente à lógica do hipertexto e respectiva interactividade. Há que ter em conta as diferentes possibilidades de layout que uma página impressa do jornal permite (colunas, caixas, tipos de letra, inserção de fotografias, etc.) e que permite o layout online (tabelas, frames, animação de texto, etc.) (FIDALGO; SERRA, 2003, p. 3).

A estrutura das notícias também segue um padrão disruptivo do modelo tradicional. Canavilhas (2016) argumenta que a pirâmide invertida, técnica que determina a hierarquização de informações em um texto através da priorização dos fatos mais importantes para os menos importantes, não é uma regra fixa nas mídias digitais. Criada durante a Guerra Civil dos Estados Unidos, a técnica só veio a ser nomeada de pirâmide invertida por Edwin L. Shuman no livro *Practical Journalism*, publicado em 1903 (Salaverria, Ramón, 2005, 109). Conforme sustenta Canavilhas, o jornalismo on-line não tem a necessidade de cortar texto, como costuma acontecer no jornal impresso. É possível criar referências entre os temas abordados a partir de hiperlinks, que expandem os percursos de leitura e ampliam as chances de descobertas pelo leitor. Para o autor, “o jornalista não é confrontado com a necessidade de cortar informação, podendo manter tudo aquilo que considera essencial para o leitor perceber a mensagem” (CANAVILHAS, 2014, p.9). A pirâmide invertida, portanto, é flexibilizada e a informação passa a ser distribuída em blocos.

A pirâmide invertida é a técnica de redação fundamental no jornalismo escrito. De uma forma simplificada, esta técnica define-se como uma forma de organizar a informação em que os dados mais importantes (o quê, quem, onde, como, quando e por quê) estão no início das notícias, seguindo-se as restantes informações organizadas em blocos decrescentes de interesse (CANAVILHAS, 2014, p. 8).

Diante das particularidades descritas até aqui em relação ao jornalismo on-line, Canavilhas elenca sete características presentes no webjornalismo na obra *Webjornalismo*, 7 características que marcam a diferença. O estudo, lançado em 2014 no IV Congresso Internacional de Ciberjornalismo, apresenta outros seis autores diferentes para elucidar cada tópico: Salaverria (2014), Rost (2014), Palacios (2014), Bradshaw (2014), Lorenz (2014) e Pavlik (2014). Integram os tópicos: hipertextualidade, multimidialidade, interatividade, memória, instantaneidade, personalização e ubiquidade.

A primeira característica apontada é a hipertextualidade, brevemente apresentada acima. O recurso trata da correlação entre links dentro de uma matéria ou reportagem e da apresentação de informações em ordem não-linear, o que implica na ruptura da pirâmide invertida. Os chamados blocos informativos são descritos por Canavilhas (2014) como fundamentais para a estrutura das notícias on-line e, por este fato, “as técnicas de redação devem ser adaptadas a cada meio, procurando-se que o leitor se sinta confortável na leitura (CANAVILHAS, 2014, p. 6). Esses blocos podem ser compostos por textos, imagens, vídeos ou áudios, “entendendo-se em uma unidade informativa autônoma” (CANAVILHAS, 2014, p. 18).

A hipertextualidade deriva da descentralização da leitura. Portanto, as informações não precisam ser consumidas e encontradas em uma única ordem. O autor declara que “o ponto de entrada na leitura da notícia pode ser um bloco informativo mais afastado do bloco inicial, ou ponto de entrada, o que dificultará a identificação de um centro” (CANAVILHAS, 2014, p. 6). Desta forma, cabe ao jornalista que trabalha com mídias sociais definir, segundo Canavilhas, “a forma como se organizam e a colocação das hiperligações que os aglutinam são as variáveis a analisar” (CANAVILHAS, 2014, p. 17).

A multimidialidade proposta por Salaverria (2014), segundo aspecto analisado no webjornalismo, parte de fatores como multiplataforma, polivalência e combinação de linguagens. O primeiro ponto avaliado configura a logística e o modo de produção dos meios de comunicação. O autor discorre que a cobertura multiplataforma retrata “casos em que distintos meios coordenam as suas respectivas estratégias editoriais

e/ou comerciais para conseguir um melhor resultado conjunto” (SALAVERRIA, 2014, p. 27). A polivalência, por sua vez, pode ser desdobrada em três aspectos iniciais: mediática, na qual o jornalista trabalha em meios diferentes, como freelancer ou em funções diversas dentro de uma mesma empresa; temática, quando o profissional não possui nenhuma especialização informativa, como em saúde; e funcional, relacionada ao conceito multitarefa, desempenhando múltiplas atividades na redação. Já a combinação de linguagens apresenta a integração entre duas ou mais linguagens, como vídeo, imagem, som e texto. Essa combinação de fatores é apontada por Salavarría (2014) como uma síntese da multimídia. É importante ressaltar, todavia, que o fenômeno multimídia não surge a partir da inserção do jornalismo na web.

Face às limitações de multimídia dos meios analógicos anteriores, a Web oferece uma plataforma de enorme versatilidade para a integração de formatos textuais, gráficos e audiovisuais. Não é, portanto, de estranhar que após a irrupção da internet o conceito de jornalismo multimídia tenha alcançado especial protagonismo. De facto, graças à Web multiplicaram-se as possibilidades para o crescimento da narrativa multimídia. Não obstante, esta constatação não nos deve conduzir ao equívoco de considerarmos a multimídia como património exclusivo da internet. Muito antes de aparecerem os meios digitais, alguns meios já eram, *stricto sensu*, meios multimídia (SALAVARRIA, 2014, p. 32).

A interatividade é qualificada por Rost (2014) como uma esfera que une leitores e jornalistas, pois “permite abordar esse espaço de relação entre ambas as partes e analisar as diferentes instâncias de seleção, intervenção e participação nos conteúdos do meio” (ROST, 2014, p.53). O conceito é trabalhado pelo autor como forma de relação entre os usuários, decorrente da transferência de poder do que é produzido pelo jornalismo on-line. A mediação dessa interatividade é feita pelas máquinas, ou seja, os dispositivos que permitem a interação entre tais grupos. Conforme Rost (2014), a interatividade pode ser entendida como a “capacidade gradual que um meio de comunicação tem para dar maior poder aos utilizadores tanto na seleção de conteúdos (“interatividade seletiva”) como em possibilidades de expressão e comunicação (“interatividade comunicativa”)” (ROST, 2014, p.56). Estes dois tipos de interatividade, seletiva e comunicativa, referem-se, respectivamente, às possibilidades receptivas de navegação e acesso do conteúdo apresentado e ao ato de dialogar, comentar, opinar, propor sugestões, dar suporte, discutir ou confrontar algo.

A memória no jornalismo corresponde ao resgate de informações diárias, à contextualização dos fatos e às conexões estabelecidas com elementos do cotidiano.

Para Palacios (2014), essa característica é intensificada no on-line pela oportunidade de visitar diferentes assuntos dentro de uma matéria, complementando-os através dos recursos hipertextualidade, multimídia e interação. O autor aponta a interligação das bases de dados que conectam os conteúdos publicados e permitem que o abastecimento de novas informações seja contínuo e caracterizado como “espaço virtualmente ilimitado para o armazenamento de informação que pode ser produzida, recuperada, associada e colocada à disposição dos públicos alvos visados” (PALACIOS, 2014, p. 95):

Tomando-se a questão por essa ótica, o jornalismo é memória em ato, memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será passado relatado. Um passado relatado que, no início, renovava-se a cada dia, e com o advento da rádio, da televisão e da Web, tornou-se relato contínuo e ininterrupto, nas coberturas jornalísticas 24x7 (24 horas por dia, sete dias por semana) (PALACIOS, 2014, p. 91).

A memória jornalística é construída diariamente, ao longo de 24 horas. A participação da sociedade nessa construção é ainda mais presente na esfera digital, quando considerada a inclusão do usuário no fluxo midiático. Palacios (2014) argumenta que os usuários também são parte da produção das notícias, já que podem acessá-las, confrontá-las e navegar por uma base de dados extensa.

Presentemente, mais e mais arquivos vão sendo digitalizados, indexados, tornados públicos e abertos, equalizando as condições de uso da memória, não só na produção, mas também na recepção. O usuário final pode também recorrer ao passado arquivado para, fácil e rapidamente, situar e contextualizar a atualidade que lhe é apresentada através do fluxo midiático. Em outras palavras, além do incremento do uso da memória como ferramenta narrativa pelos produtores de informação jornalística, um processo de empowerment está ocorrendo no que diz respeito à construção de contextos para as notícias por parte do próprio usuário através da memória arquivada e os conteúdos das bases de dados à sua disposição (PALACIOS, 2014, p. 96).

A instantaneidade é uma das características mais frequentes no jornalismo on-line, movida pelo efeito das mídias sociais. A velocidade sempre fez parte da rotina jornalística, principalmente pelo fato de que informar um fato em primeira mão é associado ao pressuposto de apuração. Porém, as publicações realizadas nas redes têm intensificado a noção de instantaneidade como “suposições sobre o que constitui “ser o primeiro” estão sob pressão” (BRADSHAW, 2014, p.111). Dado o contexto de popularização das mídias sociais e ampliação do acesso à internet, os jornalistas passam a dividir a atenção e o poder de divulgar informações com os usuários. Os leitores também podem publicar e informar, em seus respectivos canais e redes sociais, fatos presenciados ou repercutidos sobre determinado acontecimento. Antes

da invenção do www, o poder de escolha e publicação de notícias era dominado pelos veículos de comunicação. Hoje, em um cenário de tecnologias acessíveis e portáteis, a escolha de informar o que realmente é considerado notícia não cabe apenas ao editor, como explica Bradshaw (2014, p. 112):

Até recentemente, um repórter poderia se sentir confiante sobre o que os seus leitores sabiam. Agora, na medida em que todos os media publicam no mesmo espaço – online – esses ciclos de vida estão se tornando mais complexos. Um jornal local é também global, exceto no nome. Quando um repórter especialista descobre algo de interesse amplo, seus leitores cuidam de realizar a propagação de maneira mais rápida do que qualquer outro jornalista poderia reproduzir. De fato, a decisão editorial sobre aquilo “que realmente tem grande apelo” está cada vez mais saindo do controle das mãos do editor. Assim, na medida em que essas tecnologias de velocidade têm se tornado disponíveis para todos os publicadores (publishers) – e para os consumidores – alguns estão explorando outros novos limites: ser o primeiro a verificar, a organizar ou a agregar.

O autor cita que a instantaneidade das informações está impregnada na logística de operação de redes sociais como o Twitter, onde os usuários devem publicar, em até 280 caracteres, informações rápidas e objetivas. Bradshaw (2014) enfatiza a ruptura da detenção do poder de informação pelos veículos de comunicação por meio das mídias sociais, assimilando que “quando um amigo escuta algo, nós também escutamos” (BRADSHAW, 2014, p.118). Conseqüentemente, o maior desafio do jornalismo on-line, segundo o pesquisador, está no fim das limitações para a publicação de conteúdos. “A captação de notícias, a produção e distribuição podem, agora, ocorrer simultaneamente – e serem potencializadas” (BRADSHAW, 2014, p.116).

A personalização compreende o conjunto de estratégias empregadas para entregar conteúdo relevante e com potencial de gerar identificação. Esta característica é construída a partir de graus de agregação, ou seja, elementos que proporcionam profundidade, atenção, conexão e envolvimento com a notícia. Para construir narrativas personalizadas, o jornalismo on-line utiliza recursos que completam a experiência do usuário, como implementação de programas de responsividade em dispositivos, para avaliar se os usuários conseguem acessar as páginas de maneira adaptada para diferentes tamanhos de telas, indicação de materiais compatíveis com os interesses do leitor, conteúdo aberto para colaboração e interação, além de produções segmentadas para necessidades combinadas, como o desenvolvimento de aplicativos de nicho.

Lorenz (2014) determina que a personalização de experiências informativas pode implicar em formas e extensões de uma solução, sem precisar delimitar uma produção única e pontual. O trabalho criado para as mídias digitais pode ser complementado, reestruturado ou expandido de acordo com a necessidade dos usuários consumidores.

Em suma, quando trabalhamos neste espaço, o nosso objetivo fundamental não é criar um produto ou serviço uniforme. Em vez disso, estamos a entrar no negócio de catering para as mais diferentes necessidades dos utilizadores, com várias opções de uso da oferta baseado nas preferências e necessidades (LORENZ, 2014, p.139).

O sétimo e último princípio atribuído ao jornalismo on-line é a ubiquidade, definida como a presença simultânea de um conteúdo em diferentes plataformas. Quando atrelada ao cenário digital, a ubiquidade corresponde ao poder de alcance e integração de uma publicação. No jornalismo on-line, este movimento acontece porque as notícias podem ser acessadas, compartilhadas e distribuídas a nível global. Além disso, como relatado neste capítulo, o poder de produção não está concentrado apenas nos jornalistas, mas também nos usuários, que podem vir a colaborar e integrar o processo produtivo.

Pavalik (2014) pondera que “no contexto da mídia, ubiquidade implica que qualquer um, em qualquer lugar, tem acesso potencial a uma rede de comunicação interativa em tempo real” (PAVALIK, 2014, p.160). Há, também, uma nova esfera no processo produtivo. Segundo o autor, além da participação do público, “o conteúdo noticioso emana de uma variedade de fontes cada vez mais ubíquas, incluindo câmeras de segurança ou vigilância bem como sensores de muitos tipos e formatos, frequentemente ligados à internet (PAVALIK, 2014, p.161).

A expansão do jornalismo on-line é movida, ainda, pela tendência de convergência das mídias. O fenômeno resulta na disseminação de conteúdos em diferentes plataformas, processo que contempla a união de segmentos distintos e de uma nova forma de consumo. Jenkins (2006) define que a convergência das mídias está ligada ao “fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação” (JENKINS, 2006, p.29). Enquanto processo, a convergência pode ser associada ao planejamento e a distribuição de conteúdo que é feito pelos portais de notícias. Hoje, parte dos portais brasileiros apostam em estratégias de conteúdos complementares, que podem ser consumidos e

complementados conforme a especificidade de cada tecnologia e ferramenta empregada.

A essência da convergência das mídias vai além de avanços tecnológicos e abrange a participação dos usuários. De acordo com Jenkins (2006), a mudança está centrada na expansão das mídias, que tendem a estar disponíveis em plataformas variadas. Esse processo é definido pelo autor como constante e sobrevive a partir da interatividade.

A convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica. A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. Lembrem-se disto: a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final. Não haverá uma caixa preta que controlará o fluxo midiático para dentro de nossas casas. Graças à proliferação de canais e à portabilidade das novas tecnologias de informática e telecomunicações, estamos entrando numa era em que haverá mídias em todos os lugares (JENKINS, 2006, p.43).

A convergência é uma condição que atinge empresas e pessoas. Nesse processo, ambos são agentes de mudança e colaboram para a distribuição do conteúdo on-line. Conforme Jenkins (2006), a convergência é um processo colaborativo e, portanto, introduz uma cultura participativa. A tendência é que esse processo se torne mais presente nas etapas de logística, produção e consumo de notícias.

A convergência, como podemos ver, é tanto um processo corporativo, de cima para baixo, quanto um processo de consumidor, de baixo para cima. A convergência corporativa coexiste com a convergência alternativa. Empresas de mídia estão aprendendo a acelerar o fluxo de conteúdo de mídia pelos canais de distribuição para aumentar as oportunidades de lucros, ampliar mercados e consolidar seus compromissos com o público. Consumidores estão aprendendo a utilizar as diferentes tecnologias para ter um controle mais completo sobre o fluxo da mídia e para interagir com outros consumidores (JENKINS, 2006, p. 44).

A autoridade do jornalismo on-line voltou a demonstrar alta logo nos primeiros meses da pandemia de Covid-19 no Brasil. Segundo levantamento realizado pela empresa de pesquisa de mercado MindMiners, a pedido da agência Leo Burnett, em março de 2020, 53% dos participantes alegaram ter "aumentado consideravelmente" a procura por informações no período (PEZZOTTI, 2020). O estudo contou com a participação de 500 pessoas, divididas em cinco regiões do Brasil. Os dados apontam que o consumo em portais de notícias cresceu 77%, enquanto a busca de notícias em TV aberta cresceu 76% e em redes sociais 64%.

Outra pesquisa sobre o consumo de notícias durante a pandemia de Covid-19 no Brasil, realizada pela empresa de pesquisa de mercado Provokers e encomendada pela organização filantrópica Luminare, aponta que 92% dos participantes leem notícias em mídias digitais por, no mínimo, duas vezes por semana. O levantamento, feito a partir de uma amostra de 2047 entrevistados, foi realizado entre junho e julho de 2020. Em relação aos portais mais conhecidos, os sites G1 (84%), UOL (80%) e R7 (77%) estão entre os três mais populares no país. Do total de leitores de notícias digitais, 16% são pagantes (LUMINARE, 2020).

Em virtude das características descritas neste capítulo e do senso de urgência do jornalismo on-line, visto que as mídias sociais têm alto potencial de viralização e disseminação de informações, o jornalismo diário carece de mais tempo para apurar, interpretar e buscar variação de fontes. Desde que o Jornal do Brasil, primeiro jornal brasileiro a ser distribuído na internet, em 1995, iniciou a expansão do jornalismo on-line (BALDESSAR, 2009) na rede, os portais de notícias têm cedido espaço, em grande parte, para a cobertura de *hard news*, as notícias factuais. O resultado desta soma de fatores será abordado no próximo capítulo, que trata das dinâmicas de apuração e escolhas editoriais no jornalismo on-line.

### 3.3 DINÂMICAS DE APURAÇÃO E ESCOLHAS EDITORIAIS EM PORTAIS DE NOTÍCIAS

O consumo de notícias nas mídias sociais revela uma reconfiguração da relação jornalismo e audiência. O acesso de notícias no digital é feito em tempo real, a partir de qualquer dispositivo com acesso à internet, cenário este que impacta diretamente na apuração e produção jornalística para portais de notícias. A instantaneidade das mídias reforça o sentido de competição entre os veículos de comunicação. Cada empresa procura ser a primeira a publicar uma notícia, a cobrir um evento, a descobrir um furo de reportagem. Tal movimento também é familiar em jornais impressos, por exemplo, mas mostra-se mais determinante para a entrega final em um contexto digital.

A velocidade recorrente na rotina jornalística é um sintoma associado ao jornalismo industrial e à precarização dos meios de comunicação na era digital. Trata-se de uma lógica de mercado para a comercialização de notícias, descrita por Moretzsohn (2002) como “velocidade como fetiche”. Para a autora, o jornalismo produzido em acompanhamento ao tempo real aposta na rapidez “consumida como

fetichismo, pois 'chegar na frente' torna-se mais importante do que 'dizer a verdade': a estrutura industrial da empresa jornalística está montada para atender a essa lógica" (MORETZSOHN, 2002, p. 120).

Na dinâmica de jornais impressos, revistas e telejornais, a equipe precisa fechar a edição até o horário pré-estabelecido para que o trabalho siga para a etapa seguinte de produção. Já no jornalismo on-line, esta atividade é contínua, sem restrição de horários. Os portais de notícias são identificados pela capacidade de atualização constante e imediata, podendo agregar diferentes recursos para complementar a informação, como vídeos, fotos, áudios, tabelas e infográficos. No on-line, também não há um limite mínimo e máximo para a produção textual, pois entende-se que as informações podem ser atualizadas conforme a apuração de novos dados. É assim que a rotina do jornalismo on-line ingressa em um modo produtivo de notícias 24 horas por dia.

O pressuposto de cobertura em tempo integral faz com que os repórteres tenham menos tempo para apurar notícias antes de publicá-las. É preciso mencionar que parte das redações de portais de notícias são enxutas e não possuem receita suficiente para manter repórteres *in loco* e na redação. Assim, um volume expressivo das informações que chegam até a produção é repassado por fontes oficiais, agências de notícias ou assessores de imprensa. Sem equipes suficientes para cobrir todas as demandas, o jornalismo on-line ingressa em um ciclo de checagem superficial e uso recorrente das fontes oficiais. O modo de abastecimento em tempo real é citado por Moretzsohn (2002) como um fator que pode empobrecer a produção, uma vez que é "preciso trabalhar cada vez mais rápido para 'alimentar o sistema'" (MORETZSOHN, 2002, p. 130).

O profissional que trabalha com portais de notícias e mídias sociais costuma executar múltiplas funções no dia a dia. Nas redações on-line, ao menos em uma parte substancial deles, há poucos jornalistas especializados e que podem cobrir apenas determinadas editorias. A realidade do chamado jornalista multimídia retrata a sobrecarga de trabalho a curto prazo. De acordo com Renault (2013), é comum que esse profissional desempenhe diversas atribuições ao longo do dia e que, por isso, entregue produções consideravelmente mais rasas. "O que se vê hoje é um mesmo profissional exercendo múltiplas funções, o jornalista multimídia, acossado por uma maior carga de trabalho e rigorosa pressão para cumprir os diversos prazos" (RENAULT, 2013, p. 467).

As fontes oficiais são empregadas pelo jornalismo para credibilizar as informações publicadas. O uso deste tipo de fonte pelos portais brasileiros durante a pandemia de Covid-19, como secretarias de Saúde, Ministério da Saúde e Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass), também é justificado pelo critério de proximidade dessas fontes com as informações primárias. Conforme ressalta Traquina (2001, p. 113), as fontes operam como agentes de confiança e situam a produção jornalística em uma linha de espaço e tempo.

Devido à necessidade de impor ordem no espaço e no tempo, a estória do jornalismo, no seu funcionamento diário, é descrita como sendo essencialmente estória da interação de jornalistas e fontes oficiais. As fontes provêm sobretudo da estrutura do poder estabelecido e, por isso, as notícias tendem a apoiar o status quo.

Com a chegada da Covid-19 no Brasil, os portais de notícias, que já operavam com sobrecarga de trabalho e um quadro reduzido de profissionais, precisaram reorganizar as estratégias de cobertura. Por conta do alto risco de transmissão do vírus de pessoa para pessoa e da constante circulação de novas variantes em território brasileiro, a Covid-19 acabou fazendo com que a atuação da imprensa ocorresse de maneira colaborativa. Como já relatado anteriormente, a primeira fase da cobertura realizada pelos portais brasileiros é mediada pela atualização de informações cedidas por órgãos municipais, estaduais e federais. O período, de fevereiro de 2020 até junho de 2020, é marcado pela realização de coletivas de imprensa e pela atualização diária em base de dados do Ministério da Saúde.

A tendência de colaboração no processo de apuração de dados de contágio, óbitos, pacientes em tratamento e recuperados é reforçada a partir de junho de 2020, com a criação do consórcio de imprensa. A iniciativa, embora pouco comum entre os portais de notícias do país, configura uma nova forma de driblar a precarização das redações on-line e de garantir que a produção seja concretizada objetivamente e contemplando critérios científicos.

O projeto foi defendido pelo diretor-geral de Jornalismo da Globo, Ali Kamel, como um esforço para proporcionar a transparência de números mais fiéis da pandemia de Covid-19 (G1, 2020). "Em que pese a disputa natural entre veículos, o momento de pandemia exige um esforço para que os brasileiros tenham o número mais correto de infectados e óbitos" (G1, 2020). Na data de lançamento do consórcio, o diretor de Conteúdo do UOL, Murilo Garavello, também ressaltou que o trabalho favorece o acesso a dados corretor em um período de tempo mais hábil. "Agora, no

momento mais agudo da pandemia, precisamos assegurar à população o acesso a dados corretos o mais rápido possível, custe o que custar” (G1, 2020).

#### **4. O TRABALHO DOS PORTAIS DE NOTÍCIAS NA DIVULGAÇÃO DE BOLETINS DIÁRIOS**

Como discutido anteriormente, o jornalismo de saúde desempenha uma atribuição importante para o entendimento do público sobre assuntos de saúde e bem-estar. É a partir do segmento que os leitores podem tirar dúvidas e consumir conteúdos mais especializados, mediado por especialistas, profissionais da área e pesquisadores.

As características do jornalismo on-line, também introduzidas no terceiro capítulo, são compatíveis com a apresentação simplificada desses conteúdos. As matérias de saúde publicadas em portais de notícias, por exemplo, têm mais possibilidades de exploração de recursos do que as matérias encontradas em jornais impressos. É possível utilizar hiperlinks, infográficos, áudios e vídeos. O objetivo de incorporar os elementos listados é facilitar o consumo e a compreensão do público, tornando os materiais mais atrativos e interativos.

Para dimensionar o trabalho diário dos portais de notícias diante da Covid-19 no Brasil e verificar de que modo os veículos estruturam e entregam notícias de saúde, foram selecionados para análise os portais G1, R7 e UOL. Assim como apresentado acima, os portais selecionados foram considerados os sites de notícias mais populares de 2020. Além disso, os veículos também estão entre os mais acessados habitualmente pelos usuários em 2020. Segundo a Luminata, G1 (49%), UOL (32%) e R7 (23%) ocupam as primeiras posições. A pesquisa indica, ainda, que o trio está entre os portais mais confiáveis pela audiência: G1 (48%), R7 (39%) e UOL (37%).

Considerado o contexto, vale introduzir brevemente a história de cada um dos três portais. O G1 é um site derivado do Grupo Globo, presente em todos os estados brasileiros através de páginas locais. O portal foi lançado em 18 de setembro de 2006, pouco antes das eleições presidenciais de 2006 (G1, 2016).

O R7, que pertence ao Grupo Record, chegou ao mercado pouco mais de três anos depois do G1, em 27 de setembro de 2009. Em 2020, uma pesquisa liderada pela empresa de análise da internet Comscore apontou que o R7 é o terceiro portal de notícias mais lido no país, atrás do Globo, que está em primeiro lugar, e do UOL, em segundo lugar. Os dados são do mês de maio de 2020 (MEIRELES, 2020).

O UOL, por sua vez, é o portal mais antigo dentre os analisados. Lançado em 28 de abril de 1996 pelo Grupo UOL, é classificado como o primeiro portal de conteúdo

do Brasil. Em sua primeira versão, o UOL continha serviço de bate-papo, arquivos e a edição diária da Folha de S. Paulo, reportagens traduzidas para o português do The New York Times, bem como conteúdos da Folha da Tarde, IstoÉ, Notícias Populares, Classificados, Roteiros e Saúde. Em 2020, a Comscore definiu o UOL como o segundo portal de notícias mais acessado do Brasil. No ranking da Amazon de 2020, o UOL aparece em sétimo lugar na lista de sites mais populares no país. Estão à frente dele, em ordem do primeiro ao sexto colocado: Google.com, YouTube.com, Google.com.br, MercadoLivre.com.br, Gobo.com e Live.com (PRISCO, 2020). Os dados são da ferramenta Alexa, que mede o tráfego na web dos sites elencados, e equivalem ao mês de agosto de 2020.

#### 4.1 A METODOLOGIA UTILIZADA NA ANÁLISE

Para o desenvolvimento deste trabalho, será utilizada a metodologia de análise de conteúdo. Este método, proposto por Bardin (2011, p. 44), consiste na disposição de uma série de técnicas que viabilizam a análise de um produto a partir de suas características de produção:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimento às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A Análise de Conteúdo apresentada pela autora consiste em três etapas básicas, que orientam a aplicação do método. A primeira etapa corresponde à seleção do material, de forma que seja feita uma pré-análise do conteúdo determinado. A segunda etapa implica nos estágios de codificação e categorização do material. Nesta fase, a codificação diz respeito ao recorte das unidades de registro e de contexto.

Para a análise, as unidades de registro escolhidas são cinco notícias publicadas por cada um dos veículos abordados. Assim, serão trabalhadas as publicações selecionadas um dia após o Brasil ultrapassar as marcas de 50, 100, 200, 300 e 400 mil óbitos por Covid-19. A delimitação dessas datas tem como objetivo examinar os elementos e unidades de contexto de cada publicação, a fim de entender como o número de mortes foi divulgado em cada portal e qual é o impacto da criação do consórcio de veículos de imprensa na divulgação de boletins diários. A unidade de contexto condiciona a escolha do Ministério da Saúde como fonte principal para a afirmação do número de vítimas diárias pelo vírus.

A categorização, por sua vez, trata da seleção de elementos a partir de características em comum entre os materiais citados. Conforme Bardin, “a categorização tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental) fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (BARDIN, 2011, p. 148). Portanto, o trabalho contemplará quatro categorias: Título e linha de apoio, Fontes, Recursos multimídia e Hiperlinks.

Por fim, serão apontados os resultados inferidos na análise de quinze notícias publicadas nos portais descritos acima entre o período de junho de 2020 e abril de 2021. A interpretação dos dados pode, conforme descreve a autora do método, “apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado, a mensagem (significação e código) e o seu suporte ou canal; por outro, o emissor e o receptor” (BARDIN, 2011, p. 133).

#### 4.2 ANÁLISE DOS BALANÇOS DIÁRIOS DA COVID-19 PELOS PORTAIS G1, R7 e UOL

A seguir, serão apresentadas quinze notícias publicadas um dia após o Brasil atingir cinco marcas simbólicas da pandemia de Covid-19. A escolha dessas marcas está pautada em fatores que podem ter influenciado a cobertura dos portais G1, R7 e UOL a longo prazo, como a ausência de transparência na divulgação de dados pelo Ministério da Saúde, a criação do consórcio de imprensa, o avanço do número de mortes pelo vírus, o início da vacinação contra Covid-19 e a chegada da segunda onda da doença no Brasil.

É preciso ressaltar que a determinação das datas em análise busca atingir notícias factuais, de boletins diários. O objetivo da escolha é entender como são noticiados os dados diários da Covid-19 de números não cheios, ou seja, posteriores a marcas com números redondos, que geralmente ganham reportagens especiais.

##### 4.2.1 A notícia do G1 21/06/2020

A notícia “Brasil tem 50.659 mortes por coronavírus, mostra consórcio de veículos de imprensa; são 601 em 24 horas” apresenta, de forma fragmentada, em blocos de informação, o balanço das mortes ocorridas no intervalo de 24 horas do dia 20 de junho de 2020, quando o Brasil ultrapassou 50 mil óbitos por Covid-19, e o dia 21 de junho. O texto, de 3241 caracteres, foi publicado às 20h, horário padrão de fechamento de dados do consórcio de imprensa. Ver Figura 1.

**Figura 1 - Notícia G1 do dia 21/06/20**

## Brasil tem 50.659 mortes por coronavírus, mostra consórcio de veículos de imprensa; são 601 em 24 horas

Levantamento de consórcio de veículos de imprensa aponta que país tem 1.086.990 casos confirmados, sendo que 16.851 foram registrados nas últimas 24 horas.

Por G1  
21/06/2020 20:00 - Atualizado há 11 meses



Brasil registra 601 novas mortes por coronavírus e chega a 50.659

O Brasil teve 601 novas mortes registradas em razão do **novo coronavírus** em 24 horas, mostra levantamento feito pelo **consórcio de veículos de imprensa** junto às secretarias estaduais de Saúde. Com isso, são 50.659 óbitos pela Covid-19 até este domingo (21) no país. **Veja os dados, consolidados às 20h:**

**UOL/Perseus/Imprensa**

Quer ver seguintes mercados web adaptos a investimentos com ciência do mercado?

IBI Perseus/Imprensa

BTG Perseus/Imprensa

Banco Safra

XP Investimentos

Nenhuma das anteriores

**VOTE PARA VER OS RESULTADOS**

Fonte: G1 (2020).

A primeira parte da publicação é composta pelo lead, parágrafo inicial que responde às perguntas essenciais da notícia, como o quê, quem, quando, onde, como e por quê. Logo depois, há dois tópicos informativos. Cada tópico contém, respectivamente, o número de mortes em um único dia e o número de novos casos diagnosticados. Abaixo, estão quatro infográficos, dois deles interativos. Tratam-se, por ordem de aparição, do total de mortes por Covid-19 no Brasil e nos estados, do total de mortes por dia por Covid-19 no Brasil, de um contexto geral de mortes por Covid-19 no país e da parcela individual em cada estado.

Os últimos parágrafos são introduzidos por um subtítulo denominado “Consórcio de veículos de imprensa”. O texto explica as motivações que levaram à parceria inédita entre G1, O Globo, Extra, O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo e UOL.

#### 4.2.1.1 Título e linha de apoio

Intitulada “Brasil tem 50.659 mortes por coronavírus, mostra consórcio de veículos de imprensa; são 601 em 24 horas”, a notícia traz o termo coronavírus como sinônimo de Covid-19. Embora tenha sido inicialmente usada desta forma, a palavra coronavírus é um termo amplo para descrever a doença, já que caracteriza uma

família de vírus. Nas demais notícias coletadas para a análise, é possível notar que o G1 abandonou o uso da palavra coronavírus nos títulos.

O portal reforça que a informação sobre o número total de mortos no Brasil foi apurada pelo consórcio de imprensa. O enunciado também chama atenção para o número de vítimas nas últimas 24 horas, 601 brasileiros. A linha de apoio retoma a autoridade do consórcio de imprensa no acompanhamento de dados da Covid-19 no país. Nesta parte, o portal relata o número de casos confirmados e destaca a parcela confirmada em 24 horas. A escolha é justificada pela participação do G1 como um dos membros do consórcio. A postura ganha força após duras críticas feitas pelo veículo por conta da omissão de informações por parte do Ministério da Saúde. O portal não cita a pasta no título ou linha de apoio.

#### 4.2.1.2 Fontes

O texto atribui ao consórcio de imprensa, logo no primeiro parágrafo, a função de fonte principal na divulgação do boletim diário da Covid-19 no Brasil. O lead também relaciona a coleta de dados feita pelo consórcio diretamente nos sistemas das secretarias estaduais de Saúde. São informados o total de infectados, o total de mortes, novos casos e mortes em 24 horas. A publicação não destaca o total de pessoas recuperadas.

O Ministério da Saúde, antes considerado fonte principal na divulgação de dados diários, é citado apenas no último parágrafo do texto. Nele, o G1 diz que a pasta contabiliza 641 novos óbitos e 17.459 novos casos, totalizando 50.617 mortes pelo vírus. Nenhuma das fontes citadas na reportagem possui aspas. O Quadro 1 sintetiza as fontes:

**Quadro 1 - Fontes citadas, ouvidas ou descritas**

Fontes citadas	Fontes ouvidas ou descritas
Três fontes - Consórcio de imprensa, secretarias estaduais de Saúde, Ministério da Saúde.	-

Fonte: a autora (2021).

#### 4.2.1.3 Recursos multimídia

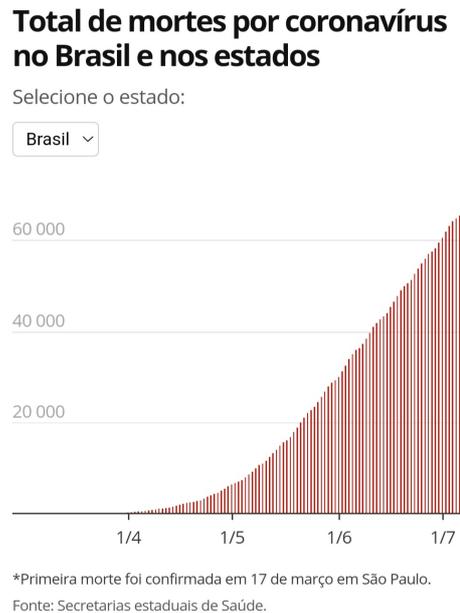
O G1 utilizou quatro infográficos na publicação. Dois deles são interativos e permitem que o usuário interaja com os dados, acessando informações individuais a partir das barras. A função personaliza a experiência do leitor e garante que os dados sejam acessados individualmente por estado. O recurso está disponível para os infográficos: 1) Total de mortes por coronavírus no Brasil e nos estados e 2) Total de mortes por dia por coronavírus no Brasil, como visto nas Figuras 2 e 3.

**Figura 2** - Gráfico Total de mortes por dia por coronavírus no Brasil



Fonte: G1 (2020).

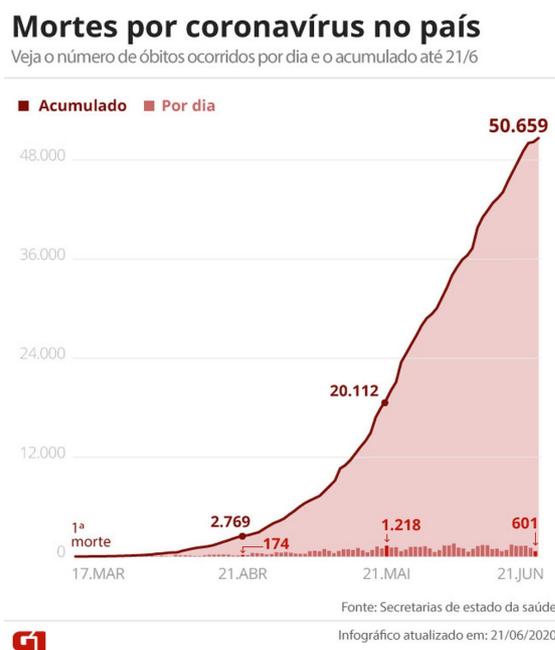
**Figura 3 - Gráfico Total de mortes por coronavírus no Brasil e nos estados**



Fonte: G1 (2020).

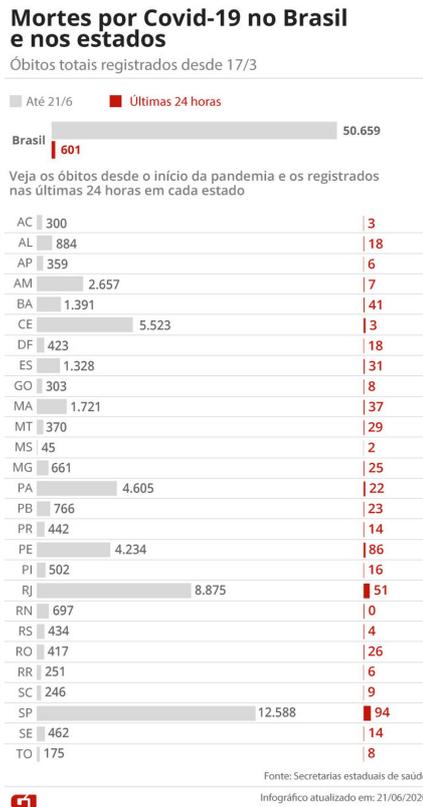
Os demais infográficos produzidos pelo G1 são estáticos e apresentam, respectivamente: 3) Mortes por coronavírus no Brasil e 4) Mortes por Covid-19 no Brasil e nos estados brasileiros, como mostram as Figuras 4 e 5.

**Figura 4 - Gráfico Mortes por Covid-19 no Brasil**



Fonte: G1 (2020).

**Figura 5 - Gráfico Mortes por Covid-19 no Brasil e nos estados brasileiros**



Fonte: G1 (2020).

A publicação tem dois vídeos. O primeiro está na abertura do texto, disposto no centro da tela. Trata-se de um trecho do programa “Fantástico”, exibido pela TV Globo no dia 21 de junho de 2020. O vídeo tem duração de 33 segundos e apresenta uma síntese do boletim diário da pandemia no país, assim como a soma de casos e óbitos. A legenda do vídeo contém a frase “Brasil registra 601 novas mortes por coronavírus e chega a 50.659”.

O segundo vídeo traz um trecho do programa “Jornal GloboNews - Edição das 18 Horas”, de um minuto e onze segundos de duração, transmitido pelo canal GloboNews no dia 21 de junho de 2020. O jornal exibiu os mesmos dados apontados na reportagem do G1, sem adicionar novas informações. A legenda é acompanhada pela frase “Brasil tem 50.659 mortes por Covid, aponta consórcio de veículos de imprensa”.

Ambos os vídeos não acrescentam informações ao texto publicado. Também se nota que os materiais não foram criados para complementar o texto.

#### 4.2.1.4 Hiperlinks

A publicação soma nove hiperlinks. Três hiperlinks direcionam o usuário para conteúdos específicos da Covid-19, como uma homepage do G1 criada exclusivamente para reunir as últimas informações sobre a doença no Brasil, uma reportagem com dados atualizados sobre o número de leitos disponíveis em cada estado e uma matéria com a atualização mais recente de dados diários do Ministério da Saúde.

Outros dois hiperlinks complementam informações sobre a criação do consórcio de imprensa, do qual o G1 faz parte, enquanto dois hiperlinks direcionam a leitura para a retirada de dados acumulados no site do Ministério da Saúde e para a ordem do Supremo Tribunal Federal (STF) de restauração completa desses dados. Mais dois hiperlinks levam a matérias sobre episódios em que Ministério da Saúde não publicou dados na íntegra sobre o avanço da Covid-19 no Brasil.

#### 4.2.2 A notícia do R7 21/06/2020

Em “Brasil passa de 50 mil mortes por covid-19; casos vão a 1.085.038”, que contém 1770 caracteres, o R7 apresenta um resumo do boletim diário da Covid-19 no Brasil divulgado no dia 21 de junho de 2020 (ver Figura 6). O texto tem três parágrafos e é redigido a partir do balanço oficial do Ministério da Saúde. Ver Figura 6.

**Figura 6 - Notícia R7 do dia 21/06/2020**

**Brasil passa de 50 mil mortes por covid-19; casos vão a 1.085.038**

De acordo com o Ministério da Saúde, foram notificados 641 óbitos e 17.459 infectados nas últimas 24 horas; País é segundo em número de vítimas fatais

SAÚDE | Do R7  
21/06/2020 - 18:52 (URL: DNDZ-DN-21/06/2020-19-HQ) COMPARTILHE

Quem: covid-19, coronavírus e 1.085.038 - Notícias

PAÍS É O SEGUNDO PAÍS DO MUNDO EM NÚMERO DE VÍTIMAS FATAIS POR COVID-19



País é segundo em número de mortes por covid-19 em todo o mundo

O Brasil ultrapassou oficialmente a marca de 50 mil mortes por covid-19, neste domingo (21), após a divulgação dos dados pelo Ministério da Saúde. Nas últimas 24 horas, as secretarias estaduais de saúde notificaram 641 óbitos. Com isso, o total de vítimas saltou para 50.617.

O País é o segundo isolado em números absolutos de vítimas fatais em todo o mundo, atrás apenas dos Estados Unidos (119.868), de acordo com o mapa de monitoramento da pandemia criado pela Universidade Johns Hopkins.

Fonte: R7 (2020).

O R7 não apresenta infográficos ou vídeos para complementar as informações. Há apenas uma imagem na abertura da reportagem, abaixo do título. Além da apresentação dos dados atualizados nas últimas 24 horas, o portal compara a posição do Brasil em relação ao ranking mundial de países com mais mortes por Covid-19. No período, o país ocupava a segunda posição, atrás apenas dos Estados Unidos.

#### 4.2.2.1 Título e linha de apoio

“Brasil passa de 50 mil mortes por covid-19; casos vão a 1.085.038” exhibe no título o número total de vítimas da Covid-19 e a soma de casos. O portal opta por utilizar o verbo passar, sem expressar o número específico de mortos. O site faz menção à palavra Covid-19 no título e não utiliza a palavra coronavírus no decorrer do texto.

A linha de apoio reforça o Ministério da Saúde como fonte principal para a mensuração da pandemia no país. A frase também sinaliza para um comparativo entre o número de óbitos no Brasil e nos Estados Unidos.

#### 4.2.2.2 Fontes

Duas fontes são citadas pelo R7: Ministério da Saúde e Universidade Johns Hopkins. A primeira, Ministério da Saúde, é usada para creditar a veracidade do balanço de dados diários. A frase inicial do primeiro parágrafo diz que “o Brasil ultrapassou oficialmente a marca de 50 mil mortes por covid-19, neste domingo (21), após a divulgação dos dados pelo Ministério da Saúde”. Nela, destaca-se o uso da palavra oficialmente para referenciar a marca de 50 mil mortos, considerada notícia pelo R7 somente depois da divulgação pelo Ministério da Saúde.

A segunda fonte, Universidade Johns Hopkins, é citada brevemente para comparar a situação epidemiológica enfrentada pelo Brasil e pelos Estados Unidos. Não há aspas de nenhuma das fontes citadas.

Além de apontar o total de casos por Covid-19 no Brasil, o total de mortos, novos casos diagnosticados e óbitos nas últimas 24 horas, o texto ressalta o número de recuperados, ainda de acordo com o Ministério da Saúde. Por fim, o portal reúne informações sobre o total de casos e o número de vítimas em cada estado. Ver Quadro 2.

**Quadro 2 - Fontes citadas, ouvidas ou descritas**

Fontes citadas	Fontes ouvidas ou descritas
Duas fontes - Ministério da Saúde e Universidade Johns Hopkins.	-

Fonte: a autora (2021).

#### 4.2.2.3 Recursos multimídia

A publicação é ilustrada com uma única foto. A imagem, produzida pela agência de notícias britânica Reuters, está posicionada abaixo da linha de apoio, no centro da tela. A cena mostra um cemitério, repleto de covas abertas. No local, um profissional está vestido com macacão branco e equipamentos de proteção individual contra Covid-19. Há mais duas pessoas, um homem e uma mulher, ambos em primeiro plano. Eles estão de mãos dadas, utilizando luvas e máscaras de proteção facial. A legenda indica: “País é segundo em número de mortes por covid-19 em todo o mundo”.

O portal R7 dispõe de um recurso localizado no topo da página, logo abaixo do título e da linha de apoio, que permite que o usuário escute o texto na íntegra. A ferramenta é fixa em todas as páginas do R7 e pode ser considerada um recurso de acessibilidade, visto que alguns usuários têm dificuldades de leitura em decorrência de doenças de visão.

Não há vídeos complementares e infográficos na publicação.

#### 4.2.2.4 Hiperlinks

O texto não possui hiperlinks.

### 4.2.3 A notícia do UOL 21/06/2020

A notícia “Brasil atinge 50.659 mortes por covid-19, aponta consórcio de imprensa”, de 1936 caracteres, aborda no título a referência ao consórcio de imprensa como fonte principal da contagem de dados da Covid-19 no país.

O texto evidencia as informações apuradas pelo consórcio de imprensa, do qual o UOL faz parte, mas também apresenta, no segundo parágrafo, o balanço diário publicado pelo Ministério da Saúde. A Figura 7 mostra a matéria:



de 21 de junho de 2020 do G1, o UOL preferiu utilizar o número integral de vítimas da Covid-19, sem arredondar o título para expressões similares à ideia de mais de 50 mil mortos, como fez o R7. A precisão do número também é visível pela escolha do verbo atingir.

Ao contrário das produções do G1 e do R7, analisadas em 4.2.1 e 4.2.2, a reportagem do UOL não possui linha de apoio. Após o título, o portal apresenta a única foto da publicação, que antecede o primeiro parágrafo do texto.

#### 4.2.3.2 Fontes

A reportagem traz duas fontes ao longo de sete parágrafos: consórcio de imprensa e Ministério da Saúde. O consórcio é citado no primeiro parágrafo do texto, quando o UOL indica o número de mortes por Covid-19 em um dia e o total acumulado, a soma de casos registrados desde o início da pandemia e os diagnósticos feitos nas últimas 24 horas.

No segundo parágrafo, o portal cita os mesmos dados descritos na abertura do texto, porém com números do último balanço do Ministério da Saúde. As informações apuradas pelo UOL e pelo Ministério da Saúde são divergentes, assim como as listadas pelo G1.

O UOL, assim como o R7, cita o número de pacientes recuperados. As informações são creditadas como dados de divulgação da pasta. Ver Quadro 3.

**Quadro 3** - Fontes citadas, ouvidas ou descritas

Fontes citadas	Fontes ouvidas ou descritas
Duas fontes - Consórcio de imprensa, Ministério da Saúde.	-

Fonte: a autora (2021).

#### 4.2.3.3 Recursos multimídia

Como mencionado anteriormente, a reportagem possui uma foto na abertura da publicação, um infográfico interativo e um vídeo desenvolvido a partir do marco de 50 mil mortes por Covid-19 no Brasil.

A imagem mostra uma ambulância em primeiro plano. Ao lado das portas traseiras do veículo, três profissionais da saúde, vestidos com macacão branco e equipamentos de proteção individual contra Covid-19, levam um paciente deitado em

uma maca para o interior do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. A foto leva crédito de Miguel Noronha/Futura Press/Estadão Conteúdo e carrega a legenda “Movimentação no Hospital das Clínicas de Porto Alegre, RS, onde profissionais da saúde que atuam no combate do novo coronavírus testaram positivo para a covid-19”.

Depois do terceiro parágrafo, a publicação traz um infográfico interativo dividido em três cores: o azul representa o número de pacientes infectados no Brasil, o amarelo simboliza o número de pacientes curados e o verde aponta o número de mortes pelo vírus. Ao passar o cursor por cima das barras, o usuário pode visualizar as variações de cada elemento decorrente do avanço da pandemia no país. É possível consultar cada data individualmente. Ver Figura 8.

**Figura 8 - Gráfico Covid-19: evolução de infectados, de curados e de mortos**



Fonte: UOL (2020).

O texto é fechado com um vídeo produzido pelo UOL em memória dos 50 mil brasileiros mortos por Covid-19. Intitulado “50 MIL MORTOS POR COVID-19 NO BRASIL: NÃO SÃO SÓ NÚMEROS”, o material tem dois minutos e dez segundos de duração e ilustra o avanço do vírus pelo Brasil. Conforme a confirmação de novos óbitos, a tela do vídeo, simbolizada pela cor branca, passa a ser preenchida por pequenos pontos pretos, em alusão às vítimas. A aparição desses pontos pretos é intercalada com relatos de amigos e familiares dos pacientes. Ao final, a tela fica completamente preta ao atingir a marca de 50 mil óbitos.

Durante o vídeo, há um pequeno contador posicionado no centro da tela, responsável por monitorar o número de vítimas da doença de acordo com o passar dos dias. A narrativa propõe, a partir de uma construção sensível e simbólica, a reflexão de que todas as vidas perdidas importam e merecem ser noticiadas de maneira humanizada. Há, portanto, uma crítica em relação ao tratamento da divulgação sistemática, como estatísticas que medem o alastramento da pandemia no país.

#### 4.2.3.4 Hiperlinks

A reportagem utiliza cinco hiperlinks. O primeiro hiperlink resgata a característica de memória do jornalismo on-line, já comentada no trabalho, ao direcionar a leitura para uma notícia publicada dois dias antes, em 19 de junho de 2020, quando o Brasil atingiu um milhão de casos de Covid-19.

O segundo hiperlink resgata uma notícia publicada um dia antes, em 20 de junho de 2020, quando o país ultrapassou a marca de 50 mil mortos pelo vírus. O terceiro hiperlink direciona a leitura para uma notícia factual, publicada no mesmo dia da publicação analisada, em 21 de junho de 2020, quando profissionais de saúde de São Paulo, Fortaleza, Brasília, Recife, Maceió, Aracaju, Belo Horizonte, Florianópolis e Cuiabá organizaram atos de solidariedade às vítimas da doença.

O quarto hiperlink está conectado com uma reportagem especial que responde às principais dúvidas sobre a Covid-19. Já o quinto e último hiperlink é usado quando o UOL explica a decisão de ingressar no consórcio de imprensa, ressaltando a restrição de dados integrais pelo Ministério da Saúde. O hiperlink está inserido nas palavras governo Bolsonaro. Ao clicá-lo, o leitor é enviado para uma homepage com as últimas atualizações do governo federal.

#### **4.2.4 A notícia do G1 09/08/2020**

A notícia “Brasil registra 101.136 mortes, 593 delas em 24 horas; média móvel é de 1.001 óbitos” evidencia maior complexibilidade na cobertura diária da Covid-19 realizada pelo G1. Nesta publicação, de 2621 caracteres, o portal adiciona a informação de médias móveis ao boletim do dia, junto com dados sobre o total de óbitos no país, óbitos em um dia, o total de casos confirmados e de confirmados nas últimas 24 horas. A média móvel é abordada em dois aspectos: mortes e novos diagnósticos. Ver Figura 9.

**Figura 9 - Notícia G1 do dia 09/08/2020**

## Brasil registra 101.136 mortes, 593 delas em 24 horas; média móvel é de 1.001 óbitos

País conta 101.136 óbitos registrados e 3.035.582 diagnósticos de Covid-19.

Por G1  
09/08/2020 08:00 - Atualizado há 5 meses

O Brasil tem 101.136 mortes por coronavírus confirmadas até as 20h de domingo (9), segundo levantamento do consórcio de veículos de imprensa a partir de dados das secretarias estaduais de Saúde.



- BRASIL SUPERA 100 MIL MORTOS POR COVID-19
- BRASIL, 100 MIL MORTOS

O país registrou 593 mortes pela Covid-19 confirmadas nas últimas 24 horas, chegando ao total de 101.136 óbitos. Com isso, a média móvel de novas mortes no Brasil nos últimos 7 dias foi de 1.001 óbitos, uma variação de -6% em relação aos dados registrados em 14 dias.

Em casos confirmados, já são 3.035.582 brasileiros com o novo coronavírus desde o começo da pandemia, 22.213 desses confirmados no último dia. A média móvel de casos foi de 43.137 por dia, uma variação de -7% em relação aos casos registrados em 14 dias.

**MÉDIA MÓVEL: Veja como estão os casos e mortes no seu estado**

No total, 3 estados apresentaram alta de mortes: RS, SC e MG.

Fonte: G1 (2020).

O texto mantém informações em tópicos e o uso de infográficos. Desta vez, são destacados estados que apresentam casos de Covid-19 em queda, em alta e em estabilidade. Os números são apresentados em tópicos de texto e em gráficos individuais.

Ao contrário do primeiro texto analisado, o G1 utiliza um recurso do portal para frisar termos considerados importantes para o usuário. A reportagem é encerrada com um subtítulo denominado “Consórcio de veículos de imprensa”. Em um único parágrafo, o G1 retoma a criação do consórcio de imprensa e a colaboração entre os demais veículos integrantes. Por fim, abaixo do parágrafo, está um botão de ação para o podcast “O Assunto”, também do G1, apresentado pela jornalista Renata Lo Prete. Este episódio, com 26 minutos e 12 segundos de duração, é intitulado “100 mil mortos”.

#### 4.2.4.1 Título e linha de apoio

Em “Brasil registra 101.136 mortes, 593 delas em 24 horas; média móvel é de 1.001 óbitos”, o G1 elenca três informações importantes sobre o cenário da Covid-19 no Brasil no dia 09 de agosto de 2020: total de mortos, mortos em 24 horas e média móvel. Dentre as matérias selecionadas para análise, esta é a primeira até agosto de

2020 que o portal cita a média móvel no título. Desta vez, não há referência ao consórcio de imprensa.

Novamente, o G1 utilizou o número integral de mortes pela doença. O portal não optou por usar expressões como passa de ou atinge mais de. A linha de apoio traz as informações de óbitos e casos diagnosticados acumulados desde a data de confirmação do vírus no Brasil.

#### 4.2.4.2 Fontes

O G1 aponta o consórcio de imprensa e as secretarias estaduais de Saúde como fontes de contagem dos dados diários. Não há citação ao Ministério da Saúde ou qualquer publicação de dados vinculados à pasta.

O consórcio é citado em dois momentos no decorrer do texto. A primeira aparição é no lead, junto com as secretarias estaduais de Saúde. Mais tarde, o G1 retoma o consórcio para explicar a divulgação de dois boletins diários na data estudada. Os boletins oficiais são lançados pelo consórcio de imprensa oficialmente às 20 horas, diariamente. Na data em questão, o G1 aponta que “o consórcio divulgou dois boletins parciais, às 8h, com 100.546 mortes e 3.013.902 casos; e às 13h, com 100.667 óbitos registrados e 3.018.286 casos confirmados” (G1, 2020).

As secretarias estaduais aparecem apenas uma vez, no primeiro parágrafo. A citação referencia os locais de coleta dos dados apresentados pelo consórcio. A estratégia de citar as secretarias pode ser entendida como uma proposta de reforçar a confiabilidade das informações a nível estadual, o que tende a transparecer uma etapa mais cuidadosa dos veículos no processo de apuração individual. Ver Quadro 4.

**Quadro 4 - Fontes citadas, ouvidas ou descritas**

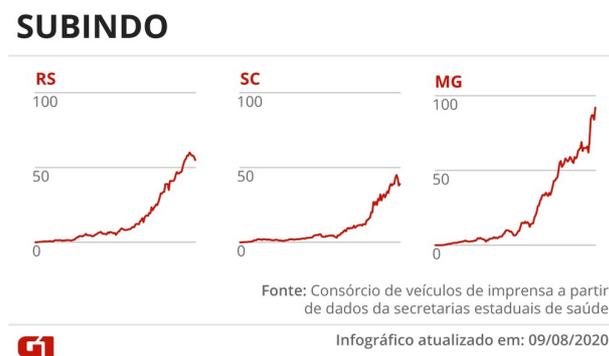
Fontes citadas	Fontes ouvidas ou descritas
Duas fontes - Consórcio de imprensa, secretarias estaduais de Saúde.	-

Fonte: a autora (2021).

#### 4.2.4.3 Recursos multimídias

A publicação não possui fotos ou vídeos. Para segmentar os boletins diários nos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal, o G1 adotou 55 infográficos, estáticos e interativos. Os infográficos estáticos estão divididos por estados onde há crescimento, estabilidade e queda de mortes. Abaixo das figuras, a reportagem traz textos em tópicos com o percentual de aumento ou queda para cada estado citado. Ver Figura 10.

**Figura 10** - Gráfico de mortes em crescimento por estado



Fonte: G1 (2020).

Depois, o portal disponibiliza um infográfico interativo com o total de mortes por Covid-19 confirmadas por dia no Brasil. O recurso permite que o leitor passe o cursor por cima das linhas e verifique a variação absoluta sobre o dia anterior e a média móvel de óbitos desde março de 2020, quando o país registrou a primeira morte pela doença. A ferramenta mantém-se atualizada em 2021 e garante a checagem dos dados contabilizados até junho do mesmo ano.

Abaixo do infográfico geral, estão infográficos com as mesmas funções, desta vez personalizados com informações de cada estado e do Distrito Federal. Esses infográficos estão divididos em regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Ver Figura 11.

**Figura 11 - Gráficos de mortes em todo o Brasil e distribuídas por estados**



Fonte: G1 (2020).

Após o último parágrafo, o G1 fixou o áudio do podcast “O Assunto”, conduzido pela jornalista Renato Lo Prete. O episódio tem 26 minutos e 12 segundos de duração e é intitulado “100 mil mortos” e discute a trágica marca atingida pelo Brasil no dia 08 de agosto de 2020.

#### 4.2.4.4 Hiperlinks

A matéria tem seis hiperlinks. Três hiperlinks redirecionam o usuário para conteúdos sobre a passagem da marca de 100 mil mortos no Brasil. Um hiperlink envia para uma reportagem especial sobre o impacto das 100 mil mortes, apresentando um painel com perfil das vítimas, cor, faixa etária, histórico de doenças e relatos de amigos e familiares. Um hiperlink direciona para uma matéria padrão do portal que explica os métodos utilizados pelo G1 para analisar as tendências do vírus no Brasil, como a média móvel e a variação dos casos e mortes. O último hiperlink envia o leitor para uma matéria que explica a criação do consórcio de imprensa, inserido na expressão saiba mais.

Em síntese, os hiperlinks usados na matéria intensificam a construção da memória no jornalismo on-line. Para que o usuário aprofunde a leitura, destacam-se os hiperlinks que direcionam para os especiais “Mortes e casos de coronavírus nos estados” e “100 mil vidas perdidas na pandemia”, ambos materiais estruturados de modo didático e objetivo, com amplo apelo de recursos gráficos e multimídia.

Ressalta-se, ainda, o hiperlink que envia o usuário para a matéria “Entenda como é calculada a média móvel e a variação dos casos e mortes por Covid-19”. O material explica para a audiência quais os parâmetros científicos adotados pela equipe do G1 para divulgar os boletins diários, garantindo maior transparência em relação ao processo produtivo do portal.

#### 4.2.5 A notícia do R7 09/08/2020

A notícia “Brasil acumula 101.049 mortes por covid-19 e 3.035.422 casos”, publicado pelo R7 no dia 09 de agosto de 2020, apresenta o total de mortes e de casos diagnosticados no título, sem arredondamento dos números. O texto, de 1572 caracteres, é desenvolvido em três parágrafos curtos. Abaixo do título e da linha de apoio, o portal anexou um vídeo intitulado “Brasil tem mais de 3 milhões de casos de covid-19 e 101 mil mortos pela doença”. O material tem 33 segundos de duração e consiste em um trecho do boletim diário atualizado com dados do Ministério da Saúde, exibido no programa “Domingo Espetacular”, da Rede Record. Ver Figura 12.

**Figura 12** - Notícia R7 do dia 09/08/2020

**Brasil acumula 101.049 mortes por covid-19 e 3.035.422 casos**

Números oficiais deste domingo mostram acréscimo de 572 novos óbitos e 23.010 infecções em todo o país nas últimas 24 horas

SAÚDE | Do R7  
09/08/2020 - 18h42 (ATUALIZADO DIA 09/08/2020 - 22h02)

COMPARTILHE:    

Brasil tem mais de 3 milhões de casos de covid-19 e 101 mil mortos pela ...  
por RecordTV

**CORONAVIRUS**

CASOS CONFIRMADOS	MORTOS	ÓBITOS
3.035.422	101.049	572

As mortes em decorrência da [covid-19](#) em todo o Brasil chegaram ao total de 101.049 neste domingo (9), com 572 novos casos de ontem para hoje.

O acumulado de casos confirmados atingiu 3.035.422, sendo que houve 23.010 novos registros nas últimas 24 horas, segundo balanço do Ministério da Saúde divulgado no começo da noite.

Fonte: R7 (2020).

O R7 mantém a apresentação individual do número de casos e mortes nos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal. Estas informações são abordadas em tópicos, localizadas no final do texto. A publicação também traz uma foto, um hiperlink e não contém gráficos.

#### 4.2.5.1 Título e linha de apoio

O R7 apresenta o número completo de mortes no título, sem arredondamentos, segundo contagem divulgada pelo Ministério da Saúde. O portal ainda complementa a frase com a soma de casos diagnosticados no país.

A linha de apoio reforça o uso de “números oficiais”, informando os números totais de óbitos e novos casos registrados nas últimas 24 horas.

#### 4.2.5.2 Fontes

A única fonte citada na reportagem do R7 é o Ministério da Saúde. A pasta é apresentada duas vezes no texto, de forma que ressalta a origem das informações divulgadas. Não há aspas na publicação. Ver Quadro 5.

**Quadro 5 - Fontes citadas, ouvidas ou descritas**

Fontes citadas	Fontes ouvidas ou descritas
Uma fonte - Ministério da Saúde.	-

Fonte: a autora (2021).

#### 4.2.5.3 Recursos multimídia

O primeiro parágrafo é precedido de um vídeo, que contém o balanço diário de dados da pandemia de Covid-19 no Brasil. O trecho é um recorte do programa “Domingo Espetacular”. O material não acrescenta novas informações ao texto.

Após os dois primeiros parágrafos, o portal incorpora uma foto da agência Reuters, creditada como Pilar Olivares/Reuters. A imagem mostra uma praia do Rio de Janeiro durante o fim de semana. O local está lotado, com pessoas em todo o entorno da faixa de areia. A legenda atenua o fato: “Movimentação em praia do Rio neste fim de semana”. Ver Figura 13.

**Figura 13** - Imagem usada pelo R7 para ilustrar a publicação



Fonte: R7 (2020).

#### 4.2.5.4 Hiperlinks

A publicação contém apenas um hiperlink inserido na palavra Covid-19, localizada na primeira linha do primeiro parágrafo. Tal hiperlink direciona o usuário para uma homepage chamada Novo Coronavírus. Nesta página, o R7 reúne as últimas matérias publicadas que têm relação com a doença.

#### 4.2.6 A notícia do UOL 09/08/2020

Em “Brasil registra 593 novas mortes, diz consórcio; total é de 101 mil”, o UOL, reafirma a autoridade do consórcio de imprensa na divulgação de números consolidados da Covid-19 no país. Logo no título, o consórcio é citado como fonte principal. Os dados escolhidos para abrir a publicação são óbitos registrados nas últimas 24 horas e total acumulado de mortes no país.

Os dados divulgados pelo Ministério da Saúde são adicionados somente no quarto parágrafo do texto. A reportagem, descrita em 3259 caracteres, ainda contribui com uma visão global do avanço da pandemia, elencando fontes como Universidade Johns Hopkins e Organização Mundial da Saúde (OMS).

A crise política no Brasil, intensificada pela Covid-19, também é discutida. O UOL narra as críticas tecidas pelo presidente Jair Bolsonaro à Rede Globo, feitas através de publicações no Twitter logo após a transmissão do Jornal Nacional. Bolsonaro culpou “essa TV” pela condução da cobertura das 100 mil vidas perdidas, realizada, segundo o presidente, “de forma covarde e desrespeitosa” (UOL, 2020).

Bolsonaro acrescentou que a “desinformação mata mais até que o próprio vírus”. Ver Figura 14.

**Figura 14** - Notícia UOL do dia 09/08/2020

Conteúdo publicado há 39 meses

Covid: Brasil registra 593 novas mortes, diz consórcio; total é de 101 mil



De UOL em São Paulo  
09/08/2020 08:57

O levantamento do consórcio de veículos do qual o UOL faz parte apontou que o Brasil chegou a 101.136 mortes por covid-19, sendo 593 novas registras nas últimas 24 horas. Na tarde de ontem, o [Brasil alcançou a marca de 100 mil mortes](#).

Ainda de acordo com o levantamento, as secretarias de saúde dos estados contabilizaram 22.213 novos casos de doença. O total, agora, é de 3.035.582 infectados.

Fonte: UOL (2020).

O UOL não explora recursos gráficos na reportagem analisada. Há apenas uma foto que antecede o início do texto e um *tweet* incorporado com a fala do presidente. Foram utilizados, ainda, cinco hiperlinks.

#### 4.2.6.1 Título e linha de apoio

Em “Brasil registra 593 novas mortes, diz consórcio; total é de 101 mil”, três informações ganham ênfase. As duas primeiras destacam-se pelos dados escolhidos, o número de óbitos nas últimas 24 horas e o total acumulado. Os números são indicados na íntegra, sem arredondamento. O verbo escolhido, registrar, auxilia na mensagem de exatidão. O UOL não utiliza linha de apoio.

#### 4.2.6.2 Fontes

O texto contém cinco fontes. O consórcio de imprensa é classificado como fonte primordial em relação ao crédito do boletim divulgado. Nos mesmos moldes do G1, o UOL integra o consórcio e resgata o valor da criação da iniciativa no contexto da imprensa brasileira. As secretarias são citadas como uma etapa do processo de apuração final, que implica na soma e comparação dos dados coletados em 26 estados brasileiros e no Distrito Federal.

O trabalho exercido pelo consórcio é chamado pelo UOL de levantamento. Na frase de abertura do segundo parágrafo, o portal diz: “Ainda de acordo com o levantamento, as secretarias de saúde dos estados contabilizaram 22.213 novos casos da doença”. Portanto, entende-se que as secretarias fazem parte das etapas de apuração, mas não são creditadas como fonte principal dos números divulgados.

A Universidade Johns Hopkins é citada para explicar um estudo que considera o Brasil o segundo país do mundo com maior número de casos e mortes, atrás apenas dos Estados Unidos. Já a referência à Organização Mundial da Saúde tem relação com o contexto geral de mortes provocadas pelo vírus em todo o mundo. Na época da publicação da reportagem, o número de vítimas chegou a 722.285.

O Ministério da Saúde é apontado no quarto parágrafo, quando a reportagem divulga o boletim diário fornecido pela pasta. Ver Quadro 6.

**Quadro 6 - Fontes citadas, ouvidas ou descritas**

Fontes citadas	Fontes ouvidas ou descritas
Cinco fontes - Consórcio de imprensa, secretarias estaduais de Saúde, Universidade Johns Hopkins, Ministério da Saúde e Organização Mundial da Saúde.	-

Fonte: a autora (2021).

#### 4.2.6.3 Recursos multimídia

Os recursos multimídia são quase inexplorados na reportagem. O UOL utiliza somente uma foto, disposta abaixo do título. A imagem não é acompanhada por legenda e foi retirada do banco de imagens iStock. Ela está creditada como Morsa Images/iStock.

A foto retrata uma unidade de tratamento intensivo (UTI) de um hospital. Na imagem, dois pacientes estão internados. O homem (direita) e a mulher (esquerda) estão deitados em macas e recebem atendimento médico de três profissionais da saúde, que estão vestidos com macacões azuis e equipamentos de proteção individual contra Covid-19.

#### 4.2.6.4 Hiperlinks

A reportagem contém cinco hiperlinks. O primeiro hiperlink está no final do primeiro parágrafo e direciona o usuário para uma reportagem especial, na qual o UOL

questiona o significado da perda de 100 mil vítimas pela Covid-19 no Brasil e critica a desumanização das mortes.

O segundo hiperlink direciona o usuário para a íntegra do estudo realizado pela Universidade Johns Hopkins, fonte usada duas vezes no texto.

O terceiro hiperlink está inserido nas palavras governo Bolsonaro. Ao clicá-lo, o usuário vai para uma homepage com as últimas notícias sobre o governo federal.

O quarto hiperlink está relacionado com a notícia que relata a crítica exibida pelo “Jornal Nacional”, a mesma que levou o presidente a realizar as publicações no Twitter, anteriormente descritas. A matéria relata o episódio e contextualiza momentos em que Bolsonaro negou a dimensão da pandemia de Covid-19 no país.

O quinto hiperlink possui a mesma função do terceiro, direcionando o usuário para uma homepage com atualizações sobre o governo federal. O recurso é usado para referenciar a restrição de dados sobre a pandemia no Brasil pelo governo Bolsonaro, fato que implicou na criação do consórcio de imprensa.

#### **4.2.7 A notícia do G1 08/01/2021**

Em “Brasil registra 1.379 mortes em 24 horas e bate recorde com quase 85 mil novos casos de Covid”, o G1 chama atenção para a alta de mortes pela doença em apenas um dia. A linha de apoio reforça que é a primeira vez desde que o consórcio de imprensa começou que nenhum estado brasileiro tem tendência de queda na média móvel de óbitos. O texto contém 3551 caracteres.

Esta é a publicação mais completa do G1, quando comparada com as reportagens analisadas em 4.2.1 e 4.2.4, pois apresenta comparativos com a dimensão de recordes de média móvel em sete dias e mortes diárias registradas em 2020 e 2021. Ver Figura 15.

**Figura 15 - Notícia G1 do dia 08/01/2021**

## Brasil registra 1.379 mortes em 24 horas e bate recorde com quase 85 mil novos casos de Covid

País contabilizou 201.542 óbitos e 8.015.920 casos da doença desde o início da pandemia. Pela primeira vez desde o começo do consórcio, nenhum estado aparece com tendência de queda na média móvel de óbitos.

Por G1  
08/01/2021 12h05 - Atualizado há 4 meses



Brasil registra o maior número diário de mortes por Covid dos últimos cinco meses

O consórcio de veículos de imprensa divulgou novo levantamento da situação da pandemia de coronavírus no Brasil a partir de dados das secretarias estaduais de Saúde, consolidados às 20h desta sexta-feira (8).



- Covid-19 sem vacina e sob risco de repetir piores momentos da pandemia
- Página especial - cronologia das 200 mil mortes

Foto: G1 (2021).

Assim como na notícia 4.2.4, o portal mantém o uso de infográficos estáticos e interativos para comparar estados em alta e em estabilidade de mortes pelo vírus. Nesse texto, não há estados com óbitos em queda. O boletim diário também é informado por meio de tópicos, introduzidos pelo subtítulo “Brasil, 8 de janeiro”, logo após o quinto parágrafo. Abaixo do subtítulo, estão total de mortes, registro de mortes em 24 horas, média de novas mortes nos últimos sete dias, total de casos confirmados, registro de casos confirmados em 24 horas e média de novos casos nos últimos sete dias. O portal preserva o recurso de grifar em vermelho as frases consideradas mais relevantes na notícia. Ao todo, a reportagem tem quatro hiperlinks e um vídeo.

### 4.2.7.1 Título e linha de apoio

O título mantém o número exato de vítimas diárias, como constatado nas demais publicações analisadas. O número de novos casos é arredondado para 85 mil, antecedido pela palavra quase. Em ““Brasil registra 1.379 mortes em 24 horas e bate recorde com quase 85 mil novos casos de Covid”, o G1 frisa a expansão de novos casos no Brasil ao usar a expressão bate recorde.

A linha de apoio prossegue com os dados integrais, sem arredondamentos, de óbitos e total de casos da doença. O G1 também cita o consórcio de imprensa para atestar que a data é a primeira desde o início do levantamento.

#### 4.2.7.2 Fontes

As fontes presentes na matéria são consórcio de imprensa e secretarias estaduais de Saúde. A matéria mantém a estrutura da reportagem 4.2.4, na qual o consórcio é apontado como fonte principal e as secretarias como parte do processo de apuração. Não há aspas na reportagem. Ver Quadro 7.

**Quadro 7 - Fontes citadas, ouvidas ou descritas**

Fontes citadas	Fontes ouvidas ou descritas
Duas fontes - Consórcio de imprensa, secretarias estaduais de Saúde	-

Fonte: a autora (2021).

#### 4.2.7.3 Recursos multimídia

O primeiro elemento multimídia que aparece é um vídeo de três minutos e quatro segundos. Trata-se de um trecho do programa “Jornal Nacional”, da Rede Globo, sobre a atualização do boletim diário da Covid-19 no Brasil. A legenda indica que o “Brasil registra o maior número diário de mortes por Covid dos últimos cinco meses”. As informações contidas no vídeo não são diferentes das que estão no texto.

O G1 mantém o mesmo modelo de infográficos relatados na notícia 4.2.4. Portanto, a publicação contém gráficos individuais com o boletim diário de estados e do Distrito Federal. Os gráficos não-interativos correspondem aos estados com casos em crescimento e estabilidade. Não há estados com queda de casos.

O portal também disponibiliza um infográfico interativo com o número de mortes por Covid-19 confirmadas por dia no Brasil. O recurso permite que o leitor passe o cursor por cima e verifique a variação absoluta sobre o dia anterior e a média móvel de óbitos desde março de 2020, quando o país registrou a primeira morte pela doença. A ferramenta mantém-se atualizada em 2021 e garante a checagem dos dados contabilizados até junho.

Há infográficos com as mesmas funções para visualização das informações específicas de cada estado e do Distrito Federal. Esses infográficos estão divididos em regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste.

#### 4.2.7.4 Hiperlinks

A notícia tem quatro hiperlinks. Os dois primeiros hiperlinks direcionam o usuário, respectivamente, para as reportagens “Brasil chega a 200 mil mortes por Covid-19 sem vacina e sob risco de repetir piores momentos da pandemia” e “200.000 mortos”. Ambos materiais contextualizam a cronologia do vírus no país, desde o primeiro caso de Covid-19 confirmado até a marca de 200 mil mortos. Os conteúdos sugeridos são mais densos, apresentam pluralidade de fontes e incorporam recursos interativos e multimídia.

O terceiro hiperlink é usado de maneira idêntica ao analisado na reportagem 4.2.4. Em “Entenda como é calculada a média móvel e a variação dos casos e mortes por Covid-19”, o G1 explica como as equipes computam a média móvel e a variação dos casos e mortes por Covid-19.

O quarto hiperlink está no último parágrafo do texto, dividido com o subtítulo “Consórcio de veículos de imprensa”. O trecho é um padrão adotado pelo G1 para relatar a criação do consórcio. O hiperlink em questão direciona o leitor para a matéria de lançamento da iniciativa.

#### **4.2.8 A notícia do R7 08/01/2021**

A notícia “Brasil tem 201,4 mil mortes por covid e 8 milhões de casos” tem é descrita em poucos parágrafos, com 832 caracteres e frases curtas. Os dados do boletim diário são do Ministério da Saúde. Neste texto, o R7 cita a média móvel diária de mortes por Covid-19. O portal usa apenas uma foto na abertura da reportagem e um hiperlink. A publicação não contém gráficos ou vídeos. Ver Figura 16.

**Figura 16** -Notícia R7 do dia 08/01/2021



Fonte: R7 (2021).

#### 4.2.8.1 Título e Linha de apoio

O título escolhido pelo R7 evidencia o total acumulado de mortes e de casos diagnosticados no Brasil desde o início da pandemia de Covid-19. Em “Brasil tem 201,4 mil mortes por covid e 8 milhões de casos”, os números são arredondados e posteriormente detalhados apenas no segundo parágrafo.

A linha de apoio concentra o número de mortes e novos casos nas últimas 24 horas, assim como o total de pacientes recuperados.

#### 4.2.8.2 Fontes

O R7 mantém o Ministério da Saúde como fonte principal. A pasta é a única fonte citada na reportagem. Não há aspas. Ver Quadro 8.

**Quadro 8** - Fontes citadas, ouvidas ou descritas

Fontes citadas	Fontes ouvidas ou descritas
Uma fonte - Ministério da Saúde.	-

Fonte: a autora (2021).

#### 4.2.8.3 Recursos multimídia

A única foto disponível na reportagem está fixada abaixo da linha de apoio. A imagem é da agência Reuters e está creditada como Pilar Olivares/Reuters.

A foto escolhida mostra a beira de uma praia repleta de pessoas, onde há visível aglomeração. A legenda é neutra e não contraindica o comportamento ilustrado, fator que implica em altíssima chance de contaminação pelo vírus. A frase limita-se a relatar que o “Brasil volta a enfrentar alta das médias móveis diárias de novos casos e óbitos”.

#### 4.2.8.4 Hiperlinks

O R7 utilizou um hiperlink na reportagem, que está no primeiro parágrafo, inserido na palavra Covid-19. Ao clicá-lo, o usuário é direcionado para uma homepage com as últimas notícias sobre a Covid-19.

#### **4.2.9 A notícia do UOL 08/01/2021**

O UOL atua de forma incisiva em relação aos efeitos e perigos gerados pelo vírus na reportagem “Em reflexo de festas, Brasil tem maior nº de mortes desde agosto: 1.379”. A começar pelo título, que pontua as festas de fim de ano como fator de expansão da Covid-19 no território brasileiro. As informações também têm maior grau de complexibilidade, alcançado a partir de comparativos com o recorde de novas infecções e o maior número de mortes em 24 horas nos anos de 2020 e 2021. O texto tem 4833 caracteres.

Pela primeira vez entre as publicações analisadas, o UOL oferta 29 infográficos, 27 deles interativos, similares aos produzidos pelo G1, para ilustrar as novas mortes pelo vírus e a média móvel. O portal dispõe, ainda, da situação em cada um dos estados analisados e do Distrito Federal. Há indicação de estabilidade e aceleração, representado por porcentagem. O portal utiliza uma foto, três fontes e três hiperlinks. Ver Figura 17.

**Figura 17 - Notícia UOL do dia 08/01/2021**

Em reflexo de festas, Brasil tem maior nº de mortes desde agosto: 1.379



Nesta sexta-feira (8), o Brasil superou a marca dos 8 milhões de casos confirmados de covid-19

Imagem: Eduardo Araujo/Folhapress

Colaboração para o UOL, em São Paulo  
08/01/2021 15h46 | Atualizada em 08/01/2021 20h45

Um dia após ultrapassar as 200 mil mortes provocadas pela covid-19, o Brasil alcançou outras tristes marcas nesta sexta-feira (8). Confirmando a previsão de médicos, o país atingiu o mais alto índice de pessoas infectadas pela covid-19 e o maior número de óbitos confirmados em 24 horas desde 4 de agosto, exatas duas semanas após o início das festas de fim de ano. Os dados são do consórcio de veículos de imprensa do qual o UOL faz parte.

Pelo quarto dia consecutivo, o Brasil registrou mais de mil novas mortes por covid-19 entre um dia e outro. Nas últimas 24 horas, foram cadastrados 1.379 novos óbitos (maior marca desde 4 de agosto, com 1.394), com um total de 201.542 mortos desde o começo da pandemia.

Fonte: UOL (2021).

#### 4.2.9.1 Título e linha de apoio

Intitulada “Em reflexo de festas, Brasil tem maior nº de mortes desde agosto: 1.379”, a notícia relaciona a maior onda de mortos por Covid-19 no Brasil com os efeitos de festas de fim de ano. A notícia não se limita a relatar somente o número de mortes diárias. O UOL diz, logo na abertura do título, que as aglomerações responsáveis pela nova alta de casos e, portanto, “reflexo de festas”. O número de óbitos é apresentado na íntegra, sem arredondamentos. O UOL não utiliza linha de apoio.

#### 4.2.9.2 Fontes

A reportagem conta com três fontes. A primeira fonte citada é o consórcio de imprensa, o qual o UOL atribui a apuração dos dados divulgados. A segunda fonte é a Universidade Johns Hopkins, também presente na análise 4.2.6, referenciada para noticiar o Brasil como terceiro país do mundo a ultrapassar a marca de 8 milhões de infectados, conforme levantamento realizado pela própria universidade. O ministério da Saúde é a terceira fonte presente. A pasta aparece no oitavo parágrafo da reportagem, introduzido pelo subtítulo “Dados do Ministério da Saúde”. O Ministério da Saúde volta a ser citado no final da reportagem, quando o UOL retoma a criação

do consórcio de imprensa e conclui que o “governo federal, por meio do Ministério da Saúde, deveria ser a fonte natural desses números, mas atitudes de autoridades e do próprio presidente durante a pandemia colocam em dúvida a disponibilidade dos dados e sua precisão (UOL, 2020). Não há aspas na reportagem.

O UOL ainda cita médicos, epidemiologistas e especialistas como possíveis fontes de informação para elucidar o cenário de rápida contaminação pelo vírus, o que é cientificamente evidenciado após as comemorações de fim de ano. Porém, como os médicos, epidemiologistas e especialistas não são identificados de forma mais específica, por nome, cargo ou ligação com trabalhos de pesquisa e acompanhamento da Covid-19, eles não serão contabilizados como uma fonte direta. Ver Quadro 9.

**Quadro 9 - Fontes citadas, ouvidas ou descritas**

Fontes citadas	Fontes ouvidas ou descritas
Três fontes - Consórcio de imprensa, Ministério da Saúde, Universidade Johns Hopkins.	-

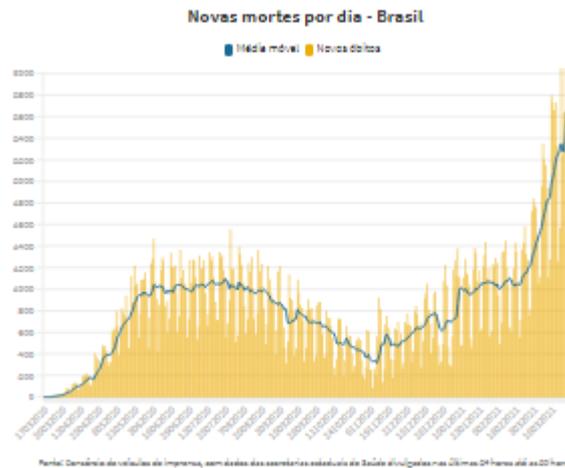
Fonte: a autora (2021).

#### 4.2.9.3 Recursos multimídia

A reportagem utiliza uma única foto, disposta abaixo do título. A imagem mostra um paciente internado, deitado em uma maca, em segundo plano. Em primeiro plano, uma profissional da saúde aparece na ponta da maca, assinando documentos. A profissional utiliza macacão, luvas e outros equipamentos de proteção individual contra Covid-19. A imagem é creditada como Eduardo Anizelli/Folhapress e contém a seguinte legenda: “Nesta sexta-feira (8), o Brasil superou a marca dos 8 milhões de casos confirmados de covid-19”.

Após o quarto parágrafo, o UOL apresenta o primeiro gráfico estático de novas mortes no Brasil, chamado “Novas mortes por dia - Brasil”. Ao todo, a publicação conta com 29 gráficos. Nele, é possível visualizar a média móvel e os novos óbitos. Ver Figura 18.

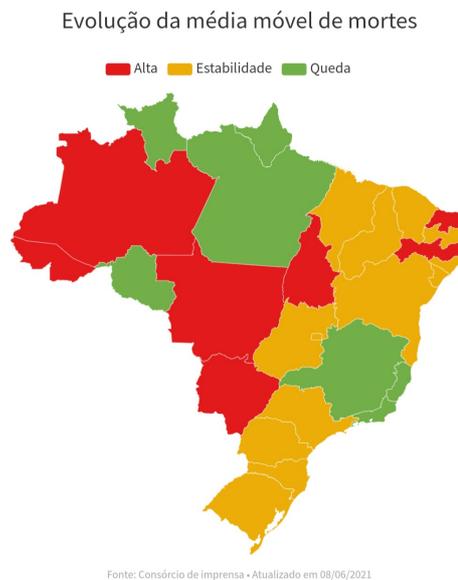
**Figura 18** - Gráfico de novas mortes por dia no Brasil



Fonte: UOL (2021).

Depois do nono parágrafo, o portal traz um novo gráfico estático, desta vez com o mapa do Brasil segmentado por estados, para indicar regiões em alta, estabilidade e queda de mortes. O gráfico é denominado “Evolução da média móvel de mortes”. Ver Figura 19.

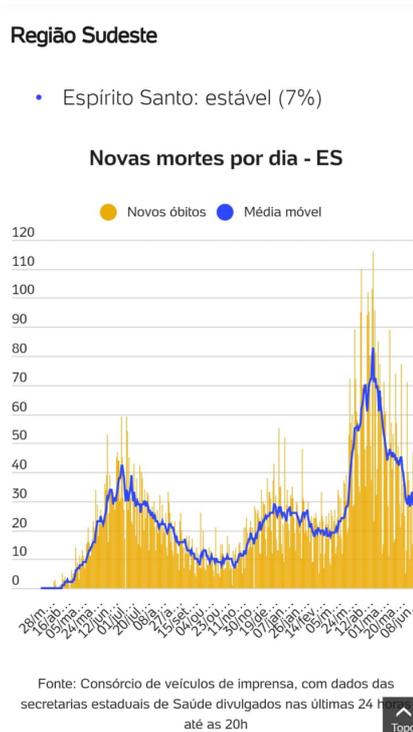
**Figura 19** - Gráfico de evolução da média móvel de mortes



Fonte: UOL (2021).

Quatro parágrafos abaixo, o portal apresenta 27 gráficos individuais e interativos, que revelam a média móvel e os novos óbitos em cada estado e no Distrito Federal. Os gráficos são separados pelas regiões Sudeste, Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul, intitulados “Novas mortes por dia - Estado X”. Ver Figura 20.

**Figura 20** - Gráfico de novas mortes por dia – Espírito Santo



Fonte: UOL (2021).

#### 4.2.9.4 Hiperlinks

Três hiperlinks são usados na publicação. O primeiro hiperlink aparece na frase de abertura do texto, que fala sobre as novas marcas atingidas no Brasil após as 200 mil mortes por Covid-19. O hiperlink envia o leitor para uma matéria publicada um dia antes, em 07 de janeiro de 2021, quando marca de 200 mil mortes. A publicação explica que o país enfrenta o terceiro dia com mortes diárias acima de mil vidas perdidas, com dez estados e o Distrito Federal em situação de alta. É uma matéria complementar no quesito memória, pois resgata dados do dia anterior e contextualiza o avanço do vírus.

O segundo hiperlink está inserido na palavra coronavírus e envia o leitor para a matéria “Tire as principais dúvidas sobre covid-19, doença causada pelo

coronavírus”. É um conteúdo complementar, de serviço, que ajuda o leitor a sanar dúvidas essenciais.

O terceiro hiperlink está localizado no penúltimo parágrafo, no qual o UOL retoma a criação do consórcio de imprensa. O hiperlink está inserido em Jair Bolsonaro. Ao clicá-lo, o usuário é levado para uma página com as últimas notícias envolvendo o presidente do Brasil.

#### 4.2.10 A notícia do G1 25/03/2021

Em “Brasil registra recorde com quase 100 mil novos casos de Covid em um dia; mortos chegam a 303,7 mil”, o G1 mantém o padrão de divulgação dos dados da Covid-19 no país, através de blocos de texto para apresentar boletins diários e gráficos para evidenciar o número de novas mortes e a média móvel de óbitos em 26 estados e no Distrito Federal. O texto é desenvolvido em 3637 caracteres. Ver Figura 21.

**Figura 21 - Notícia G1 do dia 25/03/2021**

### Brasil registra recorde com quase 100 mil novos casos de Covid em um dia; mortos chegam a 303,7 mil

Pelo contabilizou 12.324.765 casos e 303.726 óbitos por Covid-19 desde o início da pandemia, segundo balanço do consórcio de veículos de imprensa. Foram 97.586 novos diagnósticos em 24 horas, levando média móvel também a novo recorde.

Por G1  
25/03/2021 09:08 - Atualizado há 7 meses



Brasil registra recorde com quase 100 mil novos casos e 303 mil mortos em 24 horas

O Brasil registrou **97.586** novos casos de Covid-19 confirmados nesta quinta-feira (25), a maior marca em um dia até aqui –superando o dia 17/3, quando o número chegou a 90.830. O ritmo do contágio assusta diante do colapso de sistemas de saúde e a alta de mortes no país. Com isso, desde o começo da pandemia **12.324.765**

brasileiros já tiveram ou têm o novo coronavírus. A média móvel nos últimos 7 dias foi de **96.738** novos diagnósticos por dia, também batendo recorde. Isso representa uma variação de **58%** em relação aos casos registrados em duas semanas, o que indica **tendência de instabilidade nos diagnósticos**.



Fonte: G1 (2021).

O título usa números arredondados, reforçado pela palavra quase, enquanto a linha de apoio traz os números integrais. Pela primeira vez, o portal cita o total de vacinados contra Covid-19 no Brasil e o percentual geral da população imunizada,

informações até então não descritas nos textos analisados. O G1 também mantém o recurso de frisar em vermelho frases-chave para o entendimento da notícia.

A matéria do dia 25 de março de 2021 é a mais completa em relação às demais, pois compila comparativos com os meses anteriores para cada dado, como número de mortes pelo vírus, média móvel e diagnósticos de novos casos, a fim de ressaltar que o ritmo de transmissão da doença está em crescimento. O texto também fala sobre os recordes atingidos na data, como maior marca de casos confirmados e maior média móvel nos últimos sete dias de contagem. Ao descrever tais informações, o G1 escreve frases como “o ritmo do contágio assusta diante do colapso de sistemas de saúde e a alta de mortes no país”, reforçando que o Brasil enfrenta a segunda onda da doença.

A matéria contém apenas um vídeo gerado a partir de um boletim do “Jornal Nacional”. Oito hiperlinks aparecem ao longo do texto, que tem 4159 caracteres.

#### 4.2.10.1 Título e linha de apoio

Intitulada “Brasil registra recorde com quase 100 mil novos casos de Covid em um dia; mortos chegam a 303,7 mil”, a matéria destaca a crescente de casos da doença no país em enfatizar o novo recorde diário. Os números de destaque são novos casos e mortes acumuladas, todos colocados de forma arredondada.

Já a linha de apoio contém os números totais e na íntegra de casos e óbitos registrados desde o início da pandemia de Covid-19. Também é apontado o número de casos diagnosticados em um único dia, sem arredondamento, que levou a média móvel a mais um recorde. As informações são atribuídas ao consórcio de imprensa.

#### 4.2.10.2 Fontes

Há duas fontes no texto: consórcio de imprensa e secretarias estaduais de Saúde. Assim como nas demais matérias do G1, as secretarias estaduais são citadas como a fonte de coleta de informações por estado. Ou seja, o portal é responsável por compilar os números e informar o balanço diário, o que o torna a fonte principal da matéria, atribuída pelo levantamento.

Nenhuma das fontes destacadas possui aspas ou é referenciada por um representante. Ver Quadro 10.

**Quadro 10 - Fontes citadas, ouvidas ou descritas**

Fontes citadas	Fontes ouvidas ou descritas
Duas fontes - Consórcio de imprensa, secretarias estaduais de Saúde.	-

Fonte: a autora (2021).

#### 4.2.10.3 Recursos multimídia

O primeiro recurso multimídia presente na publicação é um vídeo gerado do programa “Jornal Nacional”, que exibiu os mesmos dados apresentados na matéria do G1. Com duração de dois minutos e 48 segundos, o material não inclui novas informações. Na legenda, o portal informa que “Brasil registra na quinta-feira (25/03) 2.639 mortes e 97.586 casos”. Não há fotos.

A página contém 54 gráficos. Os primeiros 27 gráficos são estáticos e mostram a média móvel de mortes em alta, em estabilidade e em queda em cada um dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal.

Os outros 27 gráficos são interativos e permitem que o usuário visualize o número de mortes por Covid-19 de forma individual, por estado, variando de acordo com o dia. É possível acessar a média móvel e a variação absoluta sobre o dia anterior, assim como nas matérias 4.2.4 e 4.2.7.

Não há nenhuma modificação estética ou acréscimo de novas funções.

#### 4.2.10.4 Hiperlinks

A matéria analisada conta com oito hiperlinks. Os dois primeiros hiperlinks são para reportagens especiais dedicadas ao marco de 300 mil mortos pelo vírus. Ambos os hiperlinks estão bloqueados fora do texto e contêm conteúdos complementares e mais humanizados, além das tradicionais estatísticas, narrados por meio de diferentes fontes e com múltiplos recursos gráficos, o que não costuma aparecer na produção do dia a dia.

O primeiro hiperlink envia para a reportagem “300 mil mortos por Covid-19”, que é estruturada de forma semelhante à reportagem especial de 200 mil mortos. O segundo hiperlink direciona para a reportagem “Gente que inspira”, dedicada a pessoas que fazem trabalho voluntário e ajudam grupos que estão em vulnerabilidade social por conta da pandemia.

Mais três hiperlinks aparecem em tópicos. Todos têm envolvimento com atualizações sobre o número de mortes, casos e vacinação por estado e cidade. São eles: “Mortes e casos de coronavírus no Brasil e nos estados”, “Mortes e casos por cidade” e “Veja como está a vacinação no seu estado”.

O sexto hiperlink é um padrão identificado nas análises 4.2.4 e 4.2.7. Neste hiperlink, o G1 explica como calcula as tendências da pandemia de Covid-19. O sétimo hiperlink detalha o balanço do dia da vacinação contra Covid-19 no país.

O oitavo hiperlink está localizado no último parágrafo do texto. Neste parágrafo, o G1 mantém um padrão de publicação em todas as matérias de atualização do boletim diário, que trata de uma breve contextualização da criação do consórcio de imprensa. O texto é antecedido por um subtítulo “Consórcio de veículos de imprensa”, no qual há um hiperlink na expressão saiba mais. Ao clicá-lo, o usuário é direcionado para a notícia de lançamento da iniciativa.

#### **4.2.11 A notícia do R7 25/03/2021**

A notícia “Covid: Brasil registra 2.787 mortes e mais de 100 mil novos casos em 24h”, do R7, tem três parágrafos de texto, descritos em um breve boletim diário da Covid-19 no país. As informações também são apresentadas em tópicos, para comparar os recordes de mortes registrados no mês de março de 2021. O texto tem 752 caracteres e é escrito de forma neutra, apenas relatando os dados do Ministério da Saúde e do Conselho Nacional de Secretários da Saúde (Conass), sem caracterizar a gravidade do aumento de casos ou relatar a segunda onda do vírus.

O portal utiliza poucos recursos multimídia, limitando-se a uma foto e um vídeo. Não há gráficos, áudios e hiperlinks. Ver Figura 22.

**Figura 22 - Notícia R7 do dia 25/03/2021**

## Covid: Brasil registra 2.787 mortes e mais de 100 mil novos casos em 24h

País quebra um novo recorde ao contabilizar, pela primeira vez, 100.736 novos casos diagnosticados da doença em apenas um dia

SAÚDE | Do R7  
25/03/2021 - 18:08 (ATUALIZADO EM 25/03/2021 - 19:12)

COMPARTILHE: [f](#) [t](#) [v](#) [p](#)

Quilómetros Covid-19 0:00 0:00 0:00

A- A+



País chegou a 300 mil mortos pela doença no último dia 24  
MARCO OLIVEIRAS - 17/03/2021

O Brasil registrou, nesta quinta-feira (25), 2.787 mortes por covid e um novo recorde no número de novos casos diagnosticados, com 100.736 nas últimas 24 horas, segundo dados enviados pelos estados ao Ministério da Saúde e ao Conass (Conselho Nacional de Secretários de Saúde).

Com o balanço de hoje, o país totaliza 303.462 mortes e 12.320.169 pessoas diagnosticadas com a doença.

Fonte: R7 (2021).

### 4.2.11.1 Título e linha de apoio

Em “Covid: Brasil registra 2.787 mortes e mais de 100 mil novos casos em 24h”, o R7 apresenta o número de mortes na íntegra e arredonda o número de novos casos.

A linha de apoio destaca o novo recorde de infecções diagnosticadas em um dia, também com o número sem arredondamentos.

### 4.2.11.2 Fontes

A publicação conta com duas fontes, identificadas como Ministério da Saúde e Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass). Ambas são citadas no texto como responsáveis por contabilizar os dados enviados pelos estados.

As duas fontes aparecem apenas uma vez, no primeiro parágrafo, e não possuem aspas. Ver Quadro 11.

**Quadro 11 - Fontes citadas, ouvidas ou descritas**

Fontes citadas	Fontes ouvidas ou descritas
Duas fontes - Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Secretários da Saúde.	-

Fonte: a autora (2021).

#### 4.2.11.3 Recursos multimídia

O R7 não utiliza gráficos nas publicações. Na matéria em análise, há dois elementos multimídia: uma foto, que está logo abaixo do título, e um vídeo após o último parágrafo.

A imagem retrata pacientes em atendimento no corredor de um hospital. Todos estão sentados em cadeiras reclináveis e de costas para o fotógrafo. Na cena, uma profissional da saúde presta atendimento médico a um doente. Ela está no canto direito da imagem, vestindo um avental azul e equipamentos de proteção individual contra Covid-19. A imagem é creditada como Marcelo Oliveira/EFE e possui a seguinte legenda: “País chegou a 300 mil mortos pela doença no último dia 24”.

O vídeo está localizado no encerramento da matéria. Assim como o G1, o R7 reaproveita um trecho do “Jornal da Record” com o boletim diário da Covid-19 para anexar a matéria. No material de 26 segundos, não há inclusão de informações complementares. O vídeo está nomeado como “Brasil supera a marca de 300 mil mortes por coronavírus”.

#### 4.2.11.4 Hiperlinks

Não há hiperlinks na notícia.

#### 4.2.12 A notícia do UOL 25/03/2021

O UOL também destaca o recorde diário de casos diagnosticados em “Covid: Brasil bate recorde de casos diários e registra 2.639 mortes em 24h”. A publicação também usa no título o número de mortes na íntegra. O portal não utiliza linha de apoio. O texto tem 5730 caracteres.

A matéria tem 29 gráficos, sendo 27 deles com informações personalizadas por estado. As artes são estáticas, diferente da reportagem analisada em 4.2.9, que

permite que o usuário visualize a contagem diária dos óbitos ao passar o cursor por cima das barras. Nesse sistema, é mais fácil acessar os dados. Ver Figura 23.

**Figura 23 - Notícia UOL do dia 25/03/2021**

Conteúdo publicado há 2 meses  
 Covid: Brasil bate recorde de casos diários e registra 2.639 mortes em 24 h

Colaboração para o UOL, em São Paulo  
 25/03/2021, 13h48 | Atualizada em 26/03/2021, 13h48  
 Fontes: [veja conteúdo do arquivo](#)

Dois dias após estabelecer uma [nova marca de mortes diárias](#), o Brasil atingiu hoje outro recorde de novos diagnósticos de covid-19. Segundo dados do consórcio de veículos de imprensa do qual o UOL faz parte, 97.586 casos de pessoas infectadas pelo novo coronavírus foram registrados nas últimas 24 horas.

Até hoje, o dia com mais casos registrados havia sido na semana passada, no dia 17, com 90.630 novos diagnósticos. Com isso, o [Brasil consolida a sua posição como epicentro da doença](#), no mundo ao se tornar o país com maior registro de infectados em apenas um dia. Segundo o ranking da Universidade Johns Hopkins, os EUA registraram um pouco menos de 87 mil casos hoje e a Índia registrou mais de 53 mil.

Fonte: UOL (2021).

Os gráficos presentes no texto informam o número de novas mortes por dia no Brasil, com a média móvel, e nos estados, assim como um balanço geral da evolução da média móvel nos estados. Eles contêm o mesmo modelo de apresentação do 4.2.9.

Além dos gráficos, o UOL utiliza um vídeo de um minuto e um segundo para apresentar os dados. Intitulado “Brasil bate recorde de casos diários de covid-19 e registra 2.639 mortes em 24h”, o material traz imagens em sequência de pacientes internados com Covid-19, pessoas realizando testes RT-PCR, modelo usado para diagnosticar a doença, e profissionais da saúde em trabalho. O vídeo é acompanhado por uma trilha e blocos de informações que aparecem na tela. Não há dados complementares.

Assim como o G1 e o R7 fizeram com as matérias publicadas no dia 25 de março de 2021, o UOL propõe comparações com dados de meses anteriores para mostrar os recordes de mortes e novos diagnósticos. O portal reitera o estado de alerta da Covid-19 no Brasil, alegando que o país “consolida sua posição como epicentro da doença” e que considera a segunda onda do vírus. Há referência ao consórcio de

imprensa, às secretarias estaduais da Saúde e ao Ministério da Saúde como fontes. O texto possui seis hiperlinks

#### 4.2.12.1 Título e linha de apoio

Em “Covid: Brasil bate recorde de casos diários e registra 2.639 mortes em 24h”, o UOL também reforça o recorde diários de novos casos, o maior até o momento, e o número de mortos pela doença. Os óbitos são apresentados de forma integral, sem arredondamentos. O portal não utiliza linha de apoio.

#### 4.2.12.2 Fontes

O UOL mantém o posicionamento de adotar os dados do consórcio de imprensa como principal fonte dos balanços diários da Covid-19 no Brasil. Neste texto, as secretarias estaduais da Saúde não são citadas como uma etapa da apuração dos veículos integrantes do consórcio.

O portal aponta a Universidade Johns Hopkins como fonte de monitoramento dos países com maior número de infectados pelo vírus. É a partir do levantamento realizado que o UOL coloca o Brasil como epicentro da Covid-19.

O ministério da Saúde é citado pela primeira vez no décimo primeiro parágrafo. Os dados fornecidos pela pasta são apresentados em cinco parágrafos.

Nenhuma das fontes consideradas tem aspas. Ver Quadro 12.

**Quadro 12 - Fontes citadas, ouvidas ou descritas**

Fontes citadas	Fontes ouvidas ou descritas
Três fontes - Consórcio de imprensa, Universidade Johns Hopkins. Ministério da Saúde.	-

Fonte: a autora (2021).

#### 4.2.12.3 Recursos multimídia

O primeiro recurso gráfico presente na matéria é um vídeo de um minuto e um segundo, intitulado “Brasil bate recorde de casos diários de covid-19 e registra 2.639 mortes em 24h”, mesmo título da matéria. O material, localizado logo abaixo do título,

não tem legenda e não contém novas informações ou conteúdos complementares ao texto, restringindo-se a uma apresentação dinâmica dos dados informados na notícia.

O UOL também apresenta 29 gráficos, usados com a mesma proposta explorada em 4.2.9. Porém, desta vez todos os gráficos são estáticos e não permitem a manipulação da média móvel de mortes e do número de mortes diárias pela doença. Os gráficos informam, respectivamente: 1) Novas mortes por dia - Brasil (média móvel e novos casos); 2) Evolução da média móvel de mortes (estabilidade, queda e alta); 3) Novas mortes por dia - Estado e Distrito Federal (média móvel e novos óbitos).

Os 27 gráficos que retratam a situação da Covid-19 por estados estão separados em regiões Sudeste, Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul.

#### 4.2.12.4 Hiperlinks

O UOL utiliza seis hiperlinks. Os quatro primeiros hiperlinks são relacionados com matérias de atualização da pandemia no Brasil principalmente em relação ao novo epicentro da doença e a marca de 300 mil mortes. Nenhum dos quatro hiperlinks configura reportagens especiais, com novas projeções sobre a circulação e os efeitos do vírus no país. Esses hiperlinks são adotados em função da memória no jornalismo, da construção de correlações entre os fatos abordados. Pode-se considerar que eles atuam de forma complementar no contexto factual.

O quinto hiperlink utilizado está inserido na palavra coronavírus. É o mesmo hiperlink usado nas demais notícias analisadas do UOL. Ao clicá-lo, o usuário é direcionado para uma matéria que explica as principais dúvidas sobre o vírus. Em termos de estratégia de conteúdo e complementação de informações, o portal utiliza o hiperlink em análise de forma tardia, pois coloca-o apenas no décimo terceiro parágrafo. Poderia ter sido colocado mais acima, para que o usuário tivesse acesso imediato às perguntas e respostas sobre a Covid-19.

O sexto hiperlink também é um padrão adotado pelo UOL. O hiperlink está inserido no nome do presidente Jair Bolsonaro, e direciona o usuário para uma página com as últimas atualizações sobre o governo federal. O link é contextualizado pelo subtítulo “Veículos se unem pela informação”, que trata, em dois parágrafos de encerramento, sobre a criação do consórcio de imprensa.

#### 4.2.13 A notícia do G1 30/04/2021

O G1 é direto e incisivo sobre a aceleração das mortes por Covid-19 nos quatro primeiros meses de 2021 com “Brasil completa 100 dias com média móvel de mortes por Covid acima de 1 mil; período teve quase metade dos óbitos da pandemia”. Logo no título, o portal sinaliza que o país enfrenta o centésimo dia com média móvel acima de mil óbitos e que, no período, o Brasil acumulou metade das mortes registradas desde março de 2020.

O texto é desenvolvido em 4492 caracteres e apresenta mais infográficos do que as demais notícias analisadas: são 56 materiais gráficos. A construção da notícia evidencia que o Brasil vive um momento crítico de saúde pública. A gravidade da pandemia é identificada a partir de frases como “Nesta sexta-feira (30), Brasil completou 100 dias de uma trágica segunda onda de mortes na pandemia que está demorando a ser atenuada; durante todo esse período, foram mais de 1 mil mortes registradas por dia na média móvel” e “Abril foi o mês mais letal da pandemia, encerrado com 82.401”. Ver Figura 24.

**Figura 24** - Notícia G1 do dia 30/04/2021

### Brasil completa 100 dias com média móvel de mortes por Covid acima de 1 mil; período teve quase metade dos óbitos da pandemia

País contabiliza 14.665.962 casos e 404.287 óbitos, segundo balanço do cotidiano de veículos de imprensa com informações das secretarias de Saúde. Também já são 46 dias com a média acima de 2 mil mortes por dia.

Por G1  
10/04/2021 19:47 - Atualizado às 19:56



Média móvel de mortes por Covid no Brasil ultrapassa 100 mil óbitos por dia

Nesta sexta-feira (30), Brasil completou **100 dias** de uma trágica segunda onda de mortes na pandemia que está demorando a ser atenuada; durante todo esse período, **foram mais de 1 mil mortes registradas por dia** na média móvel. O total de óbitos quase dobrou: saltou de 212 mil em 20 de janeiro para 404 mil.



Abril foi o **mês mais letal da pandemia**, encerrado com 82.401. O mês chega ao fim com a média móvel de óbitos **acima da marca de 2,5 mil**. Março, o segundo pior mês, teve 66.268 óbitos anotados. **Veja abaixo:**

Fonte: G1 (2021).

Apesar da inclusão dos gráficos estáticos “Abril, o pior mês da pandemia” e “Média de mortes nos últimos 7 dias”, o portal mantém a estrutura de gráficos citados

em 4.2.10. O G1 também sustenta as comparações de números de óbitos, novos casos e média móvel com meses anteriores para evidenciar o aumento de casos e mortes.

A publicação contém um vídeo de dois minutos e 51 segundos, que é um trecho do programa “Jornal Nacional”, e sete hiperlinks. O portal ainda mantém o recurso de frisar em vermelho frases consideradas importantes.

#### 4.2.13.1 Título e linha de apoio

A gravidade da Covid-19 é claramente comunicada nas escolhas do portal para o título “Brasil completa 100 dias com média móvel de mortes por Covid acima de 1 mil; período teve quase metade dos óbitos da pandemia”. O G1 coloca os 100 dias de média móvel acima de mil mortos como fator de alerta e completa com a representação de mortes acelerada: metade dos registros totais de óbitos aconteceram apenas nesse período.

A linha de apoio completa com a soma de casos de mortes divulgadas na íntegra, sem arredondamentos. As informações são creditadas ao consórcio de imprensa e às secretarias estaduais da Saúde. O Ministério da Saúde não aparece em nenhum momento da notícia.

Também na linha de apoio, o portal reforça a situação de emergência ao relatar que o Brasil está há 45 dias com média móvel acima de dois mil óbitos diários.

#### 4.2.13.2 Fontes

O G1 mantém o consórcio de imprensa como fonte principal, responsável pela consolidação dos dados gerais da pandemia de Covid-19 no Brasil. As secretarias estaduais da Saúde são relatadas como fonte de coleta do consórcio. Logo, são responsáveis pelo informe de dados em nível estadual.

Neste modelo, o consórcio de imprensa é considerado fonte principal por executar o trabalho de colher as informações, compará-las e sistematizá-las.

As fontes citadas não têm aspas. Ver Quadro 13.

**Quadro 13 - Fontes citadas, ouvidas ou descritas**

Fontes citadas	Fontes ouvidas ou descritas
Duas fontes - Consórcio de imprensa, secretarias estaduais da Saúde.	-

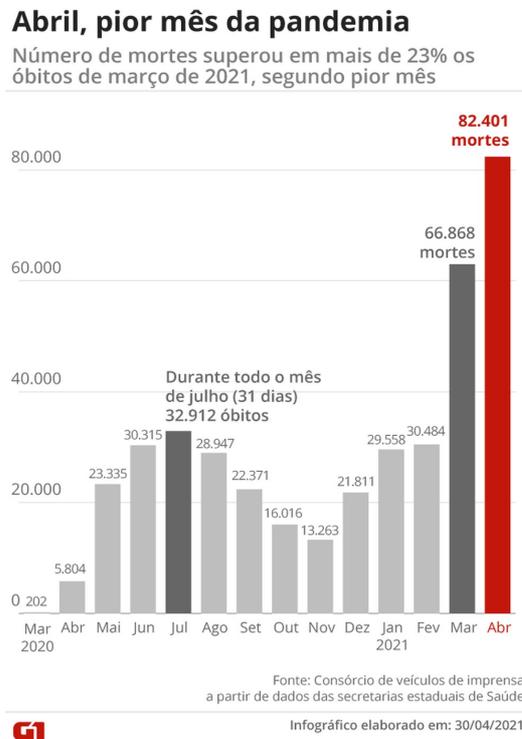
Fonte: a autora (2021).

4.2.13.3 Recursos multimídia

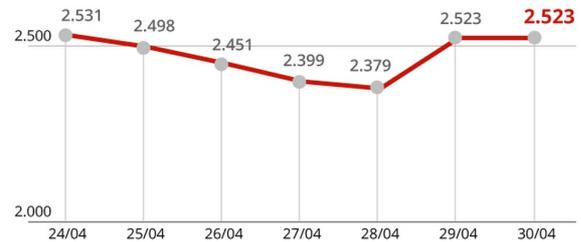
Abaixo da linha de apoio, o G1 traz um vídeo com duração de dois minutos e 51 segundos. Trata-se de um boletim exibido no “Jornal Nacional”, com os mesmos dados discutidos na matéria. O material não contém informações complementares.

Nesta publicação, o portal inclui mais dois gráficos aos modelos tradicionalmente usados e citados em 4.2.7 e 4.2.10. Os modelos, denominados “Abril, o pior mês da pandemia” e “Média de mortes nos últimos 7 dias”, são estáticos. Ver Figuras 25 e 26.

**Figura 25 - Gráfico de abril, o pior mês da pandemia**



Fonte: G1 (2021).

**Figura 26** - Gráfico com a média de mortes nos últimos sete dias**Média de mortes nos últimos 7 dias**

Fonte: Consórcio de veículos de imprensa a partir de dados das secretarias estaduais de Saúde



Infográfico elaborado em: 30/04/2021

Fonte: G1 (2021).

Depois deles, o G1 traz 27 gráficos estéticos para ilustrar estados em alta, queda e estabilidade de mortes por Covid-19. Depois, mais 28 gráficos dinâmicos são incluídos no texto, para que o usuário possa navegar, ao passar o cursor por cima das barras e curvas, sobre o número de novos óbitos e a média móvel de mortes no Brasil e nos estados. Esse recurso segue o mesmo padrão do apresentado em 4.2.7 e 4.2.10.

#### 4.2.13.4 Hiperlinks

Há sete hiperlinks na matéria. Alguns hiperlinks são padrões identificados nos boletins diários do G1, como: mortes e casos no Brasil e nos estados, mortes e casos por cidade, vacinação por estado, método de cálculo das tendências da pandemia e saiba mais, link que direciona para a notícia de lançamento do consórcio, fixa nos dois últimos parágrafos do texto. No caso, são cinco hiperlinks padrões e repetidos na notícia 4.2.10.

Os demais hiperlinks são de notícias factuais e direcionam o leitor para as matérias “A 6 dias do fim, abril se torna o mês mais letal da pandemia no Brasil” e “Brasil aplicou ao menos uma dose de vacina contra Covid em mais de 31,6 milhões de pessoas, aponta consórcio de veículos de imprensa”. Os conteúdos propostos não têm entrevistas com especialistas de saúde ou similares. Ambas as matérias são redigidas com o consórcio de imprensa como fonte principal.

#### 4.2.14 A notícia do R7 30/04/2021

Na matéria “Brasil registra 2.595 mortes por covid e 68.333 novos casos em 24h”, o R7 volta a evidenciar o número de recuperados da doença. Não é possível que o leitor identifique de forma objetiva, tanto pelo título e linha de apoio quanto pelo texto, a real situação da Covid-19 no Brasil, pois o portal utiliza poucos adjetivos e termos para caracterizar o presente estágio da pandemia.

Nesta publicação, que possui 1106 caracteres, o R7 não explica os estados que estão com alta, queda e estabilidade de mortes por Covid-19. São evidenciados apenas os estados com maior número de mortes acumuladas. O portal também deixa de apresentar o balanço diário de novos casos e mortes por estado. Ver Figura 27.

**Figura 27 - Notícia R7 do dia 30/04/2021**

### Brasil registra 2.595 mortes por covid e 68.333 novos casos em 24h

Segundo o Ministério da Saúde, o número de pessoas que já se recuperaram da doença no país supera a marca de 13 milhões

SAÚDE | Do R7  
30/04/2021 - 17h54 (ATUALIZADO EM 30/04/2021 - 19:05)

COMPARTILHE

0:00

A- A+



Mais de 13 milhões de pessoas já se curaram da covid-19 no Brasil

O Brasil registrou, nesta sexta-feira (30), 2.595 mortes por covid e 68.333 novos casos, de acordo com os dados enviados pelos estados ao Ministério da Saúde e ao Conass (Conselho Nacional de Secretários de Saúde).

Com o balanço de hoje, o país contabiliza 403.781 mortes e 14.569.011 pessoas que já foram diagnosticadas com a doença. São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul são os estados com o maior número de óbitos, respectivamente.

Fonte: R7 (2021).

Além da informação de recuperados, item que não integra as matérias do G1 e que apareceu somente uma vez nas análises do UOL, o R7 ainda destaca a taxa de mortalidade da doença no país, conforme perspectiva do Ministério da Saúde, e o avanço da vacinação contra Covid-19, representado por um infográfico dinâmico.

A publicação traz o Ministério da Saúde e o Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (Conass) como fontes. Há uma foto de abertura e quatro hiperlinks em todo o texto.

#### 4.2.14.1 Título e linha de apoio

Intitulada “Brasil registra 2.595 mortes por covid e 68.333 novos casos em 24h”, a notícia do R7 destaca o número de mortes em um dia e o número de novos casos. Os dois dados são colocados de forma integral, sem arredondamento de números.

A linha de apoio resgata a relação de dependência do R7, que não integra o consórcio de imprensa, em virtude do Ministério da Saúde, principal fonte do portal para a divulgação de boletins diários. Também é válido marcar o apelo do portal pelo número de recuperados, apresentado na linha de apoio. Até o momento, nenhuma notícia do G1 e do UOL apontam a perspectiva de pacientes recuperados no título ou linha de apoio.

#### 4.2.14.2 Fontes

O R7 mantém o Ministério da Saúde como fonte principal do boletim diário da Covid-19. Assim como na análise da notícia 4.2.11, o portal cita o Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (Conass) como uma fonte de fornecimento de informações diárias. Ambas as fontes são citadas no texto duas vezes e não possuem aspas. Ver Quadro 14.

**Quadro 14** - Fontes citadas, ouvidas ou descritas

Fontes citadas	Fontes ouvidas ou descritas
Duas fontes - Ministério da Saúde, Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (Conass).	-

Fonte: a autora (2021).

#### 4.2.14.3 Recursos multimídia

Pela primeira vez entre as notícias analisadas até aqui, o R7 apresenta um infográfico de acompanhamento da vacinação contra Covid-19 nos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal. O gráfico garante acesso a cada estado, revelando o total da população (e não o total do grupo prioritário), a porcentagem de vacinados com a primeira dose e a porcentagem de vacinados com a segunda dose (ver Figura

28). Também é possível conferir os resultados integrais dos mesmos dados para o Brasil. Este recurso está localizado após o último parágrafo.

**Figura 28** - Ferramenta Vacinômetro desenvolvida pelo R7

Acompanhe a vacinação em tempo real no Brasil:



Fonte: R7 (2021).

O portal utiliza uma foto para abrir a matéria, disposta abaixo da linha de apoio e creditada como Reuters/Diego Vara/File Photo. A imagem mostra um quarto de hospital com diversos pacientes internados. O local tem treze profissionais da saúde em atendimento, todos vestem aventais azuis e equipamentos de proteção individual contra Covid-19. A legenda é um tanto contraditória e não combina com o que é captado na imagem, que provavelmente relata uma unidade de tratamento intensivo (UTI). A frase diz: “Mais de 13 milhões de pessoas já se curaram da covid-19 no Brasil”.

#### 4.2.14.4 Hiperlinks

O texto contém quatro hiperlinks. Os três primeiros hiperlinks direcionam o leitor para notícias factuais relacionadas à vacinação. Eles estão deslocados dos parágrafos, indicados em tópicos precedidos por leia mais. São eles: 1) Justiça Federal proíbe governo de fazer campanha do kit-covid; 2) Queiroga pede doses extras na OMS para acelerar vacinação; 3) Fiocruz entrega 1 milhão de vacinas a mais que o previsto em abril.

O quarto hiperlink está inserido na palavra vacinômetro, no quinto e último parágrafo. Ao clicá-lo, o usuário acessa o mapa de vacinação contra Covid-19 no

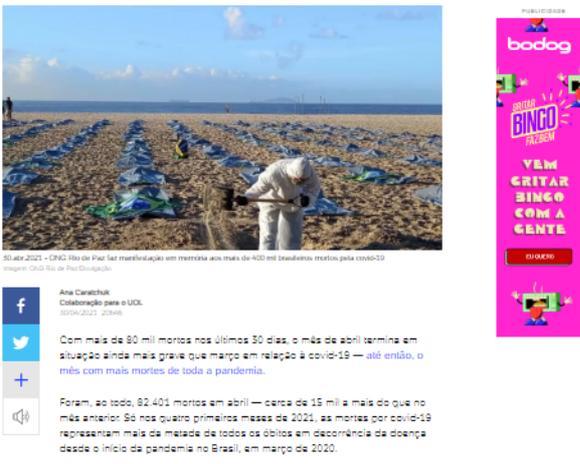
Brasil desenvolvido pelo R7. A ferramenta é a mesma descrita na categoria 3 desta análise.

#### 4.2.15 A notícia do UOL 30/04/2021

A notícia do UOL, assim como a notícia do G1, aborda no título a informação do mês de abril como o mais mortal desde o começo da pandemia de Covid-19. Diferente de todas as outras notícias do portal analisadas até aqui, não há indicação de número de óbitos, novos casos ou média móvel no título. O texto também é menor, desenvolvido em 2484 caracteres, dando maior ênfase para comparativos de dados que mostram o ritmo acelerado de contágio pelo vírus em 2021. Não há linha de apoio. Ver Figura 29.

**Figura 29** - Notícia da UOL dia 30/04/2021

Com pico de mortes em abril, 2021 tem mais da metade dos óbitos da pandemia



30.abr.2021 - CNCO: Rio de Janeiro faz manifestação em memória aos mais de 400 mil brasileiros mortos pela covid-19  
Imagem: G1/21 de Rio/Divulgação

Ana Canelchuk  
Colaboração para o UOL  
@canelchuk

Com mais de 80 mil mortos nos últimos 30 dias, o mês de abril termina em situação ainda mais grave que março em relação à covid-19 — até então, o mês com mais mortes de toda a pandemia.

Foram, ao todo, 82.401 mortos em abril — cerca de 15 mil a mais do que no mês anterior. Só nos quatro primeiros meses de 2021, as mortes por covid-19 representam mais da metade de todos os óbitos em decorrência da doença desde o início da pandemia no Brasil, em março de 2020.

POPULICIDADE  
bodog  
VEM GRITAR BINGO COM A GENTE  
DIVERSO

Fonte: UOL (2021).

O portal destaca o boletim diário da Covid-19 somente no sexto parágrafo. O lead é voltado para as mortes registradas nos últimos 30 dias, fator que tornou abril o mês com mais mortes desde o primeiro caso notificado no Brasil.

Nesta publicação, o UOL utilizou três gráficos para registrar o número de mortes pelo vírus por mês no país, a variação da média móvel em 14 dias no mês de abril e a distribuição de óbitos pelo por ano. Além das artes gráficas, uma foto ilustra a matéria.

Apenas o consórcio de imprensa é citado como fonte desta matéria. Não há aspas. Em relação aos hiperlinks, o portal utiliza dois conectores em todo o texto.

#### 4.2.15.1 Título e linha de apoio

Em “Com pico de mortes em abril, 2021 tem mais da metade dos óbitos da pandemia’, o UOL evidencia, mais uma vez, a rápida transmissão da Covid-19 no Brasil e o aumento da mortalidade pela doença. Ao contrário dos demais títulos do portal analisados, a notícia não contém número de mortes, médica móvel ou novos diagnósticos. Aqui, o UOL chama atenção, pela primeira vez em relação às notícias anteriores, para a aceleração de mortes causada pelo vírus, ressaltando os episódios registrados em abril de 2021. O portal não utiliza linha de apoio.

#### 4.2.15.2 Fontes

A única fonte citada no texto é o consórcio de imprensa. Apesar de traçar análises comparativas, o UOL não traz a perspectiva de infectologistas, médicos, profissionais da saúde ou qualquer especialista. Apenas o portal ocupa a função de consolidar dados e apresentar a atual situação do vírus no país. Ver Quadro 15.

**Quadro 15 - Fontes citadas, ouvidas ou descritas**

Fontes citadas	Fontes ouvidas ou descritas
Uma fonte - Consórcio de imprensa.	-

Fonte: a autora (2021).

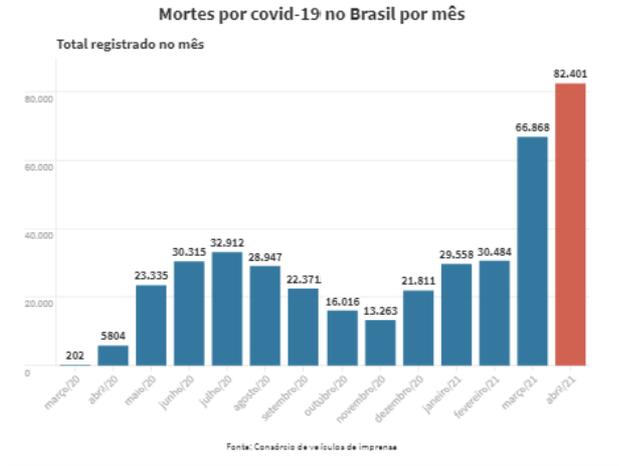
#### 4.2.15.3 Recursos multimídia

O primeiro recurso multimídia presente na publicação é uma foto, disposta logo abaixo do texto. A imagem é de uma manifestação pacífica realizada pela ONG Rio da Paz em respeito às vítimas da doença. Na foto, é possível ver uma pessoa vestindo macacão branco, luvas e máscara de proteção facial, que cava buracos na praia com uma pá. Em segundo plano, há filas de lonas em alusão às covas na beira da praia. A imagem está creditada como ONG Rio de Paz/Divulgação e possui a seguinte legenda “ONG Rio de Paz faz manifestação em memória aos mais de 400 mil brasileiros mortos pela covid-19”.

O número de gráficos da matéria é reduzido, quando comparado aos utilizados nas outras reportagens analisadas. Há três gráficos disponíveis: 1) Mortes por covid-

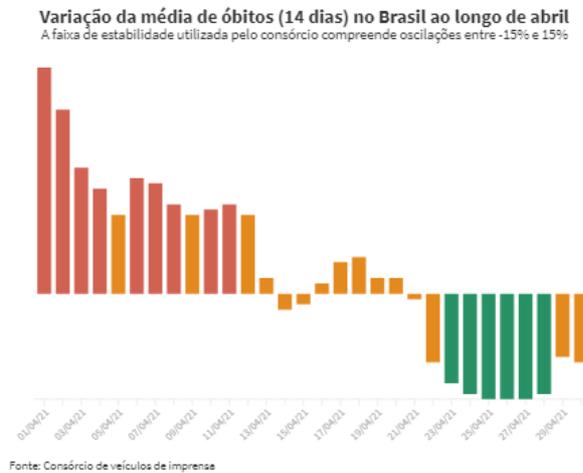
19 no Brasil por mês; 2) Variação da média de óbitos (14 dias) no Brasil ao longo de abril e 3) Distribuição das mortes por covid-19 no Brasil por ano. Ver Figuras 30, 31 e 32.

**Figura 30 - Mortes por Covid-19 no Brasil por mês**



Fonte: UOL (2021).

**Figura 31 - Variação da média móvel de óbitos (14 dias) no Brasil ao longo de abril**



Fonte: UOL (2021).

**Figura 32 - Distribuição das mortes por Covid-19 no Brasil por ano**



Fonte: UOL (2021).

O primeiro gráfico é estático. Já o segundo tem recursos que garantem que o usuário passe o cursor por cima das barras e acompanhe o estágio de variação (aceleração, estabilidade ou queda), enquanto o terceiro não é estático, mas também não configura novas funções, limitando-se a reproduzir a legenda já presente no gráfico ao passar o cursor por cima das barras.

#### 4.2.15.4 Hiperlinks

O UOL utiliza dois hiperlinks na matéria. O primeiro é introduzido pela informação de que abril de 2021 ultrapassou março de 2021 em relação ao número de mortes por Covid-19. Assim, ao clicar no hiperlink, o usuário é direcionado para a matéria “Março registra o dobro de mortes por covid-19 do que o pior mês de 2020”, publicada em 31 de março deste ano. O texto é factual, similar aos demais analisados e traz como fonte principal o consórcio de imprensa.

O segundo hiperlink está inserido em um trecho do texto que fala sobre o país ter ultrapassado a marca de 400 mil mortes pelo vírus. Ao clicá-lo, o usuário acessa uma reportagem especial do UOL em respeito e homenagem às vítimas.

### 4.3 INFERÊNCIAS A PARTIR DA ANÁLISE DOS PORTAIS G1, R7 e UOL

Em panorama geral, a análise das quinze notícias selecionadas, cinco de cada portal monitorado no período de junho de 2020 a abril de 2021, permite inferir que a parceria colaborativa entre os veículos presentes no consórcio de imprensa, criado em 08 de junho de 2020, garantiu que os mesmos tivessem maior escopo para complexificar a cobertura da Covid-19 no Brasil. É possível deduzir que a relação do jornalismo brasileiro com as fontes oficiais mostra-se em tendência de ruptura a partir da quebra de hierarquia das informações. Em um país pré-pandemia, provavelmente a falta de fornecimento de dados oficiais pelo governo federal fosse refutada de forma isolada, de veículo a veículo.

Cabe, então, contextualizar que o cenário pandêmico forçou a reorganização estrutural das redações, como já discutido no trabalho, para manter o funcionamento das mesmas e, principalmente, adaptar a produção às ocorrências adversas, como o contato restrito com as fontes. Tal movimento é refletido tanto no esforço do jornalismo de incorporar, por vezes de forma abrupta e rápida, a linguagem científica, exercida na medicina e na matemática, como nas médias móveis, ao jornalismo de saúde, que acabou tornando-se mais evidente como jornalismo de prestação de serviço. A iniciativa também reflete na coleta e apuração de informações da Covid-19, antes dependente da limitação e atraso de dados pelo Ministério da Saúde.

Sobre as fontes utilizadas, os três portais evidenciam que há limitações em relação ao noticiário de dados dos boletins diários. A partir da marca de 100 mil mortos, o G1 passa a embasar as notícias apenas na apuração do consórcio de imprensa. O portal também opta por não citar dados oficiais do Ministério da Saúde, numa notória reação ao limite imposto para o acesso aos dados da Covid-19, iniciado em junho de 2020. O R7, que não faz parte do consórcio e não produz reportagens analíticas ou críticas à postura do governo federal, utiliza desde o princípio o Ministério da Saúde como fonte oficial de todas as matérias sobre atualização de dados da Covid-19 no país. Já o UOL reproduz boletins diários do consórcio e do Ministério da Saúde em quase todas as análises, exceto a notícia do dia 30 de abril de 2021, que não contém qualquer referência ao Ministério da Saúde.

A partir das fontes consideradas principais, é válido ressaltar que os portais não aprofundam cotidianamente a discussão sobre o real valor dos boletins na disseminação do vírus no Brasil. Assim, os textos escolhidos para a análise, que tratam da atualização do boletim diário, conferem uma construção pouco didática de perspectivas e consequências do crescimento de novos contágios, mortes, lotação de leitos de unidade de tratamento intensivo (UTI) e ritmo de vacinação contra o vírus. As publicações chegam a traçar comparativos com números de meses anteriores e o atual avanço da pandemia, em especial durante a segunda onda do vírus, em março de 2021. Porém, nenhuma das matérias analisadas conta com a fala de especialistas, representantes de órgãos de saúde, autoridades ou afins. Há uma tendência à reprodução de informações diárias da Covid-19 sem análise para o campo da saúde. Ou seja, portais como G1 e UOL até desvinculam-se da dependência de fontes oficiais e cumprem o princípio de checagem de informações de interesse público - e que deveriam ser fornecidas pelo governo federal -, mas acabam por delimitar as

informações a números, fator que ainda pode representar o desentendimento do grande público. Além disso, a mera reprodução de dados pode contribuir para uma percepção pouco humana dos dados emitidos.

A determinação das fontes interfere, ainda, na escolha de títulos e linhas de apoio. Nas notícias publicadas em 21 de junho e 09 de agosto de 2020, G1 e UOL destacam a função exercida pelo consórcio no balanço diário, conferindo, logo no título, maior credibilidade para a iniciativa e reforçando a criação de uma reputação do consórcio enquanto fonte de contraponto ao Ministério da Saúde. Nas notícias publicadas pelo R7, o Ministério da Saúde aparece de forma explícita somente na linha de apoio das publicações dos dias 21 de junho de 2020 e 30 de abril de 2021. Há referência aos chamados dados oficiais em 09 de agosto de 2020.

Quanto aos dados usados no título, o G1 evidencia o número de mortes diárias e acumuladas, novos casos diários e média móvel de mortes. Há arredondamento do número de vítimas em 25 de março de 2021, de novas infecções em 08 de janeiro de 2021 e 25 de março de 2021. A média móvel é arredondada em 30 de abril de 2021. O R7 destaca o número de mortes diárias e acumuladas e novos casos. Há arredondamento do número de vítimas acumuladas na notícia do dia 21 de junho de 2020 e de casos em 08 de janeiro de 2021 e 25 de março de 2021. Já o UOL abre os títulos com o número de mortes diárias e acumuladas, assim como novos casos. Há arredondamento do número de vítimas acumuladas na publicação do dia 09 de agosto de 2020. Em 30 de abril de 2021, o portal não cita o número de vítimas.

Em relação aos elementos que caracterizam o jornalismo on-line, mais especificamente os recursos, os portais G1 e R7 são os que exploram com mais propriedade ferramentas multimídias disponíveis. O G1 utiliza infográficos desde 09 de agosto de 2020 para segmentar o número de óbitos em crescimento, queda e estabilidade por estados. O portal também usa os elementos para dimensionar os efeitos do vírus em caráter nacional. Gráficos similares são desenvolvidos pelo UOL a partir da notícia do dia 08 de janeiro de 2021. A ferramenta interativa criada pelo R7 aparece somente na notícia de 30 de abril de 2021, chamada de vacinômetro contra Covid-19. Nela, é possível acompanhar o avanço da imunização no Brasil e por estados.

O uso de fotos e vídeos é um ponto colocado em segundo plano pelos portais de notícias. Os sites analisados não valorizam a criação de materiais exclusivos para ilustrar matérias deste porte, baseadas em boletins diários. Todas as fotos analisadas

são de agências de notícias. Os vídeos anexados por G1 e R7 são trechos retirados da programação da Rede Globo, da Globo News e da Rede Record, respectivamente, e consistem em boletins com os mesmos dados apresentados no texto. Não há, efetivamente, adaptação, personalização, complementação, aprofundamento ou qualquer criação audiovisual que compreenda tais atividades.

O UOL, por sua vez, resgata vídeos produzidos em momentos em que a doença atingiu marcas com números cheios, como 50 mil e 100 mil óbitos por Covid-19. O intuito das produções é sempre enfatizar a humanização por trás da cobertura do vírus, o que é feito através da reconstrução da memória de vítimas da pandemia. O objetivo também é alcançado por meio dos recursos gráficos escolhidos, como no vídeo em que as vítimas são representadas por pontos pretos na tela.

Os hiperlinks utilizados cumprem, de forma geral, a característica de hipertextualidade do jornalismo on-line. Os portais empregam links para contextualizar fatos que antecedem as notícias passadas nos boletins diários, o que compõe a criação de memória. Há indicações de reportagens especiais, como as feitas pelo G1 e o UOL em decorrência das chamadas marcas cheias, já citadas. Contudo, é visível a falta de conteúdos especializados em saúde e relacionados aos boletins diários. Faltam hiperlinks que direcionam o leitor para entrevistas com especialistas, infectologistas e autoridades que promovam uma análise mais minuciosa da circulação do vírus no país, assim como reportagens que contenham projeções ou reforcem os cuidados coletivos e individuais. Materiais com este perfil são produzidos, mas não estão linkados com as matérias selecionadas para a análise.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de Covid-19 reacendeu questionamentos acerca de diferentes esferas que compõem a vida em sociedade. Temas como acesso à saúde, políticas públicas, saúde mental e democracia tem sido cada vez mais recorrentes em discussões que envolvem o bem coletivo. O impacto do vírus no Brasil, em especial, é agravado pelas decisões tardias do Poder Executivo, como atraso na compra de vacinas, testagem em massa e produção de campanhas de prevenção contra a doença. A partir da falta de transparência da União em relação a informações que envolvem a Covid-19, o jornalismo brasileiro assume um dos principais desafios à frente da cobertura: o de questionar e confrontar dados incompletos e que, por vezes, deixaram de ser publicados pelo que se pressupõe ser a fonte principal das ações ligadas à saúde dos brasileiros, o Ministério da Saúde.

O presente trabalho partiu da proposta de entender como portais considerados de consumo popular, como o G1, o R7 e o UOL, lidaram com o noticiário de boletins diários, como número de óbitos por Covid-19 em 24 horas, total de mortes e novos casos diagnosticados. Para realizar a análise, foram escolhidas quinze notícias, cinco de cada portal, que correspondem aos fatos posteriores ao dia em que o Brasil ultrapassou as marcas de 50 mil, 100 mil, 200 mil, 300 mil e 400 mil mortos pelo vírus. Todas as matérias são factuais e exploram os números atualizados na data em questão. Um dos pontos de partida da pesquisa foi dimensionar as consequências da criação do consórcio de veículos de imprensa, formado por G1, O Globo, Extra, O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo e UOL, no acesso e compartilhamento de dados e na relação com as fontes. Outro objetivo da pesquisa foi constatar se houve evolução ou transformação por parte dos portais na maneira como as notícias foram publicadas, questionando, também, se há uma aproximação do modelo de jornalismo factual com o jornalismo de saúde.

As análises foram conduzidas segundo o método de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), que permitiu estudar as notícias selecionadas a partir de suas unidades de registro e componentes. Os elementos presentes nas publicações foram categorizados em Título e linha de apoio, Fontes, Recursos multimídia e Hiperlinks. As segmentações definidas estão alinhadas com características presentes no jornalismo on-line, descritas na obra de Canavilhas (2014). O estudo também avalia como os portais associam elementos do jornalismo de saúde apresentados por

Kucinski (2020) nas matérias cotidianas, a fim de informar os usuários e promover maior conscientização acerca do vírus. Ao examinar o conteúdo das notícias, é necessário considerar o contexto em que são produzidas. Para tal, a pesquisa leva em conta as rotinas do jornalismo on-line, discutida por Moretzsohn (2002), e relação de fontes e agências de notícias na produção diária, tópico desenvolvido por Traquina (2001). Assim, foi possível inferir quais foram os desdobramentos da criação do consórcio de imprensa no processo de apuração e checagem.

A análise mostrou que os portais G1 e UOL, que integram o consórcio de imprensa, conseguiram desenvolver matérias mais completas do que as feitas pelo R7. A afirmação parte da forma como G1 e UOL divulgam os dados diários da Covid-19. São incorporados pelo menos seis recursos identificados no webjornalismo na produção: hipertextualidade, multimídia, memória, instantaneidade, personalização e ubiquidade. Além disso, a partir da marca de 200 mil óbitos as notícias começam a ser contextualizadas através de comparativos com informações de meses anteriores, que ajudam o leitor a visualizar a evolução dos casos em estados que estão com alta, queda ou estabilidade de óbitos, assim como infográficos e links internos para reportagens especiais.

Ao contrário dos portais citados, o R7 mantém uma produção similar aos boletins que são apresentados no “Jornal da Record”, da Rede Record. O conteúdo transmitido na televisão, inclusive, é aproveitado para o site, mesmo que sem acrescentar novas informações. Os textos do portal pouco refletem as características do jornalismo on-line. As matérias raramente estimulam os usuários a fazer ações na página, como clicar em um hiperlink, interagir com um gráfico dinâmico ou personalizar o consumo de dados diários por estado, função possível nas publicações do G1, por exemplo. O R7 incorpora recursos gráficos avançados e que podem ser explorados no digital apenas na notícia do dia 30 de abril de 2021, quando anexou um infográfico dinâmico da vacinação contra Covid-19 no Brasil.

A escolha das fontes assume uma nova dimensão com a chegada da Covid-19. Se em um período pré-consórcio de imprensa, entre fevereiro e junho de 2020, os três portais estudados tinham o Ministério da Saúde como fonte principal para acompanhamento de atualizações da pandemia, a inauguração do projeto desencadeou a construção de um status de confiabilidade para além do governo federal. Para tal, os portais G1 e UOL reforçaram a função de contrapor a falta de informações pelo Ministério da Saúde, destacando, logo no título, a busca por outros

caminhos de apuração. O trabalho ganhou espaço como uma opção de fonte de informação pública, evidenciando que os veículos integrantes do consórcio puderam fortalecer ainda mais a relação de confiança com o público, renovando, assim, o papel do jornalismo enquanto prestação de serviço.

Nota-se que o G1 e o UOL teceram contestações ao longo das publicações analisadas, resgatando números dos meses iniciais da pandemia para confrontá-los com informações atuais, iniciativa presente nos textos do UOL. Para os portais em questão, há visível evolução na forma de apresentar os dados e uma tentativa de aproximação da linguagem científica. O G1 chegou a fixar e padronizar em hiperlinks a explicação de como as equipes calculam tendências do vírus no Brasil, como a média móvel de óbitos e novos casos diagnosticados.

Ainda que os portais conduzam o balanço diário da Covid-19 a partir de ferramentas diversas, as matérias carecem de estratégias textuais que simplifiquem o que os números têm a dizer. Para exemplificar, basta comparar a tragédia da Covid-19 com notícias produzidas após acidentes aéreos ou terrestres. Quando um incidente desta dimensão acontece, parece haver maior sensibilidade no noticiário dos números e no comparativo de informações. Os veículos chegam a propor paralelos entre a proporção de vítimas com locais populares, como estádios e pontos turísticos. Na cobertura diária da Covid-19, essas estratégias não aparecem.

O uso de infográficos e vídeos enriquece as publicações, mas, por vezes, não é suficiente para esclarecer sobre o avanço da doença no Brasil e como a disseminação do vírus pode atingir proporções alarmantes. É evidente que a ausência de fontes especializadas na área da saúde prejudica a produção. Em todas as notícias selecionadas para a análise, não há contribuições de infectologistas, médicos, pesquisadores e profissionais que lidam diretamente com a Covid-19. Por ser uma doença até então inédita em caráter mundial, entende-se que o jornalismo ainda esteja aprendendo a lidar com o alto e inconstante fluxo de informações. Porém, chama atenção que quase um ano e meio depois do primeiro caso diagnosticado no país as redações continuam focadas em textos limitados a relatar dados diários, sem ampla contextualização ou colaboração com o campo da medicina.

Não há pessoas falando nas publicações. Há jornalistas transmitindo e traduzindo informações da área de saúde, muitos deles, aliás, com conhecimento limitado nesta editoria.

Acredito que o jornalismo de prestação de serviço, como tanto foi discutido e exemplificado neste trabalho, alcança uma proporção mais elevada em um país que enfrenta sérios problemas para conscientizar a população sobre a dimensão de um vírus altamente contagioso e que circula em um território de grande extensão como o Brasil, que tem 8.516.000 km<sup>2</sup>. Para sanar uma fissura que deveria ser preenchida pelas autoridades responsáveis, o jornalismo passa a enxergar a colaboração, um fenômeno em ascensão na era digital, como uma saída para manter a relevância e o impacto social. É o que acontece com o surgimento do consórcio de imprensa, que consegue questionar os dados ocultos pelo Ministério da Saúde e cumprir critérios básicos de apuração, assim como aproximar a audiência e consolidar a confiança na imprensa.

Mesmo com o possível legado traçado pelo consórcio, friso que o jornalismo segue preso aos processos de newsmaking, ao modo de produção acelerado do jornalismo pós-industrial e aos dados brutos como objeto central das notícias. Em um cenário sem precedentes na história contemporânea, é preciso intensificar a humanização das fontes e da narrativa na produção cotidiana, não apenas em reportagens especiais. É conhecido que as redações têm atuado com recursos restritos e equipes cada vez mais enxutas, às vezes impossibilitadas de ir para pautas externas e ter contato direto com as fontes. No entanto, a interatividade, tão debatida no jornalismo on-line, é alcançada a partir da troca entre jornalistas e leitores, de uma construção mútua que reforça o conceito de acesso à informação.

Dentre os marcos que a Covid-19 deixará para o jornalismo, em específico, destaco que será preciso testar e intensificar as práticas de incorporação de relatos, ouvir e ceder espaço para a audiência e manter a colaboração a longo prazo entre veículos, fatores que podem ajudar a humanizar histórias, já que estas são feitas de pessoas para pessoas.

O presente trabalho aborda um recorte específico do jornalismo e do processo de cobertura da Covid-19 no Brasil. A partir da análise, novos desdobramentos do jornalismo de saúde e da produção jornalística voltada para as mídias sociais são elencados, oportunizando discussões e reflexões sobre como o jornalismo produzido em pandemias e epidemias pode ser adaptado ao consumo e ao fácil entendimento da população, seja por meio de mudanças na maneira de construir a narrativa ou pela incorporação de recursos tecnológicos.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, R.; ARAÚJO, I.S. A mídia em meio às 'emergências' do vírus Zika: questões para o campo da comunicação e saúde. **RECIIS – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**, v. 10. n. 1, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/16952/2/5.pdf>. Acesso em: 24 maio 2021.

ALLCOTT, H. ; GENTZKOW, M. Social Media and Fake News in the 2016 Election. **Journal of Economic Perspectives**, v. 31, n. 2, 2017, pp. 211-36. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.31.2.211>. Acesso em 24 maio 2021.

ALMEIDA, C. Zika vírus: gravidez, idade e doenças crônicas podem complicar infecção. **UOL**, [S.L], 19 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/05/19/gravidez-idade-e-doencas-cronicas-podem-complicar-infeccao-por-zika-virus.htm>. Acesso em: 18 jun. 2021.

AMARAL, L. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra - DC Luzzatto, 1996.

ANDRADE, F. Teich deixa o Ministério da Saúde antes de completar um mês no cargo e após divergir de Bolsonaro. **G1**, Brasília, 15 de maio de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/15/teich-deixa-o-ministerio-da-saude-antes-de-completar-um-mes-no-cargo.ghtml>. Acesso em: 17 abr. 2021.

BALDESSAR, M. J. **Mundo digital: Jornal do Brasil na Internet no tempo do PC 386**. [S.L], Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Mundo%20digital.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUDRILLARD, J. **Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

BBC. **OMS declara pandemia de gripe suína**. [S.L], 11 de junho de 2009. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/06/090611\\_omspandemia\\_ac](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/06/090611_omspandemia_ac). Acesso em: 18 jun. 2021.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Governo Federal. Ministério da Saúde. **O que é o coronavírus?** 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/perguntas-e-respostas/covid-19/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 20 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 356, de 11 de março de 2020**. Brasília, 1999. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2020/prt0356\\_12\\_03\\_2020.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2020/prt0356_12_03_2020.html). Acesso em 19 jun. 2021.

BRITO, D. Epidemia do vírus Zika no Brasil completa um ano com desafio na área da pesquisa. **Agência Brasil**, Recife, 08 de novembro de 2016. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-11/epidemia-do-virus-zika-no-brasil-completa-um-ano-com-desafio-na-area-de>. Acesso em: 18 jun. 2021.

BUENO, W. C. Jornalismo e saúde: reflexões sobre a postura ética dos meios de comunicação no Brasil. **Seminário Ética e Saúde**, APM, Ribeirão Preto, ago. de 1993. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229067978.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

CANCIN, N. Sem colete do SUS, Teich reduz divulgação de dados negativos. **Folha de S. Paulo**, Brasília, 02 de maio de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/sem-colete-do-sus-teich-reduz-divulgacao-de-dados-negativos.shtml>. Acesso em: 17 abr. 2021.

CANAVILHAS, J. (Org.) **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros Labcom, 2014.

CARATCHUK, A. Com pico de mortes em abril, 2021 tem mais da metade dos óbitos da pandemia. *In: UOL* [S.L], 30 de abril de 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/04/30/mortes-de-janeiro-a-abril-de-2021-sao-mais-da-metade-dos-obitos-da-pandemia.htm>. Acesso em: 17 jun. 2021.

CARVALHO, C. A. Narrativa Jornalística e Memória: A cobertura Noticiosa dos 30 Anos de Aparição Pública da Aids. **XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife**, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1134-1.pdf>. Acesso em: 24 maio 2021.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COLETIVA.NET. **Para se adequar à crise, Grupo RBS adota medidas econômicas e demite funcionários**. Porto Alegre, 24 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.coletiva.net/comunicacao/para-se-adequar-a-crise-grupo-rbs-adota-medidas-economicas-e-demite-funcionarios,356064.jhtml>. Acesso em: 15 abr.2021.

CONASEMS. **Nelson Teich é nomeado novo Ministro da Saúde**. Brasília, 16 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.conasems.org.br/nelson-teich-e-nomeado-para-ministro-da-saude/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

CONTAIFER, J. Ministério da Saúde atrasa novamente a divulgação dos números da Covid-19. **Metrópolis**. [S.L], 04 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/saude/ministerio-da-saude-atrasa-novamente-a-divulgacao-dos-numeros-da-covid-19>. Acesso em: 17 abr. 2021.

CHRISTOFOLETTI, R. O que os jornalistas aprenderam com o primeiro ano da pandemia. **Observatório da Imprensa**. [S.L]. Edição 1123, 02 de fevereiro de 2021. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/coronavirus-covid-19/o->

que-os-jornalistas-aprenderam-com-o-primeiro-ano-da-pandemia/. Acesso em: 15 abr. 2021.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News**. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DE LARA, M.A; HOMERO, V. Como a imprensa tenta conter propagação do coronavírus entre os jornalistas. **Poder 360**, [S.L], 21 de março de 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/como-a-imprensa-tenta-conter-propagacao-do-coronavirus-entre-os-jornalistas/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

DE MELO E COSTA, S. L. M. **Comunicação, campanhas e bioidentidade: discursos sobre o HIV entre governos, OCS e soropositivos**. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/bitstream/ufjf/548/1/stephanielyaniedemeloecosta.pdf>. Acesso em: 24 de maio 2021.

DO LAGO, C; TOLEDO, L. F. Mesmo com subnotificação crônica, Brasil tem 2ª maior velocidade de infecção. **CNN Brasil**, [S.L], 30 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/04/30/mesmo-com-subnotificacao-cronica-brasil-tem-2-maior-velocidade-de-infeccao>. Acesso em: 17 abr, 2021.

ÉPOCA. **Relatório da OMS aponta para origem animal do novo coronavírus: documento diz que fuga de laboratório é extremamente improvável. Brasil, 2021, 29 de março de 2021**. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2021/03/relatorio-da-oms-aponta-para-origem-animal-do-novo-coronavirus.html>. Acesso em: 20 mar. 2021.

EXAME. **OMS não recomenda uso de ivermectina para pacientes com Covid-19**. [S.L], 31 de março de 2021. Disponível em: <https://exame.com/ciencia/oms-nao-recomenda-o-uso-de-ivermectina-por-pacientes-com-covid-19/>. Acesso em: 18 jun. 2021.

FAUSTO NETO, A. **Mortes em derrapagem: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

FERREIRA, R, R. Rede de mentiras: a propagação de fake news na pré-campanha presidencial brasileira. **Observatorio (OBS\*)**, v. 12, n. 5, 2018. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1272>. Acesso em 24 maio 2021.

FLECK, G.; MARTINS, L. Influenciadores digitais receberam R\$ 23 mil do governo Bolsonaro para propagandear “atendimento precoce” contra Covid-19. **Agência Pública**, [S.L], 31 de março de 2021. Disponível em: <https://apublica.org/2021/03/influenciadores-digitais-receberam-r-23-mil-do-governo-bolsonaro-para-propagandear-atendimento-precoce-contr-covid-19/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

FIDALGO, A; SERRA, P. **Informação e comunicação online: jornalismo online**. Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2003. Disponível em:

<https://pt.slideshare.net/luaraschamo/jornalismo-online-antnio-fidalgo>. Acesso em 24 maio 2021.

FIGARO, R. *et al.* **Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?**. 2020. Relatório dos resultados da Pesquisa (Centro de Pesquisa, Comunicação e Trabalho) - Escola de Comunicação e Artes Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Versão eletrônica com texto completo. Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/wp-content/uploads/Relat%C3%B3rio\\_Executivo\\_Covid19-CPCT2020-2.pdf](http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/wp-content/uploads/Relat%C3%B3rio_Executivo_Covid19-CPCT2020-2.pdf). Acesso em: 15 abr. 2021.

FIOCRUZ. **O vírus da Aids, 20 anos depois**. [S.L], 2007. Disponível em: <http://www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html>. Acesso em 18. jun. 2021.

GARCIA, A. M. **Fake News: La verdade de las noticias falsas**. Barcelona: Plataforma Editorial, 2018.

GARCIA, G. 'Acabou matéria do Jornal Nacional', diz Bolsonaro sobre atrasos na divulgação de mortos por coronavírus. **G1**, Brasília, 05 de junho de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/05/dados-do-coronavirus-bolsonaro-defende-excluir-de-balanco-numero-de-mortos-de-dias-anteriores.ghtml>. Acesso em: 17 abr. 2021.

GAZETA. **Teich ignora subnotificação ao dizer que Brasil tem 'melhor' desempenho**. [S.L], 24 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/brasil/teich-ignora-subnotificacao-ao-dizer-que-brasil-tem-melhor-desempenho-0420>. Acesso em: 17 de abr. 2021.

GLOBO. **Globo altera programação e aumenta cobertura jornalística da Covid-19**. [S.L], 16 de março de 2020. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/mudancas-na-globo-em-funcao-do-covid-19.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2021.

GONZALEZ, M. A. **Convivencia de la prensa escrita y la prensa on line en su transición hacia el modelo de comunicación multimedia**. [S.L], 2000. Disponível em: [http://www.ucm.es/info/periol/Period\\_I/EMP/Numer\\_07/7-4-Comu/7-4-01.htm](http://www.ucm.es/info/periol/Period_I/EMP/Numer_07/7-4-Comu/7-4-01.htm). Acesso em 15 maio 2021.

GZH. **Ministério da Saúde atrasa dados oficiais sobre coronavírus pelo segundo dia**. [S.L], 04 de junho de 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2020/06/ministerio-da-saude-atrasa-dados-oficiais-sobre-coronavirus-pelo-segundo-dia-ckb1hb990002801bh2c89dgg.html>. Acesso em 17 abr. 2021.

GZH. **Após Bolsonaro dizer "acabou matéria no JN", Globo divulga dados sobre coronavírus no meio da novela das nove**. [S.L], 05 de junho de 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2020/06/apos-bolsonaro-dizer-acabou-materia-no-jn-globo-divulga-dados-sobre-coronavirus-no-meio-da-novela-das-nove-ckb2z1eo3008n015nwmsqvtlg.html>. Acesso em: 17 abr. 2021.

**G1. Brasil cai quatro posições em ranking de liberdade de imprensa e fica em zona vermelha.** [S.L], 20 de abril de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/04/20/brasil-cai-quatro-posicoes-em-ranking-de-liberdade-de-imprensa-e-fica-em-zona-vermelha.ghtml>. Acesso em: 18 jun. 2021.

**G1. Brasil completa 100 dias com média móvel de mortes por Covid acima de 1 mil; período teve quase metade dos óbitos da pandemia.** [S.L], 30 de abril de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/30/brasil-completa-100-dias-com-media-movel-de-mortes-por-covid-acima-de-1-mil-periodo-teve-quase-metade-dos-obitos-da-pandemia.ghtml>. Acesso em 17 jun. 2021.

**G1. Brasil registra recorde com quase 100 mil novos casos de Covid em um dia; mortos chegam a 303,7 mil.** [S.L], 25 de março de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/25/brasil-registra-recorde-com-quase-100-mil-novos-caos-de-covid-em-um-dia-mortos-chegam-a-3037-mil.ghtml>. Acesso em: 17 jun. 2021.

**G1. Brasil registra 101.136 mortes, 593 delas em 24 horas; média móvel é de 1.001 óbitos.** [S.L], 09 de agosto de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/08/09/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-9-de-agosto-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 17 jun. 2021.

**G1. Brasil registra 1.379 mortes em 24 horas e bate recorde com quase 85 mil novos casos de Covid.** [S.L], 08 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/08/casos-de-mortes-por-coronavirus-em-8-de-janeiro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 17 jun. 2021.

**G1. Brasil tem 50.659 mortes por coronavírus, mostra consórcio de veículos de imprensa; são 601 em 24 horas.** [S.L], 21 de junho de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/21/brasil-tem-50659-mortes-por-coronavirus-mostra-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-sao-601-em-24-horas.ghtml>. Acesso em: 17 jun. 2021.

**G1. G1 completa 10 anos.** São Paulo, 18 de setembro de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2016/09/g1-completa-10-anos.html>. Acesso em 18 jun. 2021.

**G1. H1N1: vírus já matou 1.775 pessoas este ano no Brasil, segundo ministério.** São Paulo, 25 de agosto de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2016/08/h1n1-virus-ja-matou-1775-pessoas-este-ano-no-brasil-segundo-ministerio.html>. Acesso em: 18 jun. 2021.

**G1. Ministério da Saúde confirma primeiro caso de coronavírus no Brasil.** [S.L], 26 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e->

[saude/noticia/2020/02/26/ministerio-da-saude-fala-sobre-caso-possivel-paciente-com-coronavirus.ghtml](#). Acesso em: 20 mar. 2021.

G1. **OMS declara o fim da gripe suína.** Genebra, 10 de agosto de 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/08/oms-declara-o-fim-da-gripe-suina.html>. Acesso em: 18 jun. 2021.

G1. **Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19.** [S.L], 08 de junho de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 17 abr. 2021.

G1. **Primeira morte por coronavírus no Brasil aconteceu em 12 de março, diz Ministério da Saúde.** [S.L], 27 de junho de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/27/primeira-morte-por-coronavirus-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco-diz-ministerio-da-saude.ghtml>. Acesso em: 20 mar. 2021.

HENRIQUES, C.M. P. A dupla epidemia: febre amarela e desinformação. **Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**, v. 12, n. 1, p. 9-13, jan./mar. 2018.

IG. **2020: confira as sete fake news mais perigosas sobre a pandemia de Covid-19.** [S.L], 23 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://saude.ig.com.br/coronavirus/2020-12-23/2020-confira-as-7-fake-news-mais-perigosas-sobre-a-pandemia-de-covid-19.html>. Acesso em: 15 abr. 2021.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência.** [S.L]: Le Livros, 2006. Disponível em: [https://www.nucleodapesquisadosex-votos.org/uploads/4/4/8/9/4489229/cultura\\_da\\_convergencia\\_-\\_henry\\_jenkins.pdf](https://www.nucleodapesquisadosex-votos.org/uploads/4/4/8/9/4489229/cultura_da_convergencia_-_henry_jenkins.pdf). Acesso em: 24 de maio 2021.

KUCINSKI, B. Jornalismo, saúde e cidadania, **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, fev./2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832000000100025>. Acesso em: 18 jun. 2021.

LANCE!. **Coronavírus:** LANCE! interrompe a circulação de sua edição impressa. São Paulo, 21 de março de 2020. Disponível em: <https://m.lance.com.br/futebol-nacional/coronavirus-lance-interrompe-circulacao-sua-edicao-impressa.html>. Acesso em: 15 abr. 2021.

LEMONS, C. Eduardo Pazuello assume Saúde interinamente após saída de Teich. **R7**, [S.L], 15 de maio de 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/eduardo-pazuello-assume-saude-interinamente-apos-saida-de-teich-15052020>. Acesso em: 17 abr. 2021.

LUMINATE. **Consumo e pagamento por notícias digitais:** oportunidades e desafios do modelo de assinantes na América Latina. [S.L], 2020. Disponível em: <https://luminategroup.com/storage/981/Reporte-Consumo-e-Pago-de->

Noti%CC%81cias-Digitais-Brasil-%28PT%29---Luminate-2020.pdf. Acesso em: 18 jun. 2021.

LUPA. **Apesar de anúncio em jornais, não há tratamento precoce para Covid-19**. Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/02/23/editorial-anuncio-tratamento-precoce-covid-19/>. Acesso em: 18 jun. 2021.

MACHADO SILVA, J. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MARSHALL, L. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus editorial, 2003.

MARTÍNEZ DE LA SERNA, C. **Collaboration and the creation of a new journalism commons**. New York: Tow Center for Digital Journalism, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.7916/D87D4B74>. Acesso em: 05 mai. 2021.

MAZUI, G. Bolsonaro volta a falar em “histeria” diz que ações de governadores sobre isolamento prejudicam a economia. **G1**, Brasília, 17 de março de 2020a. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/17/bolsonaro-volta-a-falar-em-histeria-e-diz-que-aco-es-de-governadores-sobre-isolamento-prejudicam-a-economia.ghtml>. Acesso em: 17 abr. 2021.

MAZUI, G. Mandetta anuncia em rede social que foi demitido por Bolsonaro do Ministério da Saúde. **G1**, Brasília, 16 de abril de 2020b. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/16/mandetta-anuncia-em-rede-social-que-foi-demitido-do-ministerio-da-saude.ghtml>. Acesso em: 17 abr. 2021.

MEDITSCH, E. Jornalismo como forma de conhecimento. **Revista Brasileira de Ciências e Comunicação**, São Paulo, v. 11, n° 1, p. 25-35, jan./jun. 1998. Edição eletrônica. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/956/859#>. Acesso em: 20 maio 2021.

MEIRELES, O. Comscore: Metrôpoles é o 5º portal de notícias mais acessado do Brasil. **Metrôpoles**, [S.L], 24 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/imprensa/comscore-metropoles-e-o-5o-portal-de-noticias-mais-acessado-do-brasil>. Acesso em: 18 jun. 2021.

MELO, J. M. Trajetória Acadêmica do Jornalismo Científico no Brasil: Iniciativas Paradigmáticas do Século XX. **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**, pp. 124-125, 2003. Disponível em <http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/anuariolusofono/article/viewFile/1141/889>. Acesso em: 20 maio 2021.

MIRANDA, A. S. O saber médico e o jornalismo especializado em saúde: como uma epidemia se torna notícia. **Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**, v. 11, n. 2, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/download/1291/2117>. Acesso em: 24 maio 2021.

MONNERAT, A. **A aposta no fact checking**: jornalistas criam mais iniciativas para verificar o discurso público e revelar notícias falsas. Knight Center for Journalism in the Americas, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/dwhdSz>. Acesso em: 20 maio 2021.

MOTTA, A; SANDES, A. Esvaziamento de dados da covid se acentua com retirada de números do site. **UOL**, São Paulo, 05 de junho de 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/05/site-do-ministerio-da-saude-com-casos-e-mortes-por-covid-19-sai-do-ar.htm>. Acesso em: 15 abr. 2021.

MORETZSOHN, S. **Jornalismo em “tempo real”**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

NASSIF, T. Coronavírus: Record TV altera grade de programação. **Veja**, [S.L], 17 de março de 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/coronavirus-record-tv-altera-grade-de-programacao/>. Acesso em 15 abr. 2021.

OLIVEIRA, F. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, M. Jornais publicam anúncio pago de tratamento ineficaz contra covid-19. **UOL**, [S.L], 23 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/midia/jornais-publicam-anuncio-pago-de-tratamento-ineficaz-contra-covid-19/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

OSCAR A. M. *et al.* Natural selection in the evolution of SARS-CoV-2 in bats created a generalist virus and highly capable human pathogen. **Plos Biology**, 2021. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosbiology/article?id=10.1371/journal.pbio.3001115>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PERLINE, G.; MIYASHIRO, K. SBT cancela gravações de As Aventuras de Poliana e Programa do Ratinho. **UOL**, [S.L], 17 de março de 2020. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/sbt-cancela-gravacoes-de-as-aventuras-de-poliana-e-programa-do-ratinho-34605>. Acesso em: 15 abr. 2021.

PEZZOTTI, R. Estudo aponta tendências do “novo consumo” em tempos de coronavírus. **UOL**, São Paulo, 20 de março de 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/20/estudo-aponta-tendencias-do-novo-consumo-em-tempos-de-coronavirus.htm>. Acesso em: 18 jun. 2021.

POLITIZE!. **O que faz a Organização Mundial da Saúde**. [S.L], 11 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/organizacao-mundial-da-saude/>. Acesso em: 18 jun. 2021.

PRISCO, L. Ranking da Amazon: Metrôpoles é o 3º site de notícias mais acessado do Brasil. **Metrôpoles**, [S.L], 25 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/imprensa/ranking-da-amazon-metropoles-e-o-3o-site-de-noticias-mais-acessado-do-brasil>. Acesso em: 18 jun. 2021.

QUEIROZ, G. Desinformação sobre H1N1 é usada para minimizar impacto da Covid-19. **UOL**, [S.L], 28 de julho de 2020. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/lupa/2020/07/28/desinformacao-sobre-h1n1-e-usada-para-minimizar-impacto-da-covid.htm>. Acesso em: 18 jun. 2021.

RECUERO, R; GRUZD, A. **Cascatas de Fake News Políticas**: um estudo de caso no Twitter. São Paulo, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/gal/a/Kvxg4btPzLYdxXk77rGrmJS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2021.

RENAULT, D. **Atas do II Colóquio Internacional**. Mudanças Estruturais no Jornalismo. v.1, p. 464-480, 2013.

RICCO, F. Band vai cortar salários dos apresentadores, repórteres e diretores. **UOL**, [S.L], 20 de abril de 2020. Disponível em:

<https://tvefamosos.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2020/04/20/band-vai-cortar-salarios-dos-apresentadores-reporteres-e-diretores>. Acesso em: 15 abr.2021.

RUBLESKI, A. Jornalismo científico: problemas recorrentes e novas perspectivas. **PontodeAcesso**, v. 3, n. 3, p. 407-427, 2009.

**R7. Brasil acumula 101.049 mortes por covid-19 e 3.035.422 casos.**

[S.L], 09 de agosto de 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/saude/brasil-acumula-101049-mortes-por-covid-19-e-3035422-casos-09082020>. Acesso em: 17 jun. 2021.

**R7. Brasil passa de 50 mil mortes por covid-19; casos vão a 1.085.038. [S.L], 21 de junho de 2020.** Disponível em:

<https://noticias.r7.com/saude/brasil-passa-de-50-mil-mortes-por-covid-19-casos-va-o-a-1085038-21062020>. Acesso em: 17 jun. 2021.

**R7. Brasil tem 201,4 mil mortes por covid e 8 milhões de casos. [S.L], 08 de janeiro de 2021.** Disponível em:

<https://noticias.r7.com/saude/brasil-tem-2014-mil-mortes-por-covid-e-8-milhoes-de-casos-08012021>. Acesso em: 17 jun. 2021.

**R7. Brasil registra 2.595 mortes por covid e 68.333 novos casos em 24h. [S.L], 30 de abril de 2021.** Disponível em:

<https://noticias.r7.com/saude/brasil-registra-2595-mortes-por-covid-e-68333-novos-casos-em-24h-30042021>. Acesso em: 17 jun. 2021.

**R7. Covid: Brasil registra 2.787 mortes e mais de 100 mil novos casos em 24h.** [S.L], 25 de março de 2021. Disponível em:

<https://noticias.r7.com/saude/covid-brasil-registra-2787-mortes-e-mais-de-100-mil-novos-casos-em-24h-25032021>. Acesso em: 17 jun. 2021.

SCHUELER, P. O que é uma pandemia. *In: Fiocruz*, [S.L], 14 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>. Acesso em: 18 jun. 2021.

SILVA, T. R. N. **A gripe H1N1 no Brasil: como a epidemia ganhou corpo na mídia**. Orientador: Wedencley Alves Santana. Rio de Janeiro, 2009. Projeto de pesquisa acadêmica. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict/Fiocruz). Versão eletrônica completa. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/2277/1/Tania%20Neves.pdf>. Acesso em: 24 maio 2021.

SINDJORS. **Nota de Solidariedade**: Jornalistas do Correio do Povo e da Rádio Guaíba são demitidos em meio à pandemia do Corona Vírus (COVID-19). Porto Alegre, 05 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.jornalistas-rs.org.br/detalhes-noticia/?txtIdNoticia=5049>. Acesso em: 15 abr. 2021.

SPINELLI, E. M; DE ALMEIDA SANTOS, J. Jornalismo na era da pós-verdade: fact-checking como ferramenta de combate às fake news. **Revista Observatório**, v. 4, n. 3, p. 759-782, 2018.

SPINK, M. J. P. et al. A construção da AIDS-NOTÍCIA. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol. 17, n1, p.851-862. Ago 2021. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/csp/v17n4/5291.pdf>. Acesso em: 24 maio 2021.

SPONHOLZ, Liriam. Objetividade em Jornalismo: uma perspectiva da teoria do conhecimento. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS, n. 21, pp. 110-120, ago./2003. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/objetividade-e-a-teoria-do-conhecimento/>. Acesso em: 20 maio 2021.

STRALIOTTO, A; MUNEIRO, L. A atuação da Folha Online e do G1 na cobertura jornalística da influenza A (H1N1). **XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Londrina – PR - 26 a 28 de maio de 2011**. Londrina, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-0384-1.pdf>. Acesso em: 24 maio 2021.

TRAQUINA, N. **Teorias das notícias**: o estudo do jornalismo no século XX. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2001.

TVJORNAL. **Covid-19: Com início da quarentena, versão impressa do Jornal do Comercio vai dar pausa**. Recife, 17 de março de 2020. Disponível em: <https://tvjornal.ne10.uol.com.br/tv-jornal-meio-dia/2021/03/17/covid19-com-inicio-da-quarentena-versao-impressa-do-jornal-do-commercio-vai-dar-pausa-205834>. Acesso em: 15 de abr. 2021.

UOL. **Brasil atinge 50.659 mortes por covid-19, aponta consórcio de imprensa**. São Paulo, 21 de junho de 2020. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/21/coronavirus-covid19-casos-mortes-brasil-21-junho.htm>. Acesso em: 17 jun. 2021.

UOL. **Covid: Brasil bate recorde de casos diários e registra 2.639 mortes em 24h.** São Paulo, 25 de março de 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/25/covid-19-coronavirus-mortes-casos-25-de-marco.htm>. Acesso em: 17 jun. 2021.

UOL. **Covid: Brasil registra 593 novas mortes, diz consórcio; total é de 101 mil.** São Paulo, 09 de agosto de 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/08/09/covid-19-mortes-casos-9-julho.htm>. Acesso em: 17 jun. 2021.

UOL. **Em reflexo de festas, Brasil tem maior nº de mortes desde agosto: 1.379.** São Paulo, 08 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/01/08/covid-19-coronavirus-mortes-casos-08-de-janeiro.htm>. Acesso em: 17 jun. 2021.

UOL. **História.** Disponível em: <https://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia/>. Acesso em: 18 jun. 2021.

UNESCO. **Jornalismo, fake news e desinformação.** [S.L], 2019. Disponível em: <http://portaldobibliotecario.com/wp-content/uploads/2020/06/ManualFakeNews.pdf>. Acesso em 24 maio 2021.

VALLE, C. V. Identidades, doença e organização social: um estudo das “pessoas vivendo com HIV e AIDS”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 179-210, jun./2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v8n17/19082.pdf>. Acesso em: 24 maio 2021.

VARELLA, D. As origens da gripe suína. *In*: **Drauzio**. [S.L], 18 de abril de 2011. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/artigos/as-origens-da-gripe-suina-artigo/>. Acesso em: 18 jun. 2021.

VASCONCELOS, A. Jornalismo de Saúde: evidências de um processo de especialização. **Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura**, São Paulo, vol. 5-6, p. 247-251, 2014-2015. Disponível em: <https://bit.ly/2DqHFYY>. Acesso em: 20 maio 2021.

WOLF, M. **Teorias da comunicação de massa.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WARDLE, C.; DERAKHSHAM, H. **Information disorder: towards an interdisciplinary framework for research and policy-making.** Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/latest/coe-report/>. Acesso em 24 maio 2021

YAHOO. **Bolsonaro quis mudar bula da cloroquina, diz Mandetta.** [S.L], 21 de maio de 2020. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/bolsonaro-quis-mudar-bula-da-cloroquina-diz-mandetta-124503765.html>. Acesso em: 15 abr. 2021.

YAHOO. **Sem provas, Bolsonaro diz que Covid-19 pode ser vírus da “guerra nuclear bacteriana” que escapou de laboratório.** [S.L], 21 de outubro de 2020. Disponível em: [https://br.noticias.yahoo.com/sem-provas-bolsonaro-diz-que-covid-](https://br.noticias.yahoo.com/sem-provas-bolsonaro-diz-que-covid-19-pode-ser-virus-da-guerra-nuclear-bacteriana-que-escapou-de-laboratorio-124503765.html)

[19-pode-ser-virus-da-guerra-nuclear-bacteriologica-que-escapou-de-laboratorio-124059297.html](#). Acesso em: 17 abr. 2021.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)